



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE

GISLAYNE CINARA DA SILVA

EDUCAÇÃO INFANTIL: IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE NA
ATIVIDADE PRÉ-ESCOLAR

MOSSORÓ- RN

2018

GISLAYNE CINARA DA SILVA

**EDUCAÇÃO INFANTIL: IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE NA
ATIVIDADE PRÉ-ESCOLAR**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito para a Obtenção de Título de Mestre. Área de concentração: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente. Orientador: Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares.

MOSSORÓ- RN

2018

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586e SILVA, Gislayne Cinara da
Educação Infantil: Imaginação e Criatividade na
Atividade Pré-Escolar. / Gislayne Cinara da SILVA. -
Mossoró, 2018.
170p.

Orientador(a): Prof. Dr. Júlio Ribeiro SOARES.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Imaginação e Criatividade. Sentido e Significado.
Educação Infantil.. I. SOARES, Júlio Ribeiro. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

GISLAYNE CINARA DA SILVA

**EDUCAÇÃO INFANTIL: IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE NA
ATIVIDADE PRÉ-ESCOLAR**

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares
Orientador
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof. Dra. Débora Maria do Nascimento
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Prof. Dra. Sílvia Maria Costa Barbosa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

A todos os professores da rede pública de ensino, que a cada dia imaginam e criam a realidade educacional tentando oferecer um ensino de qualidade.

A todas as crianças, que tenham a liberdade de sonhar, imaginar, criar e transformar a realidade.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar essa etapa da minha vida, vem em meus pensamentos o processo histórico que me constitui, as dificuldades que enfrentei, as alegrias, as vivências e experiências que me afetaram levando à persistência, a ter esperança em alcançar degraus cada vez mais altos. Acredito que toda minha formação foi constituída de sonhos, imaginação e criatividade na tentativa de mudar a realidade, de fazer a diferença tanto na vida pessoal quanto profissional.

Cursar o mestrado faz parte de um desses sonhos antes imaginados e agora materializados. A realização desse sonho só foi possível por ter pessoas que sempre me incentivaram e acreditaram que eu não desistiria, que tentaria outra vez. Pois como diz Raul Seixas: “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do quê ter aquela velha opinião formada sobre tudo”. Ou seja, imagino e crio da insatisfação, inquietude em contraversão à mesmice, ao comportamento fossilizado.

A insatisfação nas atividade que impulsionam o revolucionar a ultrapassar os limites ideológicos e alienantes que impediram muitos de seguir os estudos, como por exemplo, para garantir a sobrevivência dos filhos. Foi nesse contexto de luta que minha mãe Maria Genilda enfrentou, abrindo mão dos seus sonhos na busca de realizar os nossos que acabaram se tornando os seus. Mãe que enfrentou medos, noites de sono para que eu e meus irmãos pudéssemos ter a oportunidade de estudar. E cada dia nos incentiva a prosseguir na vida estudantil, e foi esse incentivo que me fez e faz continuar buscando mais saberes experiências e vivências nos ambientes educacionais.

Agradeço a minha Avó Anete Rosa pelo colo e o passar das mãos ásperas e enrugadas em meu cabelo nas noites frias, possibilitando a oportunidade de imaginar e criar sonhos, desejos que me motivavam a tentar realizá-los. Foi através da educação da minha avó que fez ser a pessoa que sou hoje, pois sempre prega a honestidade, a humildade sem ao menos dizer uma só palavra, pois não era necessário, bastava apenas vê-la na luta diária. Nunca precisou dizer: “Cuida, menina, levanta para ir para escola”, pois nas entrelinhas entendíamos o que tínhamos que fazer. Fazendo uma analogia à história infantil Menina Bonita do Laço de fita: “Menina o que a fez ser assim? Respondo: “artes de minha vó”.

Grata a minha irmã Tatiane Dayane companheira, amiga, confidente que sempre tinha uma palavra de incentivo.

Agradeço a meu esposo Roberto Barbosa por estar do meu lado nessa trajetória, sempre compreensivo, com uma palavra amiga. À minha filha Ana Sophia que muitas vezes ao ver a minha preocupação se aproximava, me abraçava e dizia: “mãe, não fique triste, você vai conseguir”.

Aos meus irmão, tios, tias, primos e primas que direta ou indiretamente deixaram sua parcela de contribuição para a minha vida.

Agradeço imensamente ao meu orientador Júlio Ribeiro, um exemplo de humildade, paciência, profissionalismo, o qual tenho um grande orgulho de ter tido a oportunidade de ser orientanda por duas vezes, na graduação e no mestrado. Agradeço pelas orientações, pelo zelo com o trabalho, pelas explicações que me fizeram imaginar e criar a realidade de formas diversas em um movimento constitutivo constante.

À professora Silvinha pela alegria contagiante, pela humildade e a preocupação com todos os alunos, sempre citando palavras de encorajamento. Grata pela preocupação, zelo e cuidado demonstrados especialmente nas viagens.

Agradeço aos colegas de trabalho Ana Maria, Nubia Mendes, Elineide de Moraes, Tércia Luz, Márcia Maria, Francisco (Chico), Aline Lamonielle, Edione Duarte, Raiane e Solange pela compreensão pela disponibilidade em colaborar para que eu pudesse realizar as diferentes atividades.

Ao PROCAD-Programa de Colaboração Acadêmica pela oportunidade de participar no grupo de pesquisa vivenciando momentos de muito aprendizado.

Ao GEPES-Grupo de pesquisa em Educação e Subjetividade pelas experiências e vivências que me proporcionaram momentos de muito aprendizado.

A felicidade que sinto nesse momento e em todos que vivenciei só foram possíveis pois Deus estava guiando os meus passos, dando-me forças, coragem para enfrentar as dificuldades sem perder a fé. Sou grata a Deus por sua infinita bondade.

RESUMO

A pesquisa que resultou neste trabalho dissertativo teve o objetivo de apreender os sentidos e significados que constituem o processo imaginativo e criativo de crianças em idade pré-escolar. A proposta surge dos embaraços que perpassam a atividade imaginativa e criativa na educação infantil que tantas vezes dicotomiza a relação à dialética objetividade subjetividade, naturalizando o seu processo de constituição. Na tentativa de atingir o objetivo proposto, utilizamos como aporte teórico metodológico a Psicologia Sócio Histórica que tem como base epistemológica o materialismo Histórico e Dialético. Em relação aos aspectos metodológicos, utilizamos a entrevista com criança durante a realização de atividades imaginativas e criativas que envolviam contar e ouvir história, desenhar e narrar sobre as produções. A pesquisa foi realizada com um grupo de crianças de quatro anos de idade de uma Unidade de Educação Infantil localizada na zona rural do Município de Mossoró. Para análise e interpretação das informações utilizamos a proposta dos Núcleos de Significações, que nos possibilitou a apreensão das determinações que constituem o sujeito, em sua totalidade, no movimento de imaginação e criatividade. A análise e a interpretação das informações possibilitou a construção de três núcleos de significação denominados: 1 - A arte de ouvir e contar histórias: apropriação das objetivações históricas; 2 - Desenhos: cores e traços da infância; 3 - Era uma vez... Mediações das atividades escolares. A imaginação e a criatividade se constituem a partir das vivências que se configuram dentro e fora da escola dessa forma não podemos falar de uma linearidade entre imaginar e criar, sentido e significado, pensamento e palavra, mas em um movimento diverso e constitutivo. Diante disso, apreendemos que, ao ouvir e contar histórias, as crianças desenvolvem tanto a imaginação quanto a criatividade. E essas trocas objetivas e subjetivas se realizam na atividade de brincar de imaginar e criar representada no traçado do desenho que revelam a arte de imitar a vida, mas não como ela se revela em sua imediaticidade, mas por meio da própria recriação, mobilização e re-mobilização dos sentidos e significados que permitem o revolucionar, transformar e apreender a realidade. Nas atividades escolares, as crianças revelam, por exemplo, tanto o papel dos pais quanto a função da escola no cuidar e educar. Dessa forma apreendemos que a imaginação e a criatividade das crianças na pré-escola é um movimento de significação e ressignificação que revela a forma de pensar, sentir e agir das crianças a partir da realidade vivida. A discussão sobre imaginação e criatividade na pré-escola traz a possibilidade de pensarmos sobre o processo de ensino e aprendizagem das crianças, pois possibilita refletir sobre esse processo do constitutivo do humano não como um processo natural, mas como um processo pedagógico que é social, cultural e histórico. Portanto, como um processo constituído na relação dialética entre objetividade e subjetividade, permitindo, assim, a transformação do mundo e de si mesmo.

Palavras-chave: Imaginação e Criatividade. Sentido e Significado. Educação Infantil.

ABSTRACT

The research that resulted in this dissertation work had the objective of apprehending the senses and meanings that constitute the imaginative and creative process of pre-school children. The proposal comes from the embarrassments that permeate the imaginative and creative activity in the infantile education that so often divides the relation to the dialectic objectivity subjectivity, naturalizing its process of constitution. In the attempt to reach the proposed objective, we use as methodological theoretical contribution the Socio Historical Psychology, which has as epistemological basis the Historical and Dialectical materialism. In relation to the methodological aspects, we used the interview with children during imaginative and creative activities that involved telling and listening to history, drawing and narrating about the productions. The research was carried out with a group of four-year-old children from an Infant Education Unit located in the rural area of the County of Mossoró. For the analysis and interpretation of the information we used the proposal of the Nucleus of Meanings, which enabled us to apprehend the determinations that constitute the subject, in its totality, in the movement of imagination and creativity. The analysis and interpretation of information allowed the construction of three nuclei of meaning called: 1 - The art of listening and telling stories: appropriation of historical objectifications; 2 - Drawings: colors and features of childhood; 3 - Once upon a time... Mediation of school activities. The imagination and the creativity are constituted from the experiences that are configured inside and outside the school in this way we can not speak of a linearity between imagining and creating, sense and meaning, thought and word, but in a diverse and constitutive movement. Faced with this, we learn that by listening and telling stories, children develop both their imagination and their creativity. And these objective and subjective exchanges take place in the activity of play of imagining and creating represented in the drawing line that reveal the art of imitating life, but not as it reveals itself in its immediacy, but through its own re-creation, mobilization and remobilization of the senses and meanings that allow us to revolutionize, transform and apprehend reality. In school activities, children reveal, for example, both the role of parents and the role of school in caring and educating. In this way we learn that children's imagination and creativity in preschool is a movement of signification and re-signification that reveals children's way of thinking, feeling and acting out of their lived reality. The discussion about imagination and creativity in preschool brings the possibility of thinking about the process of teaching and learning of children, because it allows to reflect on this process of the constitutive of human not as a natural process, but as a pedagogical process that is social, cultural and historical. Therefore, as a process constituted in the dialectical relationship between objectivity and subjectivity, thus allowing the transformation of the world and of itself.

Key-words: Imagination and Creativity. Sense and Meaning. Child Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Desenho produzido pela criança “A” do Infantil I.....	35
FIGURA 2 - Cenário para realização da pesquisa	58
FIGURA 3 - Desenho produzido por uma criança do Infantil I. (A lebre e a tartaruga)	59
FIGURA 4 - Tapete de Conto de Fábula Infantil.....	63
FIGURA 5 - Movimento Dialético da Compreensão do Texto.....	83
FIGURA 6 - Desenho do ratinho no quintal produzido por Outono.....	86
FIGURA 7 - Desenho produzido por Verão. (O ratinho levando o leão ao hospital)	87
FIGURA 8 - Desenho feito por Inverno retratando o leão e o Ratinho em uma aventura na floresta.....	90
FIGURA 9 - Desenho produzido por Verão.....	96
FIGURA 10 - Desenho produzido por Primavera. (Representação das aventuras em família).....	101
FIGURA 11 - Desenho produzido por Inverno	107

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Artigos publicados na CAPES.....	20
QUADRO 2 - Teses publicadas na CAPES	20
QUADRO 3 - Exemplos de Elaboração de Pré-Indicadores	74
QUADRO 4 - Exemplos de Elaboração de Indicadores.....	76
QUADRO 5 - Exemplos de Elaboração de Núcleos de Significação.....	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UEI	Unidade de Educação Infantil
ZDP	Zona de Desenvolvimento Próximo
GEPES	Grupo de Estudos em Pesquisas em Educação e Subjetividade
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
PROCAD	Programa Nacional de Cooperação Acadêmica - UFAL, UFPI, PUC, UERN

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
2 - CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO HUMANO	23
2.1 - Homem e Sua Constituição Histórica e Social	23
2.2 - Criança e Infância	27
3 - AS CATEGORIAS SÓCIO-HISTÓRICAS: A DIMENSÃO CONSTITUTIVA DA IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE	31
3.1- Mediação.....	32
3.2 - A Imaginação e a Criatividade.....	34
3.3 - Linguagem e Pensamento	40
3.4 - O Pensamento e a Linguagem na Infância: a formação de conceitos.....	41
3.5 - Sentidos e Significados da Imaginação e da Criatividade	43
3.6 - Zona de Desenvolvimento Próximo	46
4 - METODOLOGIA	51
4.1 - Conhecimento: uma produção humana.....	52
4.2 - O Método da Sócio-Histórica.	54
4.3 - Procedimentos de Produção dos Dados	56
4.4 - Desenho: produções sociais, culturais e históricas	58
4.5 - Entrevista Colaborativa com Crianças.....	61
4.6 - Etapas da Entrevista: momentos de pensar e falar.....	62
4.7 - Observação Participante	64
4.8 - O Sujeito e o Campo da Pesquisa	64
4.8.1 - Primavera	65
4.8.2 - Verão	67
4.8.3 - Inverno	68
4.8.4 - Outono.....	69
5 - PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS	72
5.1 – Pré-Indicadores: articulação entre imaginação e realidade.....	73
5.2 - Sistematização dos Indicadores: associação e dissociação dos elementos	75
5.3 - Núcleos de Significação: a criação	77
6 - A DIMENSÃO SUBJETIVA DA IMAGINAÇÃO E DA CRIATIVIDADE NA PRÉ ESCOLA	79

6.1 - A Arte de Ouvir e Contar Histórias	81
6.1.1 - Amizade caracterizada pela condição das trocas de favores.....	82
6.1.2 - “Bondade é Amar Sua Família, Seus Pais, Irmãos, Todo Mundo Dessa Cidade”: constituídas nas relações objetivas e subjetivas em atividade.	87
6.1.3 - “Viveram Felizes Para Sempre”: amizade e afetividade	89
6.1.4 - “Amizade e Brincadeira no Reino dos Animais”.....	92
6.1.5 - A Linguagem e o Poder de Afetar e Ser Afetado pelo Outro na Produção Imaginativa e Criativa.	95
6.2 - Desenhos: Cores e Traços da Infância.....	97
6.2.1 - “Pedra, Papel, Tesoura”: brincadeira atividade cultural e social	100
6.2.2 - A Família Com o Papel de Cuidar e Educar	103
6.2.3 - Atividades Infantis: a arte de imitar a vida por meio do brincar, desenhar e contar.	106
6.2.4 – Infância: vivências e experiências dentro e fora da escola.....	109
6.2.5 - “Era tarde demais... e tomou o comprimido e melhorou”: o desejo do outro mediando e ressignificando a imaginação e a criatividade.....	112
6.3 – Era Uma Vez... Mediações das Atividades Escolares	113
6.3.1 - Obrigado, Por Favor...: as palavrinhas mágicas como condição de ser e estar no mundo humano	115
6.3.2 - O Enredo: o mundo natural e social por meio dos projetos escolares: alimentação saudável, meio ambiente, noções lógico-matemáticas	117
6.3.3 - Espaço Escolar: historicamente constituído na dialética entre ensinar e aprender	119
6.3.4 - “Fique Prestando Atenção”: A criança imaginando o papel da professora na regulação do comportamento dos coleguinhas	121
7 - IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE NA PRÉ-ESCOLA: UMA ANÁLISE INTERNÚCLEOS	123
REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICES	132
APÊNDICE A.....	133
APÊNDICE B.....	135
APÊNDICE C.....	150
ANEXOS	166

1. INTRODUÇÃO

“Qualquer atividade imaginativa tem sempre uma história longa atrás de si” (VIGOTSKI, 2014). O interesse sobre a temática imaginação e criatividade nas atividades pré-escolares na perspectiva sócio-histórica, surge a partir das vivências e experiências durante a formação na educação básica, superior e, especificamente, na atuação profissional sendo professora e pesquisadora na educação infantil. No intuito de justificar a escolha do objeto de pesquisa, apresentou o processo histórico que motivou a discussão sobre essa temática.

O trabalho educativo segundo Oliveira (2002) é permeado pela intencionalidade de humanizar o homem através de ações mediadoras que buscam a sua emancipação. É um trabalho que contribui, assim, para a transformação da condição biológica de espécie para a condição de ser social e histórico. Essa transformação efetiva-se através da objetivação e apropriação da história sociocultural produzida na coletividade, especialmente no processo de ensino e aprendizagem. E é geralmente na escola, que esse processo de ensino e aprendizagem ocorre de forma sistematizada.

O ensino não é uma atividade neutra. Ele é atravessado por pensamentos, palavras, criatividade e imaginação, isto é, funções psicológicas que são sempre marcadas por afetos e motivações que se constituem impulsionados pelo conjunto das relações sociais, a exemplo dos processos formativos do professor. Sobre essas funções, cabe ressaltar que não se tratam de fenômenos naturais, uma vez que é nas relações sociais, de acordo com Vigotski (2001) que os sujeitos se desenvolvem.

Essa discussão sobre a atividade de ensino nos faz lembrar águas das nossas vivências escolares como sujeitos históricos. Daí nos vem à memória a aula daquela professora recém-formada que ministrava a disciplina de Língua Portuguesa no 1º ano do Ensino Médio. Suas aulas eram instigantes e se diferenciavam das outras disciplinas. A cada aula éramos motivados a discutir de forma dinâmica e criativa temas conflitantes, como a sexualidade. As discussões eram realizadas por meio de metodologias participativas, como teatro, dramatização de música, declamação de poesia, entrelaçando à gramática, figura de linguagem e literatura.

Com isso, compreendíamos o que estava sendo ensinado, motivados a analisar e refletir sobre os assuntos de forma crítica e reflexiva, para além do que estava visivelmente posto. Aprendemos a abstrair e a pensar sobre conceitos, além de sua

semântica, generalizamos, refletimos sobre os temas propostos a partir das várias interpretações objetivas e subjetivas a que tínhamos acesso.

Nas aulas as relações sociais eram marcadas pela diversidade de vozes e instrumentos que faziam com que a aprendizagem acontecesse. Todos adoravam as aulas dessa professora. Esperávamos ansiosos por ela, pois a cada encontro algo novo seria descoberto, definido, interpretado.

Em outras disciplinas, como matemática, buscávamos compreender matriz, determinante, logaritmos, que transformavam pensamento em uma raiz quadrada sem resposta exata, um emaranhado de X e Y que não apresentava, pelo menos de forma imediata, uma finalidade real e concreta, de modo que não sabíamos o porquê estudávamos esse conteúdo.

Ou como em física que passávamos cerca de mais ou menos $\Delta T = T_0 - T^1 =$
 $\Delta T = 10 - 7 = 3h$ estudando as fórmulas que justificavam as matérias, massas, a resistência, mas não conseguíamos levar para o mundo real. Era um conhecimento gravitacional, sabíamos da sua existência, mas não a enxergávamos no mundo real. Resumia-se a conhecimento escolar, pelo menos, era essa a compreensão.

O ensino da física e da matemática era marcado pela reprodução das experiências vivenciadas pelo professor. Não havia novidade. Fórmulas e cálculos eram apresentados e resolvidos, sem instigar nos alunos o interesse pela matéria. A avaliação final ocorria a partir da seleção de algumas questões que já haviam sido resolvidas pelo professor em sala de aula.

No entanto, não podíamos julgar a atuação docente com um olhar superficial, mas compreender que por trás da atuação docente perpassam conflitos subjetivos e objetivos que envolvem questões sociais, econômicas, políticas que intervêm na sua prática.

Após a finalização da educação básica a pesquisadora fez o vestibular para Pedagogia, sendo aprovada e ingressando no curso no ano de 2007.

As aulas nesse período eram caracterizadas pela diversidade das práticas pedagógicas que se materializavam em um processo, mediado por discursos e instrumentos, que se diferenciava do ensino médio por sua estrutura epistemológica. As aulas eram para os discentes um campo repleto de novidades que causavam estranhamento e medo do fracasso, pois estavam habituados apenas a reproduzir o que estava na memória e o curso de Pedagogia exigia a reflexão crítica sobre as discussões

¹ Fórmula da física sobre a variação do tempo

teóricas e metodológicas. Nesse contexto os discentes deviam expressar suas ideias, opiniões e interpretações através das diversas atividades, materiais ou simbólicas. “A imaginação criativa em toda sua forma tenta afirmar-se em atos exteriores, que existiam não apenas para o próprio autor, mas também para os outros” (VIGOTSKI, 2014, p. 48).

As práticas dos professores eram diversas, alguns utilizavam diferentes recursos pedagógicos vinculados diretamente aos usos tecnológicos, enquanto que outros agarravam-se ao uso de instrumentos escritos que tinham como finalidade transmitir as informações utilizando a lousa. O ensino se caracterizava com a transmissão das informações de forma linear, pois as respostas dos discentes se realizavam pela reprodução fiel das informações.

Com isso, parecia não haver nenhuma perspectiva de práxis pedagógica. Como diz Soares (2011) a práxis pedagógica não é única, mas sim diversa, sendo mediada pela particularidade das objetivações que constituem o espaço escolar em suas relações objetivas e subjetivas. No espaço escolar, as vivências profissionais não são internalizadas de forma igualitária. Os sujeitos são afetados de acordo com os sentidos que vão sendo constituídos nessas relações profissionais.

Nessas atividades apresentavam as significações e ressignificações das diferentes concepções: histórica, social e cultural que constituíam o curso de formação de professores nesse período histórico. Como diz Oliveira (2002) o trabalho educativo parte da concepção de homem construída social e historicamente. No entanto, não tinham o hábito como diz Saviani (1997), isto é, não éramos habituados a realizar atividades que propuséssemos a relacionar ideias e expressá-las de forma criativa. Como ressalta ainda o autor, não fazia parte da nossa natureza², da natureza individual e psicológica do sujeito constituídas das determinações e mediações sociais objetivas e subjetivas produzidas nas relações entre os sujeitos em atividade, especificamente nesse caso, a partir do processo de ensino-aprendizagem. O hábito se constitui a partir de um longo processo de ensino-aprendizagem em que nos desenvolvemos a partir das atividades constantes de produção, leitura e interpretação da realidade mediadas pelas teorias. A imaginação e a criatividade constituíam e se materializavam nas produções científicas, nas pesquisas, nos artigos, nas participações em eventos, debates.

O pano de fundo da formação inicial trazia a ideia de ensino-aprendizagem que partisse da perspectiva do aprender a aprender, o aluno como um sujeito pensante ativo,

² O termo natureza não está sendo utilizado no sentido da natureza biológica, mas da essência da natureza do gênero humano.

social, cultural e histórico. As teorias de Emília Ferreiro, Jean Piaget, Vigotski, Paulo Freire, Magda Soares, Schenewly e Dolz entre outros constituíam as significações do que é ser professor. Um sujeito que realiza atividades possíveis, mas também se defronta com fracasso, o impossível, o não realizado, mas que pensa o ensino aprendizagem como um processo constante de desenvolvimento em que o aluno não apenas recebe de forma linear, mas produz a partir das mediações dentro e fora da sala de aula.

Com a conclusão do curso de Pedagogia a licenciada passou a fazer provas de concursos públicos sendo aprovada e assumindo o cargo de professora da educação Infantil no município de Mossoró, Rio Grande do Norte. A inserção na educação infantil ocorreu no ano de 2014, assumindo a turma do Infantil I na pré-escola, nível que permanece atuando.

As primeiras experiências desvendavam as várias dúvidas que a rodeavam diante da atuação na educação infantil, dentre elas a concepção de ensinar e aprender brincando. Visto que na prática, a ideia de aprender brincando não estava bem definida, pelo menos era essa interpretação que tínhamos diante da imediaticidade revelada na realidade. Havia um antagonismo entre brincar e ensinar, ambos apresentavam-se como dois fatores dissociados. O brincar como um momento de diversão e satisfação para a criança, sem um direcionamento ou objetivo proposto pelo docente, em outros momentos a efetivação de atividades direcionadas ao processo do ler, escrever e contar. É importante destacar que nossa intenção não é desconsiderar a importância das habilidades e competências a serem desenvolvidas nas crianças, ou simplesmente julgar a prática docente sem elucidar as configurações objetiva e subjetiva da escola pública, mas a proposta é refletir sobre a forma e conteúdo como se vem sendo trabalhado nos ambientes de atividades na educação infantil. Essa prática revela as concepções que compõem as significações dos professores sobre criança, infância, cuidar e educar e a própria concepção do brincar formulada socialmente e historicamente.

A estrutura da proposta das atividades na educação infantil pautada no brincar perpassa a imaginação e a criatividade como princípio nuclear do processo de desenvolvimento da criança. Visto que o DCNEI³ parte da perspectiva de que a criança é:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva,

³ Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil

brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (Brasil, 2010, p.12).

Dessa forma compreendemos, que toda formação humana, o pensar, sentir e agir, desenvolve-se de forma integral preambulando nesse processo pelos aspectos imaginativos e criativos constantemente de forma consciente ou inconsciente, nas diferentes atividades vivenciadas no espaço da educação infantil nos processos colaborativos entre os sujeitos. “Podemos dizer, então, que a consciência se põe em movimento na atividade, alternando-se entre o ideal e o real, mas de modo que o resultado prefigurado, idealizado, e o resultado real, definitivo, se distanciam cada vez mais”. (SOARES, 2011, p.64). Isto é, imaginamos e criamos, a todo momento, especialmente as crianças. Mas para isso é necessária oportunidade, incentivo para a criação. Mas será que estas concepções estão claras para os profissionais? Será que a brincadeira imaginativa e criativa é impulsionada ou inibida pelos professores? Mas o que possibilita o desenvolvimento da imaginação e da criatividade?

Na prática pedagógica das salas de atividades traçamos um planejamento que vise a problematização em diversos contextos e situações, acreditamos que as indagações sejam instrumentos mediadores que possibilitam o desenvolvimento do pensamento imaginativo, fazendo com que a criança participe ativamente do processo expondo suas interpretações, elaborando e constituindo suas ideias, criando. No entanto, era uma prática que realizávamos, não pensávamos sobre o processo imaginativo e criativo em si, suas contribuições para formação da criança.

Entretanto a atuação docente muitas vezes se tornava conflitante pelo antagonismo entre conflitos epistemológicos entre as concepções que se constituía a profissional, as propostas públicas e o que realmente o contexto da educação exige. Assim, muitas vezes o trabalho direcionado à imaginação e à criatividade não era pensado como categoria do pensamento, a ser realizado pelas crianças, mas como processos auxiliares metodológicos na busca do desenvolvimento das habilidades específicas a serem desenvolvidas pelo professor ou pela criança em sala de aula.

Se pensarmos sobre a apresentação teórica das políticas públicas, por exemplo, verificamos que está empregando nas entrelinhas a significação na perspectiva apenas de enunciação dos termos imaginação e criatividade como objetos que necessitam estar nas ações metodológicas do processo de ensino aprendizagem, mas não as discutem como um processo que constitui o pensamento ou a sua dimensão subjetiva.

A imaginação e a criatividade podem até ser desenvolvidas nas salas de aula, mas são categorias que em termos conceituais não são discutidas, se materializando muitas vezes de forma inconsciente na prática docente, sendo consideradas como um meio a atingir objetivos direcionados às habilidades e competências propostas nos currículos da educação infantil, ou seja, direciona-se essas categorias, como processo dialético que constitui a ação pedagógica e não as funções psicológicas da criança.

Diante das práticas pedagógicas apresentadas acima acreditamos que o que instiga os alunos é atividades marcadas pela novidade, a criatividade e imaginação que entrelaçam o processo de ensino e aprendizagem. Um ensino diferenciado que busque os diversos artifícios, que problematize, indague, reflita sobre a aprendizagem nas suas contradições e constituições.

A atuação profissional do professor que parta da criatividade necessita acompanhar as mudanças sociais, as concepções de ensino, aprendizagem, aluno, homem que avança com contemporaneidade. É um processo, como diz Freire (1996), que vise à construção de uma reflexão crítica sobre a prática de ensino do professor. Necessita, ainda, se desenvolver com base no processo de reflexão-ação-reflexão para que possa estimular um planejamento que fuja da reprodução e repetição de ações que contribuem para um ensino fixado na mesmice e desmotivação do alunado.

A imaginação e a criatividade perpassam todos os níveis de ensino e as áreas de conhecimento. Mas é na educação infantil que se manifestam mais efetivamente, devido à sua constituição pedagógica e curricular estar voltada especificamente para a realização de atividades que permitem, por exemplo, a criação de desenhos e brincadeiras. Como diz Toquinho: “Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo e assim com seis retas é fácil fazer um castelo. Corro o lápis em torno da mão e tenho uma luva. E se faço chover com dois riscos tenho um guarda-chuva”. Fazendo coro à música de Toquinho, acreditamos que as crianças criam e recriam vivências e experiências e representam a partir das suas interpretações. Assim, encontramos na sala de aula, o faz de conta materializado nas brincadeiras, na contação de histórias, nos desenhos.

Em contrapartida é frequente ouvirmos discursos de alguns professores angustiados sobre as aulas, que os alunos são indisciplinados, que não prestam atenção, que só querem saber do brincar e não conseguem aprender. Ou o inverso, que na educação infantil as crianças apenas devem brincar.

Isso nos faz lembrar algumas narrativas de professores em formação em período de estágio supervisionado na educação infantil na unidade de ensino. Relataram que

realizavam um planejamento diversificado, com ações e instrumentos que são considerados criativos, mas, na prática, não apresentam o resultado pensado, ou seja, a atividade não é realizada conforme o que fora inicialmente planejado.

Diante de todas as exposições e argumentos apresentados que se desenvolveram no decorrer do processo social e histórico vivenciado, surgiram algumas inquietações sobre a constituição da imaginação e da criatividade na educação Infantil. Assim, partimos com o objetivo de apreender os sentidos e significados que constituem o processo imaginativo e criativo das crianças na pré-escola.

Para isso utilizamos referenciais teórico-metodológicos da Psicologia sócio-histórica, perspectiva fundamentada no materialismo histórico e dialético como princípios filosóficos, teóricos e metodológicos. Isto é, compreende o homem e a sociedade como pares que se constituem dialeticamente em um movimento constante. Nesse sentido, considera o homem como um sujeito ativo, social e histórico. Ou seja, a sociedade constitui e é constituída pelo homem através das relações sociais e de trabalho. (BOCK, 2015).

Dentre os autores que contribuíram para a fundamentação teórico-metodológica utilizamos Vigotski, (2001, 2009, 2014), Duarte (1993, 2003), Leontiev (1978), Yves Clot (2010), Gonzáles Rey (2005, 2005), Bock (1999, 2015), Aguiar e Ozela (2013), Aguiar, Soares e Machado (2015), Soares (2011) dentre vários outros autores que discutem fundamentados na perspectiva sócio-histórica que trouxeram contribuições pertinentes à discussão realizada na pesquisa.

Imaginamos: Quais as contribuições desta pesquisa para o processo de ensino aprendizagem e desenvolvimento humano e profissional? Na tentativa de responder a tal questionamento discutiremos a seguir alguns aspectos que demonstram a relevância da pesquisa para a educação especificamente para a fase infantil.

A educação infantil é de grande importância, pois é a base da formação integral do sujeito, que necessita de um alicerce sólido, de professores críticos e reflexivos que busquem compreender e entender a dimensão que compõe a realidade objetiva e subjetiva da educação infantil em um movimento dialético constante. Como diz Leontiev (1978, p. s/n): “A atividade externa e interna, do sujeito é mediada e regulada por um reflexo psíquico da realidade”.

Necessitamos contribuir para que os professores possam pensar e desmistificar o ideário dicotômico existente entre interno e externo como polos distintos e opostos. Concepção que integra o cenário imaginativo e criativo no processo de ensino e

aprendizagem. Isto é, essas categorias são utilizadas enquanto processo interno ou externo e não se vê ou interpreta a relação indispensável entre ambos.

Para fundamentar as afirmações descritas anteriormente realizamos uma busca para investigar as produções científicas que discutem a temática. Utilizado como referência o banco de dados e teses da CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento da Pessoa do Nível Superior. Os critérios de busca utilizados foram produções realizadas nos últimos cinco anos dentre periódicos e teses que apresentem os termos imaginação e criatividade atrelados à educação infantil e à criança. Utilizamos como descritores: Educação Infantil - Imaginação e criatividade, Imaginação e criatividade na infância e imaginação e criatividade. Veja o Quadro Abaixo:

QUADRO 1 - Artigos publicados na CAPES

Título	Auto(a)	Ano
A arte de contar histórias na educação infantil	SOUSA, Franciele Ribeiro. STRAUB, Sandra Luzia Wrobel.	2014
Criatividade em ação: ser criativo é ser criança	FILHO, Antônio Mendes.	2012
A importância do brincar para a construção do conhecimento na educação infantil	ALMEIDA, Damiana Machado. CASARIN, Melânia de Melo.	2012
O desenho da criança na educação infantil	SILVA, Gisele da Costa.	2016
A política de organização das infâncias e o currículo da educação infantil e do primeiro ano	ABRÃO, Ruhena Kelber.	2011

Fonte: Capes (2018).

QUADRO 2 - Teses publicadas na CAPES

Título	Autor (a)	
A arte: uma viagem com Miró	CARREIRA, Joana Filipa Formiga.	2013
Magia dos sentidos. Poesia e criatividade: um contributo para o desenvolvimento da expressão oral em crianças do pré-escolar	RIBEIRO, Maria Angelina Teixeira Cavalcante.	2012
Criatividade infantil na atividade de contar histórias: uma	MOZZER, Geisa Nunes de Souza.	2008

perspectiva histórica cultural da subjetividade		
A criatividade no trabalho pedagógico do professor e o movimento em sua subjetividade.	ARRUDA, Tatiana Santos.	2014
Constituição da aprendizagem criativa no processo de desenvolvimento da subjetividade	AMARAL, Ana Luiza Snoeck Neiva do.	2011

Fonte: Capes (2018).

De acordo com nossa pesquisa verificamos que os estudos sobre as categorias imaginação e criatividade são discussões que foram realizadas, em sua maioria, a mais de três anos na CAPES, em outros sites de pesquisa, como a Scielo, por exemplo, as discussões ocorreram em um período de tempo maior, cerca de cinco anos atrás.

As categorias imaginação e criatividade não são categorias principais, mas termos integrantes de um conceito maior, ou seja, são utilizadas como instrumentos metodológicos e não psicológicos. Demonstrando uma relação de causa e efeito, ou seja, o efeito da brincadeira é a imaginação e a criatividade, por exemplo, mas não se pensa como uma causa e vice-versa. Como diz Góes (2000, p. 13) “A causa pode transformar-se em efeito e este em causa, dinamicamente”. Dessa forma, desconsidera a relação dialética do processo. Com isso acaba desconsiderando os aspectos históricos, social, cultural que os constitui. Percebe-se que as discussões direcionadas à psicologia sócio-histórica também apresentam-se de forma bastante limitada, apenas as teses orientadas por Albertina Martinez apresentam essa discussão sendo fundamentadas pela perspectiva histórico-cultural, porém apresenta como característica principal não o par dialético imaginação e criatividade, mas valoriza a criatividade e a subjetividade.

As discussões sobre a temática não são frequentes seja nas pesquisas científicas, na formação continuada ou, no próprio contexto educacional, quando se discute, volta-se para a prática docente, políticas públicas, as brincadeiras, o desenho, sendo apenas citados, fazendo uma analogia e como se fossem termos acessórios e não integrantes da oração⁴ etc.

⁴ Termos acessórios são os que modificam ou especificam outros termos e que não são essenciais para a estrutura sintática das orações. Termos integrantes são os termos essenciais para a compreensão da oração, completando a significação transitiva dos verbos e dos nomes.

A própria discussão sobre as temáticas que constituem a educação infantil é limitada, voltando-se muitas vezes para os níveis fundamental, médio e superior.

Contudo nossa tentativa é contribuir para pensarmos sobre a imaginação e a criatividade em seu processo constitutivo enfatizando tanto os aspectos objetivos quanto subjetivos e não apenas a sua materialização, conseqüentemente deixamos nossa colaboração na formação e efetivação da prática docente na pré-escola.

Na tentativa de apreender os sentidos e significados que constituem o processo imaginativo e criativo das crianças na pré-escola, realizamos uma discussão teórico-metodológica na perspectiva sócio-histórica que possibilita apreender o fenômeno em seu movimento constitutivo. Para isso estruturamos o trabalho da seguinte forma:

No primeiro capítulo apresentamos o delinear da constituição do objeto da pesquisa a partir do levantamento histórico da formação e da atuação profissional destacando os embaraços em relação à imaginação e à criatividade que permeiam o ensino e aprendizagem.

O segundo capítulo traz a discussão sobre a constituição do gênero humano através do movimento de apropriação e objetivação, ou seja, o movimento histórico e social da constituição do humano em atividade, a partir do campo das necessidades e motivos. Nesse capítulo apresentamos a discussão da constituição da criança nas atividades da infância.

No terceiro capítulo discutimos as categorias da sócio-história, a dimensão constitutiva da imaginação e criatividade, que possibilitam a apreensão e a compreensão do fenômeno pesquisado. As categorias de pensamento e análise são: Imaginação e Criatividade, Pensamento e Palavra, e dentro dessa categoria apresentamos O Pensamento e a Linguagem na infância: a formação de conceitos, os Sentido e Significado, Mediação e a Zona de Desenvolvimento Próximo.

No quarto capítulo apresentamos o método da psicologia sócio-histórica, os sujeitos e o campo da pesquisa, os procedimentos utilizados na produção das informações e o método de análise, os núcleos de significação. A metodologia da pesquisa está estruturada da seguinte forma: 1 - A Arte de Fazer Pesquisa; 2 - Conhecimento: uma produção humana; 3 - Procedimentos de produção dos dados Desenho: produções sociais, culturais e históricas. Entrevista colaborativa com crianças; Etapas da entrevista: momentos de pensar e falar; Observação participante; Os sujeitos e o campo da pesquisa - Processo de Análise dos Dados.

No quinto capítulo realizamos o movimento de análise e interpretação dos núcleos de significações que se configura pela elaboração e três núcleos que se apresentam com temáticas direcionadas ao fenômeno investigado.

Nas considerações finais realizamos o movimento internúcleos, o estudo dos núcleos discutidos no capítulo anterior que se aglutinam constituindo a síntese dos sentidos e significados constituídos na imaginação e criatividade das crianças na pré-escola.

2 - CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO HUMANO.

Entender a imaginação e a criatividade em uma abordagem social e histórica perpassa pela essência da formação do sujeito, sua constituição que acaba definindo a concepção de homem que assumimos a ideia do sujeito não só biológico, mas social, o gênero humano.

2.1 - O Homem e Sua Constituição Histórica e Social

Para ser bem compreendida a discussão sobre imaginação e criatividade evoca-se a necessidade também de discutir e entender o processo de constituição humana. Para isso, buscamos discutir a concepção de homem a partir da perspectiva sócio – histórica, que enfatiza que a formação do sujeito, é um processo mediado pela história e a sociedade. Nesse processo, não há dicotomia na relação entre interno/externo, individual/social, objetivo/subjetivo.

Para explicar o processo de constituição do sujeito, recorreremos a Duarte (1993) que o compreende como um processo de apropriação e objetivação da realidade. Esse é um processo que não ocorre de forma natural e espontânea, mas em atividade.

Para Duarte (1993), o homem se constitui em atividade de apropriação da natureza e da cultura que são transformadas para atender as suas necessidades. Nesse processo de transformação, o sujeito também se transforma, ocorrendo o que poderia ser chamado de objetivação, isto é, a transformação do homem a partir do que foi por ele transformado. É dessa forma, portanto, que o homem humaniza a natureza e a si próprio. Com isso, o homem dá um salto de qualidade, deixando de pertencer apenas à espécie humana para fazer parte também do gênero humano. “As características do gênero humano resultam

do processo histórico de objetivações e não é transmitida biologicamente aos membros do gênero humano, razão pela qual eles têm que delas se apropriar”. (DUARTE, 1993, p. 42).

O homem torna-se um ser genérico ao produzir e se apropriar da história e da cultura humana, isto é, apropriando-se das objetivações genéricas por ele produzidas. Noutras palavras, isso significa que é na atividade que o homem se constitui como humano genérico. Mas, para entender o campo da atividade, é importante considerar duas de suas dimensões, a atividade vital e a atividade vital humana.

Sobre a atividade vital, Duarte (1993) esclarece que é o meio pela qual a espécie se reproduz, a espécie animal e a espécie humana. É a reprodução que garante a continuação da espécie e não do gênero humano. O gênero humano se constitui na/pela atividade vital humana.

A atividade vital humana, de acordo com o autor, é a atividade que constitui o ser genérico, o sujeito individual, social, cultural e histórico.

Como diz Duarte (1993, p. 18): “A atividade vital humana não é apenas uma atividade que assegura a sobrevivência do indivíduo que a realiza e de outros imediatamente próximos a ele, mas é uma atividade que assegura a existência da sociedade”.

O processo de apropriação e objetivação do homem tem sempre como base o seu campo de necessidades, sejam elas biológicas, cognitivas, afetivas ou sociais. Essas necessidades impulsionam a ação transformadora do homem sobre a realidade circundante mediada pelo processo de apropriação e objetivação. Ao se objetivar o sujeito encarna o objeto por ele transformando. Essa ação faz surgir, consciente ou inconscientemente a constituição de novas necessidades. Duarte (1993, p. 32) denomina essa ação de “necessidades de novo tipo”.

O que possibilita o desenvolvimento histórico é justamente o fato de que a apropriação de um objeto (transformando-o em instrumentos, pela objetivação da atividade humana nesse objeto, inserindo-o na atividade social) gera na atividade e na consciência do homem, novas necessidades e novas forças, faculdades e capacidades (DUARTE, 1993, p. 35).

A constituição do homem é um processo mediado pela apropriação da produção histórica da humanidade e sua objetivação nela. Por se tratar de um processo permanente,

nunca atingindo um ponto final, pode se dizer que a constituição humana é “um ato de nascimento que se supera” (DUARTE, 1993, p. 32).

O ato de nascimento que se supera é um processo histórico de criação do homem, isto é, da linguagem, do pensamento, dos sentidos e significados.

A história, enquanto processo de criação do homem pelo homem, enquanto ato de nascimento que se supera, não pode, portanto, ser pensada de outra forma que não seja a da atividade dos seres humanos que nascem no interior de um momento histórico. Cada geração tem que se apropriar das objetivações resultantes da atividade das gerações passadas. (DUARTE, 1993, p. 39).

Ao se apropriar da produção histórica da humanidade o homem se objetiva nela, de modo que as características do homem são características históricas. Isto é, o sujeito se transforma em sujeito histórico e cultural.

Para avançar na compreensão do processo de apropriação da história e objetivação do humano é importante ressaltar que o sujeito se transforma e se constitui pela mediação do uso de instrumentos físicos e simbólicos, cujo papel consiste em regular a constituição humana.

Sobre os instrumentos físicos, vale ressaltar que são objetos constituídos em atividade com a finalidade de modificar a realidade objetiva. Rego (1995) diz que o instrumento instiga a possibilidade de mudanças externas. Os instrumentos criados pelo homem conservam em suas características, funções que são historicamente transmitidas para as gerações seguintes.

A transformação e a criação do objeto ocorrem a partir da regulação e modificação objetiva e subjetiva na/da relação entre os sujeitos.

Para Duarte (1993) o uso de instrumentos, como mediadores da atividade, são criações significadas pela sua função. Essa função é passada de geração a geração, assim o homem utiliza a caneta para escrever, pois foi criada para tal função, porém a caneta pode servir para outra necessidade, isso dependerá das necessidades históricas, culturais e sociais que impulsionaram uma criação do novo ou sua transformação. Como diz Duarte (1993) esses/os instrumentos possuem a história das gerações e ao mesmo tempo sofrem as transformações ocasionadas pelas exigências sociais.

Para o autor, a criação e o uso de instrumento são indicadores de que os sujeitos se apropriam das objetivações das gerações passadas e produzem a historicidade.

Dessa forma, retornamos à história da constituição do instrumento, pois, somos mediados pelas objetivações encarnadas nos objetos e as apreendemos através do outro.

Portanto, o processo de apropriação da cultura e objetivação do homem nesse processo só ocorre nas relações sociais, num processo que é sempre educativo, seja desenvolvido de forma sistematizada na escola, seja desenvolvido espontaneamente na vida cotidiana.

O indivíduo se forma, apropriando-se dos resultados da história social e objetivando-se no interior dessa história, ou seja, sua formação se realiza através da relação entre objetivação e apropriação. Essa relação se efetiva sempre no interior de relações concretas com outros indivíduos, que atuam como mediadores entre ele e o mundo humano, o mundo da atividade humana objetivada. A formação do indivíduo é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando essa educação se realiza de forma espontânea, isto é, quando não há relação consciente (tanto de parte de quem se educa, quando de parte de quem age como mediador) com o processo educativo que está se efetivando no interior de uma determinada prática social. (DUARTE, 1993, p. 47).

Por se tratar de um processo formativo, a apropriação do social pelo indivíduo é um ato educativo. Sendo um ato humano é importante considerar que a educação é também um ato que só ocorre por meio da comunicação. A linguagem é uma necessidade humana que traz em sua essência as objetivações do pensamento e ao mesmo tempo objetiva o pensamento como um campo verbal (Duarte, 1993). Assim sendo, além dos instrumentos físicos, como, por exemplo, o lápis, o caderno e o livro, o processo de objetivação do homem como sujeito histórico e cultural é também mediado pela criação e uso de instrumentos simbólicos, permitindo a constituição da linguagem e pensamento na relação entre os humanos.

A linguagem e o pensamento são construções sociais constituídas de sentidos e significados sobre a realidade. Assim o homem se constitui a partir das significações da realidade.

De acordo com Rego (1995), a linguagem é representação simbólica mediada pelos signos, que possibilita a formação social psíquica do sujeito a partir da relação entre pensamento e palavra, sentido e significado. Diferentemente dos instrumentos físicos, que possibilitam a ação humana sobre a realidade objetiva, os signos são construções culturais que regulam e constituem a linguagem e o pensamento humano.

As determinações, as construções históricas e culturais constituídas historicamente são convertidas, nessa discussão sobre linguagem e pensamento, do exterior para interior, do social para o psicológico, da palavra para o pensamento.

Com isso torna-se possível falar da relação existente entre pensamento e palavra, pois a linguagem constitui o pensamento e ele se realiza pela/na palavra. Essa realização efetiva-se pelo significado. Visto que, a palavra sem significado é um som vazio (Vigotski, 2001).

Rego destaca que o significado possibilita refletir sobre os objetos, ações ausentes a partir do pensamento contribuindo para as generalizações, isto é, categorizar os objetos. A autora cita como exemplo da generalização a palavra árvore que denomina todos os tipos dessa espécie independente de sua caracterização. E isso só é possível devido o papel mediador da linguagem e do pensamento através do significado.

Os sistemas simbólicos permitem a comunicação entre os sujeitos por meio dos significados que constituem e compartilham em um contexto determinado possibilitando a compreensão da realidade.

A linguagem é, portanto, o instrumento fundamental nesse processo de mediação das relações sociais, no qual o homem se individualiza, se humaniza, apreende e materializa o mundo das significações que é construído no processo social e histórico. (AGUIAR, 2015, p. 128).

Assim, percebemos que a linguagem é um instrumento mediador da constituição humana. Formando através da apropriação e da objetivação da linguagem no pensamento humano.

Com isso, é por meio de instrumentos físicos e simbólicos que o homem se constitui, objetivando-se como humano a partir da apropriação da cultura que esses instrumentos permitem transmitir historicamente. Diante da exposição sobre a constituição humana passamos a imaginar: Qual a concepção de criança e infância na perspectiva Sócio-Histórica?

2.2 - Criança e Infância

A criança não é um animalzinho que age de forma apenas prática e instintiva na busca de satisfação das necessidades biológicas da espécie, a exemplo dos animais. É um sujeito que se constitui nas relações com outro apropriando-se e constituindo a cultura humana, processo que se desenvolve constantemente. Diferente dos animais em que o processo evolutivo é mais estacionário como afirma PINO (2005).

As pesquisas sobre o desenvolvimento das crianças eram comparadas, de acordo com a exposição inicial de Vigotski (2001), na discussão sobre o instrumento simbólico e o desenvolvimento da criança ao desenvolvimento da botânica e da zoologia. A pesquisa comparativa entre a botânica e o humano foi feita por Karl Stumpf que valorizava a maturação biológica como fator primordial para o desenvolvimento. No entanto, Vigotski (2001, p. 04) em contrapartida afirma que “a maturação per se é um fator secundário no desenvolvimento das formas mais típicas e mais complexas do comportamento humano”. Conseqüente, os experimentos foram realizados por Buhle comparando a ação prática dos animais à ação das crianças, levando os achados teóricos e práticos às salas de pré-escola. Nesses experimentos a inteligência prática das crianças era um fator desenvolvido para além apropriação da linguagem.

Tais discussões valorizavam o caráter naturalista, biológico na formação do sujeito destacando os fatores inatos, genéticos. Desconsiderando a formação ontogenética, ou seja, não considera o desenvolvimento psíquico do sujeito e sua constituição histórica.

Em contrapartida, Shapiro e Gerke citado por Vigotski (2001) enfatizavam que a criança traz em suas ações características adquiridas pelo adulto isso é visível na imitação e reelaboração das vivências das crianças. Parafrazeando Pino (2005), as ações da criança desde a tenra idade, são mais imitativas do que instintivas, isso se realiza devido ao contato com a cultura humana, diferente dos animais que atuam de forma automática e instintiva.

Não estamos desconsiderando os fatores biológicos, pois são distintos, mas se constituem na relação dialética com apropriação da cultura, se constituindo em movimento dialético entre as funções psicológicas elementares, as funções biologicamente desenvolvidas, que nas relações tipicamente humanas com o outro formam-se as funções psicológicas superiores, o pensamento, a memória, a consciência desenvolvidos no processo de internalização⁵ nas e das práticas sociais. É importante frisar que essa internalização entre externo-interno não ocorre de forma linear. “Essa reconstrução é também um processo afetivo que vai se constituindo dialeticamente ao longo da história de vida do sujeito”. (SOARES, 2011, p. 42).

As funções psicológicas superiores são constituídas pela mediação dialética entre os instrumentos (externo) e o signo (interno). Isto é, a criança desenvolve através da

⁵ A reconstrução interna de uma operação externa (VIGOTSKI, 2007, p. 56).

mediação simbólica interna e externa. A criança pequena, por exemplo, relaciona-se e constitui-se pela materialidade objetiva, isto é para compreender é necessária a intervenção instrumental e conseqüentemente dos signos através do outro. Nesse processo, as funções vão se modificando, desenvolvendo-se, tornando-se mais abstratas, a criança não necessariamente deve estar em contato direto com o objeto material, pois esse objeto está internalizado no pensamento e na linguagem, a significação constituída anteriormente. “O desenvolvimento, neste caso, como frequentemente acontece, não se dá em círculo, mas em espiral, passando por um mesmo ponto a cada nova revolução, enquanto avança para um nível superior”. (VIGOTSKI, 2007, p. 56).

O ato de apontar, como diz Vigotski (2007), das crianças pequenas apresenta-se inicialmente apenas com intenção de pegar, no entanto a definição do movimento é modificada, construída pela linguagem e compreensão do outro que significa o ato de pegar em apontar. “... Significado primário daquele movimento malsucedido de pegar é estabelecido pelo outro”. (VIGOTSKI, 2007, p. 57). Concordando com a ideia de Pino (2005), que enfatiza a constituição social das expressões corporais (sensório - motor) da criança, o corpo fala, e essa fala é interpretada e significada pelo outro.

Compreender e interpretar o mundo são uma constituição da cultura humana na e pela criança através dos símbolos e pela apropriação do sistema simbólico, dentre eles os signos e os instrumentos, construções históricas do homem.

A criança se constitui a partir da apropriação das significações que constitui a cultura humana se apropriando como diz Pino (2005), pela relação semiótica construída pelo homem historicamente. Dentre esses instrumentos simbólicos se encontra a linguagem, como diz Vigotski (1997), a apropriação do meio cultural perpassa pelo campo da mediação do outro em um processo entre interno – externo, ou seja:

Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológico), e, depois, no interior da criança (intrapsicológico). (VIGOTSKI, 2007, p. 58).

E essa constituição da criança se dá através da apropriação da cultura uma condição humana. “... o nascimento cultural da criança (ou seja, de cada indivíduo humano em particular) é a porta de acesso dela ao universo das significações humanas, cuja apropriação é condição da sua constituição como ser cultural”. (PINO, 2005, p. 59).

Nessa relação interpessoal e intrapessoal o elo entre a criança e o adulto através da educação que vão se constituindo as significações que integram a infância, condição de ser criança. A infância é constituída por meio de ações objetiva e subjetiva da criança no contexto contemporâneo.

A infância, como diz Silva (2017), baseada nas ideias de Kramer, é um processo contraditório. A imagem da criança culturalmente é representada pela inocência, pureza e a fragilidade levando a paparicação, o cuidado e a educação do adulto sobre a mesma. As obras de artes constituídas na contemporaneidade mostram justamente a concepção de infância que se tem na atualidade. Veja o poema de Casimiro de Abreu:

Como são belos os dias do despontar da existência!
Respira a alma inocência como perfume a flor!
O mar é lago sereno, o céu um manto azulado, o mundo dourado, a vida
um hino de amor... Oh! Dias da minha infância! Oh! Meu céu de
primavera! Que doce a vida não era nessa risonha manhã. Em vez das
mágoas de agora, eu tinha nessas delícias de minha mãe as carícias e
beijos da minha irmã. (ABREU, 1972, p. 7).

Ao mesmo tempo ainda segundo a autora há a contradição dessa ideia, pois desperta a concepção da criança enquanto ser incompleto surgindo, a necessidade da intervenção do adulto na formação da personalidade infantil. Assim, “a concepção de infância tem sua base no social e enfatiza que nos campos pedagógicos e filosóficos a criança assume uma imagem contraditória, que tem no seu aspecto social contradições que são encobertas pelas considerações morais e metafísicas” (SILVA, 2017, p. 39). Parafraseando Pino (2005), a criança nasce apta a aprender, a se apropriar da cultura.

A concepção de infância representada na imaginação e na criatividade das artes contemporâneas mostram a concepção construída social e culturalmente. A Música interpretada pela cantora Kell Smith carrega em sua materialidade imediata a significação da infância. Veja:

Era uma vez, o dia em que todo dia era bom. Delicioso gosto e o bom gosto das nuvens serem feitas de algodão. Dava para ser herói no mesmo dia em que escolhia ser vilão acabava tudo em lanche, um banho quente e talvez um arranhão. Dava pra ver ingenuidade e a inocência cantando no tom milhões de mundos e universos tão reais quanto a nossa imaginação. Bastava um colo, um carinho e o remédio era beijo e proteção. Tudo voltava a ser novo no outro dia sem muita preocupação. (SMITH, 2018, faixa 3).

A concepção de infância apresentada traz indiretamente a concepção socialmente desejada, muitas vezes, contraditórias à realidade, pois se percebesse a cada dia a violência, o trabalho infantil, o abandono de quem tem a obrigação e o dever de cuidar e educar. Ou seja, necessitamos considerar a dimensão objetiva e subjetiva dessa realidade infantil. A infância é própria da criança e para ser compreendida é necessário ir além da aparência imediata, é nas relações sociais, na diversidade cultural, econômica e histórica que se define tais concepções.

Contudo percebemos que a infância possibilita que a imaginação e a criatividade se constituam. Era uma vez o dia em que todo dia era bom... A imaginação e a criatividade constituída na infância fazem com que a realidade seja compreendida e interpretada. Como diz nos versos da música: “Delicioso gosto e o bom gosto das nuvens serem feitas de algodão. Dava para ser herói no mesmo dia em que escolhia ser vilão...”. A criança significa a realidade através da atividade imaginativa e criativa constituída nas relações sociais. Por isso que não se pode considerar a criança como um animalzinho, que responde a estímulos apenas práticos, pois antes de responder, a criança pense, sente e age. É um sujeito ativo social e histórico.

Nesse processo constitutivo da criança a atividade imaginativa e criatividade é uma condição da infância. Mas, o que é imaginação e criatividade na perspectiva sócio histórica? Como se constituem essas categorias? Na tentativa de responder a esses questionamentos realizaremos a discussões sobre as categorias de pensamento e análise que permitem compreender e interpretar o fenômeno imaginativo e criativo das crianças na pré-escola.

3 - AS CATEGORIAS SÓCIO-HISTÓRICAS: A DIMENSÃO CONSTITUTIVA DA IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE

As discussões sobre as categorias de pensamento e análise da perspectiva sócio-histórica permitem analisarmos e compreendermos os fenômenos em seu processo dialético constitutivo, cultural, social e histórico. Em um movimento constante mediado pelos aspectos externo – interno nas relações em atividade. Compreender o fenômeno humano e, no caso da nossa pesquisa, apreender as significações que constituíram o processo de imaginação e criatividade das crianças da pré-escola é necessário, para tanto,

estudamos as seguintes categorias: Imaginação e criatividade, mediação, pensamento e linguagem, sentido e significado, zona de desenvolvimento próximo.

3.1 - Mediação

Mediação é uma categoria central da dialética que, em articulação com a “ação recíproca”, compõem com a “totalidade” e a “contradição”, o arcabouço categorial básico da concepção dialética da realidade e do conhecimento. (SAVIANI, 2015, p. 26).

Na perspectiva sócio-histórica o homem se constitui nas relações sociais em atividade (trabalho), nessa relação homem e meio são afetados se realizando um movimento dialético entre objetividade-subjetividade, pensamento e palavra, sentido e significado. Um processo de apropriação e construção das objetivações construídas socialmente. Esse processo acontece por meio da mediação que utiliza como mola propulsora o uso de instrumentos e signos, como defende Vigotski (2007). Isto é, a mediação carrega em suas vias a contradição que constitui o mundo e o homem em uma relação constante. Entretanto não podemos imaginá-las a partir de uma relação dicotômica como polos conceitualmente apenas distintos, mas como uma unidade constitutiva. Isto é, “A relação mediada, homem e mundo estão contidas um no outro e, desse modo, não se limitam a ser o reflexo um do outro. Homem e mundo não existem de forma isolada; estão em permanente relação constitutiva”. (AGUIAR et al., 2009, p. 58).

Está imbricado nessa concepção que a categoria mediação se apresenta em uma teia de relações em que os elementos não são excluídos ou incluídos, mas trazem as possibilidades de se realizarem sem que um negue o outro, compondo uma unidade dependente que possibilita a formação e a apreensão do fenômeno humano. Dessa forma é “importante destacar que a categoria mediação não pode ser vista como função apenas de ligar dois elementos, mas sim de ser o centro organizador dessa relação.” (AGUIAR et al., 2009, p. 58).

É um movimento que parte do concreto real, do abstrato ao concreto pensado. “a passagem do empirismo ao concreto se dá pela mediação do abstrato”. (SAVIANI, 2006, p. 28). É uma tríade que se constitui em um movimento constante. Isso se realiza a partir das relações sociais nas trocas entre os sujeitos através dos meios físicos, simbólicos e

emocionais. Assim, não se pode pensar em um processo mecanicista, determinista, mas como um movimento de produção tanto de fatores cognitivos quanto afetivos.

A essência da mediação é a incompletude do homem que na tentativa de satisfazer sua necessidade age, imagina e cria, transforma o mundo e a si mesmo em um movimento constante. Dessa forma como diz Soares (2011, p.37):

Ao atuar em um determinado espaço social, atuação essa que é mediada por diversos meios (físicos, simbólicos, emocionais), em especial pela linguagem, o homem transforma, ao mesmo tempo, tanto o Outro dessa relação como a si próprio. Com isso, podemos afirmar que as mediações só se efetivam em espaços sociais, isto é, espaços onde o sujeito atua na relação com objetos e outros sujeitos, espaços estes que possibilitam o processo de objetivação do homem e de subjetivação da realidade.

A mediação em sua essência nos apresenta como um processo de mobilização e remobilização de fatores externos e internos constituindo a subjetividade individual e social ao mesmo tempo.

Da mesma forma a categoria imaginação e criatividade são processos e aspectos diferenciados em sua “natureza”, mas um é fator da subsistência do outro. A imaginação é um tipo de pensamento que se constitui na relação com a realidade, com as criações existentes, apreende os aspectos externos, e nesse movimento a imaginação elabora novas ideias, a própria imaginação é uma criação. Essa imaginação é materializada externamente, é um processo de elaboração - reelaboração - elaboração.



É um movimento mediado por várias outras categorias na formação da ontogênese desse processo. Envolve o pensamento e a linguagem, os sentidos e significados, a objetividade e a subjetividade.

Dessa maneira, ele se forma em uma relação dialética com a realidade social, sem que, no entanto, sua constituição no plano individual se dê como mera transposição plano social/plano individual, mas como resultado de um processo de configuração, em que indivíduo e

sociedade não mantêm uma relação isomórfica entre si. (AGUIAR, 2015, p. 121).

A mediação dialética é uma categoria de pensamento e análise que permite a apreensão e a constituição do psiquismo humano em relação não dicotômica entre interno externo, mas constituindo-se em uma unidade. Nesse movimento que se forma a imaginação e a criatividade. Mas o que é imaginação e criatividade? A seguir discutiremos a concepção de imaginação e criatividade tecida pela perspectiva sócio-histórica trazendo como principal discussão a ideia de Vigotski sobre essas categorias.

3.2 - A Imaginação e a Criatividade

A imaginação criadora penetra, com a sua obra, por completo na vida pessoal e social, imaginativa e prática em todos os aspectos: ela é ubíqua. (Ribot apud Vigotski, 2014, p. 49).

Todo o processo de constituição humana ocorre pela apropriação da natureza pelo homem, que é transformada, por meio de instrumentos físicos e simbólicos, em realidade humana, isto é, cultural e histórica. Ao mesmo tempo, o homem também se transforma nessa ação (de apropriação), objetivando-se como sujeito em movimento. A constituição social e histórica do sujeito é mediada, contudo, não apenas pela materialidade do mundo objetivo, mas também pela atividade de imaginação e criatividade que constitui todo e qualquer ser humano. Como diz Vigotski (2014, p. 03): “É justamente a atividade criadora humana que faz do homem um ser que se projeta para o futuro, um ser que cria e modifica o seu presente”.

A imaginação e a criatividade humana não se definem apenas pela reprodução da realidade, mas pela capacidade ativa e transformadora do homem tanto dos aspectos objetivos quanto subjetivos, utilizando nesse processo (de imaginação e criação), as experiências históricas que deixaram as suas marcas nos sujeitos através do pensamento e da palavra.

Dessa forma, acreditamos que a capacidade criativa se destaca pela criação de algo novo (Vigotski, 2014), seja no campo das ideias, ou da própria realidade objetiva. Esse movimento se realiza pela atividade humana de combinar e criar, a partir da apropriação de elementos pertencentes à historicidade, reelaborando e transformando-o de acordo com os motivos e necessidades. Podemos citar, como exemplo, o uso e a construção de

instrumentos e a própria linguagem como recursos desse processo de constituição do homem.

O homem está em relação com este mundo; atua interferindo no mundo (atividade) e, ao mesmo tempo, é afetado por esta realidade, constituindo seus registros. O mundo Psicológico, portanto, se constitui a partir da relação do homem com o mundo objetivo, coletivo, social e cultural. (AGUIAR, 2015, p. 118).

São as criações humanas em atividade que tornam o mundo humano, das mais simples invenções às mais complexas, desde a invenção da tecnologia à contação de uma história, a luz das ideias do homem simples, do cordel a grandes obras literárias. Como por exemplo, a criança que constrói suas próprias histórias e representam de diferentes formas, através da linguagem, do desenho, das brincadeiras e no faz de conta. Essas representações construídas social e culturalmente nas relações entre os homens significam os fenômenos da realidade podendo se realizar ou não na linguagem do sujeito. Como diz Aguiar (2015, p.119), “O homem afetado pelo mundo vive essa experiência com todo o seu ser e, portanto, com toda sua diversidade e riqueza de possibilidade. As dimensões do psicológico refletirão essa diversidade: serão imagens, palavras, emoções, pensamentos”. Pode se realizar na imaginação e na criatividade.

Para exemplificar essa discussão, sobre o processo imaginativo criativo como instrumentos mediadores da formação histórica, social e cultural do homem, começamos com um desenho produzido por uma criança de quatro anos de idade da turma do Infantil I de uma UEI do município de Mossoró/RN. O desenho foi resultado da atividade que envolvia a discussão sobre o Meio Ambiente Natural. Após a produção do desenho foi realizada a leitura pela criança tendo o apoio da professora para fazer o registro escrito da sua produção.

FIGURA 1



Desenho produzido pela criança “A” do Infantil I

Diante do desenho passamos a refletir sobre alguns fatores subjetivos e/ou objetivos que constituíram essa produção. Primeiro: Qual o significado psicológico? O que constituiu a criança nessa produção?

A partir desse desenho buscamos demonstrar que a imaginação e a criatividade de acordo com Vigotski (2014), são atividades que possibilitam ultrapassar os limites da rotina, da mesmice ou do padrão determinado socialmente, construindo o novo. Esse processo imaginativo criativo surge a partir das relações de apropriação e objetivação se constituindo a partir da infância. Veja a representação do desenho anterior expresso nas palavras da criança:

Os amigos do monstro colocaram as ovelhas de castigo porque ela deu nele, no mostro, e o monstro ficou triste, Ai quando a mãe dele chegou, a mãe tirou ele do castigo e a ovelha disse ao monstro que nunca mais daria nele e pediu desculpa. E viveram felizes para sempre. (Informação Verbal⁶).

Utilizamos esse exemplo para enfatizar que a criança em suas vivências, constitui sentidos e significados não pela imitação, ou reprodução, mas pela reelaboração mediada pela imaginação e a criatividade. Essa atividade se constituiu a partir do movimento de combinar e criar. As significações são, para Leontiev (1978, p. 101), “a forma sob a qual um homem assimila a experiência humana generalizada e refletida”.

Ao analisarmos a história citada anteriormente, percebemos que a criança utilizou elementos da realidade, das suas vivências, no processo de criação de significados nas relações entre os sujeitos. Dentre esses elementos apresentam-se as características comportamentais demonstradas pelos personagens, por exemplo, o castigo diante de ações inadequadas, o diálogo utilizado com o uso de termos convencionais determinados socialmente como a palavra desculpa, e todo o processo narrativo carrega as emoções e os afetos constituídos pela criança. Como diz Vigotski (2014, p. 11), “... a fantasia se constrói sempre a partir dos materiais captados do mundo real”. Quanto mais experiências o sujeito for constituindo, maior será sua capacidade imaginativa criativa.

⁶ Criança A de quatro anos do Infantil – I. Atividade de representação do meio ambiente.

A imaginação e a criatividade se realizam em um movimento interno-externo, uma conversão do mundo exterior para o mundo interior. Assim, essa conversão não se realiza de forma linear, mas se modifica no pensamento e também na sua realização.

O pensamento não nasce de outro pensamento, mas do campo da nossa consciência que o motiva, que abrange os nossos pendores e necessidades, os nossos interesses e motivações, os nossos afetos e emoções. (VIGOTSKI, 2001, p.479).

Vigotski (2014) enfatiza que nessa reestruturação do pensamento imaginativo os elementos da realidade são captados a partir das impressões adquiridas pelas percepções interna e externa humanas. Essa percepção pode ser mediada pelos afetos que motivam e impulsionam o processo de seleção das informações ou através das imagens espontâneas.

Cada impressão representa um todo complexo composto por um conjunto de múltiplas partes independentes. A dissociação implica a fragmentação desse todo complexo, separando as suas partes individuais, preferencialmente por comparação umas com as outras; umas são guardadas na memória enquanto outras são esquecidas. (VIGOTSKI, 2014, p. 26).

O processo de dissociação implica na apropriação de informações que são selecionadas a partir dos aspectos subjetivos do sujeito. Com isso, realiza no pensamento a seleção de informações significativas a partir das excitações internas e externas. Após a dissociação, ocorre a associação ou aglutinação de elementos, sejam da vida real ou irreal, transformando e reelaborando as informações. Essa atividade se materializa pela conversão da imagem interior em exterior (VIGOTSKI, 2014). No caso do exemplo acima, apresenta-se o carneiro que pertence à realidade convencional e o monstro que é uma criação imaginária, mas mesmo assim ao se objetivar o monstro se torna elemento da realidade.

Além das vivências empíricas, as experiências que servem de base para a realização do pensamento imaginativo e criativo também podem ser vivenciadas pelo sujeito por meio da mediação do outro, isto é, pelo uso da linguagem que constitui a relação entre os sujeitos (VIGOTSKI, 2014). Assim, as imagens pronunciadas são significadas e representadas no pensamento pela palavra do outro, suas experiências históricas, culturais. A aquisição das experiências do outro se tornam as nossas, o conhecimento diversificado se efetiva pela mediação do outro. Pois, como diz Furtado (2015, p. 97): “A linguagem se constitui como fator essencial na formação da consciência.

Permite a retenção na memória, que, por sua vez, permite a designação de objetos sem a sua presença”.

Todo esse processo criativo não se constitui apenas pelos aspectos objetivos da realidade, mas é mediado pelo campo da subjetividade. Como destaca Leontiev (1978), até mesmo os sentidos biológicos do homem, como a audição e o olfato, são humanizados, ou seja, eles se desenvolvem na história de apropriação da realidade pelo sujeito. Então, o olhar, o sentir e agir no pensamento criativo e na sua cristalização são também mediatizados pela afetividade.

Segundo Vigotski (2014), a imaginação tem sua origem nos sentimentos, emoções e afetos e ao mesmo tempo a gênese desses sentimentos pode se constituir da imaginação.

A criança “A” por exemplo, expressa no desenho e na história a sensibilidade e sua afetação diante da situação envolvendo o “castigo”, nesse momento a sua subjetividade, angústias e inquietação, foram representadas externamente pelos personagens, o monstro, o carneiro, que representavam o bem e o mal de formas antagônicas em relação à realidade, visto que, convencionalmente o monstro caracteriza a maldade e não o carneiro. Nesse caso de acordo com Vigotski (2014, p. 15), os sentimentos, emoções e os afetos formam aspectos determinantes para a produção da imaginação, visto que:

Por um lado, todo o sentimento e emoção tendem a revelar-se em determinadas imagens que lhes correspondem, como se a emoção tivesse a capacidade de escolher as impressões, os pensamentos e as imagens que estão em consonância com um determinado estado de humor e disposição que nos domina nesse exato momento.

A criação humana pode ser materializada ou não na realidade objetiva, depende do contexto, relações, motivos e afetação do sujeito.

No entanto, pode acontecer o inverso, Vigotski (2014), a imaginação pode afetar os sentimentos diversos no sujeito, como medo, alegria, rancor etc. Podendo ser representado na criatividade do homem. No caso da produção usada como exemplo, a criança apresenta suas emoções, sentimentos que a afetam, e ao mesmo tempo ao narrar sua história demonstra certa aflição, ao arregalar os olhos no momento da contação da história, principalmente nos momentos de irritabilidade, medo.

Os elementos constituídos e constitutivos da imaginação e da criatividade são fenômenos reais vivenciados ou experimentados na prática ou mediados pela linguagem do outro que contribuem para a criação do novo. O novo que de forma objetiva ou

subjetiva extrapola o padrão habitual da cotidianidade. Seja uma produção determinada ou espontânea. (VIGOTSKI, 2014).

Os personagens e a própria história narrada pela criança no início dessa discussão carregam indícios que permitem ao investigador considerá-la como ponto de partida para sua investigação. Revela elementos da significação da criança sobre características do meio ambiente natural, o bem e o mal, para ela a docilidade não significa bondade, e a monstrosidade não é sinônimo de crueldade. Além disso, as atitudes demonstradas descrevem o lado positivo e negativo da ação dos personagens. Como diz Vigotski (2014, p. 412): “ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica”. Por isso, a criança com sua imaginação e criatividade não reproduz a realidade, mas recria-a transformando.

O processo Imaginativo criativo é um processo de significação que perpassa o campo cognitivo e afetivo para realizar a sua interpretação e transformação da realidade. Visto que como diz Vigotski (2001, p. 479): “O pensamento não é só externamente mediado por signos como internamente mediatizado por significados”.

As formas de expressão e constituição da imaginação criativa da criança podem ser mediadas pela constituição e realização da linguagem interior, essa linguagem em sua estrutura e função é constituída a partir da socialização entre os sujeitos, formando o pensamento. Esse pensamento pode materializar-se ou não pela linguagem quando esse pensar se realiza para si e não para o outro.

Num certo momento do seu desenvolvimento, a criança passa a utilizar da linguagem egocêntrica, falando algo para si mesma, independente da presença de um interlocutor. A fala egocêntrica acompanha a atividade da criança, começando a ter uma função pessoal ligada às necessidades do pensamento. (OLIVEIRA, 1993, p. 52).

Na criança, a linguagem egocêntrica é uma linguagem vocalizada em sua estrutura, e é interior em sua função psicológica, isto é, se realiza inconscientemente na presença de outrem. Isso é bastante visível nas brincadeiras de faz de conta, por exemplo, em que representações das suas impressões são mais visíveis em sua elaboração e realização.

A linguagem egocêntrica segundo Vigotski (2001), passa pelo processo de declínio a partir do desenvolvimento da criança. Essa linguagem se transforma em linguagem interior com a ausência de vocalização. Daí, surgem as abstrações, visto que:

... é uma melodia independente, uma função autônoma que serve aos objetivos da orientação intelectual; da tomada de consciência da superação das dificuldades e dos obstáculos, da reflexão e do pensamento, em suma, é uma linguagem para si, que de forma mais íntima serve o pensamento da criança. (VIGOTSKI, 2001, p. 430).

Esse período se assemelha ao desenvolvimento do raciocínio e da inteligência. Torna-se um pensamento imaginativo mais elaborado ou restringe a sua produção. Pois os campos dos motivos e das necessidades se realizam de forma mais objetiva. Com isso a imaginação pode se tornar algo esporádico (VIGOTSKI, 2014).

Percebemos que o processo imaginativo criativo é um movimento entre objetividade e subjetividade que constitui as significações históricas, sociais e culturais da humanidade pelo processo de apropriações e objetivações da realidade que se realiza pelo trabalho no adulto e em atividade pela criança. Esse processo é constituído pela mediação simbólica da linguagem. Dessa forma, para compreendermos o processo constitutivo da imaginação e da criatividade discutiremos as categorias linguagem e pensamento.

3.3 - Linguagem e Pensamento

Pensamento e linguagem no início do processo de desenvolvimento são entidades diferentes, entretanto, no decurso do desenvolvimento ontogenético, pensamento e linguagem se cruzam constituindo uma unidade que se define como processo de significação, ou seja, a significação é constituída tanto por propriedades do pensamento quanto por propriedades da linguagem.

A linguagem surge cultural e historicamente em atividade, um meio não só de comunicação, mas de mediação na constituição do pensamento humano. De igual forma, ocorrendo dialeticamente, o pensamento também tem origem cultural e histórica e é constitutivo da linguagem. É, portanto, por meio do pensamento e da linguagem que a realidade objetiva se converte em subjetividade e vice-versa. Como diz Aguiar (2009, p. 57): “o homem constrói o seu mundo psicológico por meio da relação com o ambiente sócio-cultural”.

A linguagem não se apresenta apenas como representação sonora de sinais gráficos. Mais do que isso, ela carrega a significação que se constitui nas relações sociais entre os homens em um contexto cultural histórico determinado que possibilita a

representação da realidade no pensamento. “A significação é, portanto, a forma sob a qual o homem assimila a experiência humana generalizada e refletida”. (LEONTIEV, 1978, p. 101).

Como diz Vigotski (2001): é um movimento da linguagem ao pensamento e do pensamento à palavra que constitui as significações, informações, interpretações, as generalizações, produzidas simultaneamente, mediadas pelo cognitivo, sentimentos e emoções. Assim, como diz Vigotski (2001): “A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio”. Dessa forma, pensamento e linguagem se entrelaçam.

É importante frisar que nesse movimento entre pensamento e palavra, a linguagem ao se converter em pensamento não se revela em toda sua plenitude, às vezes nem tudo que pensamos expressamos da mesma forma. Visto que, “A linguagem não serve como expressão de um pensamento pronto. Ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra”. (VIGOTSKI, 2001, p. 412).

Assim, por trás o dito se oculta à intencionalidade do pensamento, a significação do sujeito sobre a realidade. Isso nos leva a investigar, como enfatiza Vigotski (2001), o lado oculto da lua, isto é, os sentidos e significados constituídos pelos sujeitos sobre os fenômenos da realidade. Mas, como ocorre o processo de significação no pensamento e na linguagem da criança?

3.4 - O Pensamento e a Linguagem na Infância: a formação de conceitos.

As formações de conceitos são constituídas na infância de um processo de apreensão e constituição de generalizações nas relações colaborativas entre a criança e o adulto nas mediações simbólicas.

Essa formação perpassa pela mediação dialética entre pensamento complexo e conceito em um processo de desenvolvimento constante. O pensamento por complexo são as relações que as crianças estabelecem entre os elementos no real concreto na imediaticidade objetiva enquanto que o conceito traz a possibilidade de relações entre os elementos para além do real concreto, se realiza pela lógica das abstrações se materializando no concreto real pensado chegando à generalização. (FONTANA, 1997). É um processo de imaginação e criação. “A palavra funciona como meio para centrar ativamente a atenção, para abstrair e selecionar os traços relevantes na situação

considerada (análise), para estabelecer relações entre esses traços e sintetizá-los (generalização)”. (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 99).

Para exemplificar esse processo, citamos uma experiência vivenciada na sala de educação Infantil, em uma turma de infantil I em uma UEI no município de Mossoró. Durante a realização da contação de uma Fábula “O Leão e o Camundongo”, a professora questionou no meio da história sobre quem iria salvar o leão que estava preso em uma rede no alto de uma árvore. Uma das crianças argumentou que seria o rato, o animal que salvaria o leão. Enquanto que a outra respondeu que com certeza seria o elefante o salvador da história, por ser na concepção da criança o maior animal da floresta e com sua grande tromba conseguiria salvar o leão.

Analisando essa informação percebemos um dualismo, pois ambas as informações trazem uma lógica conceitual, a lógica relacionada ao conceito de tamanho, porém foge da lógica da narrativa, do contexto. Enquanto que a outra criança usou a lógica da presença do personagem e da sequência da narrativa para o contexto e situação. Ambas as crianças apresentam as generalizações culturalmente aceitas no espaço educativo que é a escola. Isso desenvolve a cada instante pela mediação do professor.

De acordo à concepção citada acima, percebemos que aquisição de conceitos depende das vivências e experiências do sujeito. Quanto mais vivências mais se desenvolvem as generalizações a partir das similaridades ou contrariedades que compõem as significações culturalmente constituídas. É uma passagem em que o psicológico constitui as funções psicológicas superiores saindo do em si para si. Vigotski (2014), diz que o homem tem capacidade não só de reproduzir, mas de criar. É nesse processo imaginativo e criativo que a criança vai elaborando e desenvolvendo suas generalizações sobre a realidade. É a partir da experiência, mas principalmente das vivências que as generalizações vão se tornando para si, isto é, consciente, pois como enfatiza Vigotski citado por Marques e Carvalho (2014, p. 42): “... o desenvolvimento da consciência é um processo racional, mas sobretudo, emocional, afetivo, ligado à vida real dos sujeitos...”.

Acreditamos que a formação de conceitos é uma forma de constituição dos significados. “No processo de elaboração do significado, o indivíduo explora o material sensorial e opera intelectualmente sobre ele, orientado pela palavra em funcionamento nas interações”. (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 98). No entanto, nesse processo não podemos separar o cognitivo do afetivo, assim a formação de conceitos é um processo constituído de sentidos e significados, categorias que serão discutidas a seguir.

3.5 - Sentidos e Significados da Imaginação e da Criatividade

No processo imaginativo e criativo da criança expresso no faz de conta, por exemplo, a criança significa a realidade não apenas copiando, mas recriando o contexto, essa representação se torna compreensiva para o outro, dependendo da forma como foi representado, através da linguagem constituída de entonações e acompanhada por gestos e expressões, que nos revela indícios do oculto, ou seja, as significações das crianças.

Para nos apropriarmos do lado oculto desse pensamento não expresso na fala, necessitamos ter um olhar e um ouvir sensíveis diante das significações que constituem as expressões corporais e linguísticas do sujeito. As significações são como diz Leontiev (1978, p. 100):

A significação é aquilo que num objeto ou fenômeno se descobre objetivamente num sistema de ligações, de interação e de relações objetivas. A significação é refletida e fixada na linguagem, o que lhe confere a sua estabilidade. Sob a forma de significação linguística, constitui o conteúdo da consciência social; entrando no conteúdo da consciência social, torna-se “consciência real” dos indivíduos, objetivando em si o sentido subjetivo que o refletido tem para eles.

As significações são construções históricas, culturais do homem que transformam a realidade natural e o ser biológico em humano em atividade. São construções objetivas e subjetivas constituídas não só de processos cognitivos, mas também afetivos.

O significado, por exemplo, são os conceitos socialmente produzidos e generalizados são realizados no pensamento que representam a realidade. São construções, que a partir de seu caráter histórico, em atividade, podem se transformar dependendo do campo das necessidades. Essas modificações se realizam nas transformações do ato comunicativo na linguagem e conseqüentemente do pensamento.

(...) os significados levam uma vida dupla. Eles são produzidos pela sociedade e têm seu histórico no desenvolvimento da linguagem, na história do desenvolvimento das formas da consciência social (...). Nessa existência objetiva, os significados obedecem às leis sócio históricas e, ao mesmo tempo, à lógica interior de seu desenvolvimento. (LEONTIEV, 1980, apud AGUIAR et al., 2009, p. 61).

Nesse movimento constante o significado perpassa tanto o campo do pensamento quanto da linguagem.

O significado de imaginação e criatividade, por exemplo, depende dos contextos histórico, cultural, da localidade e do próprio sujeito. Seja uma grande produção ou uma simples atividade diária, esse processo imaginativo e criativo se constitui no movimento do pensamento e da palavra nas relações sociais, nas vivências e experiências que afetam os sujeitos. Essa própria produção é um processo constituído de sentidos e significados

Isso mostra que o processo de significação perpassa o campo da objetividade e da subjetividade ao mesmo tempo. Como diz Leontiev (1978, p. 1001): “A realidade aparece ao homem na sua significação, mas de maneira particular”.

O significado converte-se em sentido. O sentido se realiza a partir das vivências e experiências que constituem a consciência do sujeito. “O sentido real de cada palavra é determinado, no fim das contas, por toda riqueza dos momentos existentes na consciência e relacionados a aquilo que está expresso por uma determinada palavra”. (VIGOTSKI, 2001, p. 466).

Os sentidos são mediados pelas emoções, as informações são interpretadas no psicológico mediante os aspectos subjetivos. Como discute González Rey (2003), o pensamento do sujeito não é apenas entendido pelas construções cognitivas, mas como processo constituído e mediado pelo campo das emoções, sentimentos, pelas zonas de sentido.

Importante frisar que, nesse processo, não há apenas a reprodução do já criado, mas, pelo contrário, o novo surge a partir do movimento no qual o sujeito, em atividade, constitui seus sentidos com base na dialética interno-subjetiva, recorrendo a elementos de sentido (articulando no plano da subjetividade) de diversas e diferentes procedências. Explicando melhor: os sentidos não são respostas fáceis. Imediatas, mas, são históricos. (AGUIAR et al., 2009, p. 63).

Os sentidos são mediados por elementos históricos e pelas mobilizações ocasionadas pelo campo dos motivos e das necessidades. É um movimento dialético entre subjetividade diante da objetividade que pode ser expresso ou não pela palavra, muitas vezes se exprime nos gestos, expressões, na ausência da vocalização, ou se consolidam na linguagem. Como diz Leontiev (1978, p. 105): “... o sentido pessoal traduz precisamente a relação do sujeito com os fenômenos objetivos conscientizados”.

Sentidos e significados são constitutivos, todo processo de significação perpassa pelo cognitivo e afetivo. Como diz Leontiev (1978, p. 104): “Não há sentido puro. Razão

por que, subjetivamente, o sentido faz de certa maneira, parte integrante do conteúdo da consciência e parece entrar na significação objetiva”.

Com isso percebemos que o significado é dicionarizado socialmente, apresentando certa estabilidade cultural, histórica em relação ao sentido que se constitui de forma individual. No entanto é importante destacar que são fenômenos diferentes, mas que são constitutivos um do outro.

Dessa forma, compreendemos que constantemente descortinamos a nossa imaginação, o pensamento, através da linguagem mediada pelos sentidos e significados que perpassam o campo das necessidades, dos motivos. Como diz Aguiar (2009), as necessidades mobilizam o sujeito que é afetado pela realidade e a significa despertando os motivos da ação e do pensar em atividade. É um movimento constante.

Todo pensamento tem um movimento um fluxo um desdobramento, em suma, o pensamento cumpre alguma função, executa algum plano, resolve alguma tarefa. Esse fluxo de pensamento se realiza como movimento interno, através de uma série de planos, como uma transição do pensamento para a palavra e da palavra para o pensamento. (VIGOTSKI, 2001, p. 410).

Os sentidos e significados são produzidos constantemente pelas relações sociais em atividade. Dentre essa atividade se encontra a atividade imaginativa e criativa. Atividade em que o homem imagina e cria o novo sendo mediado pelo campo cognitivo e afetivo. Para exemplificar, utilizamos trechos das falas das crianças do infantil I ao serem questionadas sobre a fábula o leão e o camundongo: Vocês acham que o leão foi bonzinho? Por quê?

Eles estavam caminhando na rua aí um peso caiu na cabeça do leão, aí o ratinho levou ele até o médico -Ele [o leão] foi bom. Por que ele deixou o ratinho ir embora. E o ratinho salvou a vida do leão. Eu acho que o leão foi bonzinho pois ele deixou o ratinho ir embora e viveram felizes para sempre”. (Diálogos das Crianças do Infantil I).⁷

Para as crianças o sentido e o significado de bondade está relacionado a fazer o bem, mas está nas entrelinhas o sentido subjetivo de que a bondade se constitui na imediaticidade da atividade em oposição a maldade e na ideia da troca de favores. Dessa forma, as crianças significam a bondade não de forma apenas material, mas afetiva O sentimento de felicidade é resultado da ação recíproca objetiva e subjetiva da bondade do

⁷ O Trecho citado faz parte do capítulo de análise desta pesquisa.

sujeito nas relações afetivas mediadas pelo pensamento e pela linguagem, constituindo os sentidos de que a bondade é mediada pela necessidade de compartilhar com o outro, os objetos, as ideias, ações e emoções.

O sentido e significado se constituem nas vivências por meio das mediações simbólicas e afetivas.

A criança, por exemplo, que brinca de faz de conta, que expressa seus pensamentos pela linguagem, pelo desenho, na brincadeira, representa a realidade a partir da mediação dos sentidos e significados produzidos nas suas vivências e experiências com o outro. Nas relações familiares, no trabalho, em diversas atividades dentre elas as escolares, no diálogo e nas relações mediadas entre professor - aluno e entre os alunos que constituem possibilidades de pensar, sentir, falar e agir, que nos leva a imaginar e discutir sobre como se constitui o processo imaginativo e criativo no processo relacional no espaço escolar na educação infantil. Daí surge a necessidade de discutir a categoria Zona de Desenvolvimento Próximo.

3.6 - Zona de Desenvolvimento Próximo.

A atividade de imaginação e criatividade se constitui social e historicamente nas relações entre os sujeitos. Esse processo imaginativo e criativo perpassa o campo constitutivo da ação humana, transformando as realidades objetivas e subjetivas simultaneamente. Diante dessa perspectiva percebemos que esse processo de imaginar e criar se constitui nas trocas colaborativas nas vivências e experiências entre os sujeitos. Com isso, indagamos: como se constitui o pensamento imaginativo criativo na educação infantil? Daí. Surge a necessidade de discutirmos sobre a ZDP - Zona de Desenvolvimento Próximo.

O processo de constituição do sujeito se realiza nas relações sociais de modo que é na coletividade que se constitui a individualidade. Esse é um processo histórico simultaneamente ontogenético e filogenético. Como diz Furtado (2015), o sujeito constitui a sua subjetividade nas relações com a objetividade que se converte no psiquismo formando a subjetividade, e ao mesmo tempo essa subjetividade converte-se para a realidade na qual se objetiva. É no movimento dialético entre objetividade e subjetividade, isto é, nas relações e trocas com os indivíduos, que o sujeito se constitui enquanto sujeito social e histórico. Como diz Góes (2000, p. 120): “As relações sociais

estão na gênese de todas as funções individuais”. Esse processo de constituição do homem a partir da conversão do social para o psicológico e vice-versa, é a base para a constituição do pensamento humano, da memória, da consciência, da personalidade, da imaginação e da criatividade. Constituído pelo-social, cultural e histórico, o sujeito está o tempo todo em constante transformação.

Essas relações se realizam em diferentes espaços educativos, tanto formais quanto informais. A escola, por exemplo, é o espaço formal educativo determinado socialmente para que o processo sistematizado de ensino e aprendizagem aconteça. “A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber”. (SAVIANI, 1997, p. 19). Não é apenas um espaço de sistematização de conteúdo a serem ensinados e apreendidos, mas como um lugar de possibilidades para que o desenvolvimento da criança aconteça. (VIGOTSKI, 2007).

O desenvolvimento é um fenômeno em permanente constituição que para isso necessita manter relação com o processo de ensino aprendizagem. No entanto, é importante destacar que “... existe uma unidade, mas não identidade entre aprendizagem e processos internos de desenvolvimento”. (CHAIKLIN, 2011, p. 662).

Segundo Vigotski (2007), a aprendizagem ultrapassa o desenvolvimento, e ao mesmo tempo impulsiona o desenvolvimento. No entanto, é necessária a colaboração do outro para que esse processo se realize, daí a importância da mediação escolar.

[...] um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas do seu ambiente, quando em cooperação com os seus companheiros. (VIGOTSKI, 2007, p. 103).

A linguagem e o pensamento são instrumentos fundamentais desse processo de desenvolvimento. São instrumentos mediadores dos processos imaginativos e criativos da aprendizagem escolar. Assim imaginamos de que forma esse processo pode se realizar na sala de educação infantil.

O processo imaginativo e criativo se realiza constantemente na educação infantil sem intencionalidade, é uma atividade que faz parte da realidade da criança tanto no espaço escolar, quanto em ambientes não escolares. No entanto, percebemos que, diante das experiências vivenciadas enquanto docente da educação infantil, que esse processo

de imaginar e criar se desenvolve mais em colaboração entre crianças e professor. Esse procedimento envolve o que Vigotski denomina de ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal.

A ZDP segundo Vigotski (2007) é constituída por dois níveis de desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real, em que as funções psicológicas do sujeito já foram concluídas, e as que estão em fase de desenvolvimento e maturação que é o nível de desenvolvimento potencial.

Vigotski (2007) aponta que o nível de desenvolvimento real é o processo em que a criança, a partir da aprendizagem atingiu um nível de desenvolvimento determinado, objetivando-se, transformando-se. É o nível em que a criança consegue realizar atividades por si só, sem a ajuda de outras pessoas. É importante considerar que o nível de desenvolvimento real da criança não é um fenômeno natural, mas um processo constituído nas relações com o outro. Nesse processo constante de transformação humana está o nível de desenvolvimento potencial, que são as funções psicológicas que estão em fase de constituição que se desenvolve em colaboração, em relação com outro. A ZDP É:

[...] a distância entre nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinada através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VIGOTSKI, 2007, p. 97).

Ambos os níveis estão relacionados, pois para atingir o nível de desenvolvimento potencial é necessário compreender o já desenvolvido, o nível de desenvolvimento real e tê-lo como ponto de partida. É o nível de desenvolvimento potencial que impulsiona um maior desenvolvimento em colaboração, contribuindo para um salto de qualidade nos aspectos cognitivos e afetivos.

A ZDP segundo Chaiklin (2011) é um processo que busca o desenvolvimento do sujeito de forma integral através da colaboração do outro em atividade nas trocas de ideias constituindo as funções psicológicas.

Ainda, segundo o autor essa formação e a transição do nível de desenvolvimento potencial ao nível real é um processo histórico produzido socialmente em um contexto cultural determinado que forma o sujeito individual coletivo nessa relação.

Como diz Chaiklin (2011): é necessário entender a criança nas relações com o ambiente, às situações e atividades que possibilitam a situação social de desenvolvimento,

considerando a objetividade e a subjetividade do sujeito nessa relação. Nesse movimento interno-externo, tem-se a possibilidade de entender em que nível a criança está.

Para compreender como se constitui esse processo de desenvolvimento da criança, enquanto possibilidade de análise e intervenção pedagógica se faz necessário compreender o que a criança já desenvolveu e o que se constitui como potência de desenvolvimento considerando não só o campo cognitivo, mas também o afetivo. Como diz Chaiklin (2011): o importante não é apenas a competência do sujeito colaborador, mas a significação que se constitui no processo colaborativo.

O trabalho colaborativo permite um processo de desenvolvimento mais efetivo e constante. Assim, dependendo da mediação e da afetação do sujeito em atividades, o nível de desenvolvimento potencial pode se transformar em nível de desenvolvimento real.

[...] como relação emocional da criança com o outro, dentro de um processo de comunicação, pois o apoio instrumental do outro não é fonte de sentido para criança em abstrato. Portanto, para que uma relação atue como fonte de desenvolvimento, há de implicar emocionalmente aos sujeitos que participam. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 2010).

Segundo Clot (2010) tanto a cognição quanto a emoção podem afetar ou não o poder de agir do sujeito em atividade. Quando o sujeito é afetado de forma positiva, seu nível de desenvolvimento potencial tende a elevar-se, aumentando o seu poder de agir. No entanto, quando é negativa, a afetação impulsiona a ação do sujeito de forma contrária, reduzindo o potencial da sua ação no mundo.

O próprio sentido da atividade realizada, da ação em curso, perde-se na maior parte das vezes quando desaparece, no trabalho do sujeito, a relação entre os objetivos que lhe são impostos, os resultados a obter obrigatoriamente e o que é verdadeiramente importante para eles. O sentido da atividade realizada é a relação de valor que o sujeito instaura entre essa ação e as outras ações possíveis para ele. (CLOT, 2010, p.10).

Esse movimento de atividades é mediatizada e mediatizante de novas formas de agir do sujeito, que constrói os meios e instrumentos de produção e se reconstrói, produzindo o mundo humanizado. Isto é, “Seu poder de agir é conquistado junto aos outros e aos objetos que os reúnem ou os dividem no trabalho comum; ele se desenvolve na e pela atividade mediatizante”. (CLOT, 2010, p. 23). O trecho a seguir apresenta o

diálogo realizando entre crianças e a pesquisadora durante a constituição dos dados da pesquisa. Veja:

Quem ajudou ao leão? (Professora) - Eu não sei; - O ratinho! - O Ratinho. Porque ele comeu pepino, verdura, alface, cenoura! Vou desenhar a cenoura... Ele comeu muita verdura e ficou muito forte, aí levou o leão até o médico. - Faça o médico, a doutora e o médico, Verão. - Tem médico, tem injeção, né. - No hospital tem X. Hospital tem sim X! Tem água! (Diálogos entre os participantes da pesquisa durante a produção do desenho).

As falas das crianças apresentam o desenvolvimento da imaginação e da criatividade dos participantes através do processo colaborativo mediado pela linguagem e pensamento constituindo em um movimento constante. Ou seja, a realidade é significada e ressignificada em colaboração.

A imitação é uma atividade que caracteriza o poder de agir do sujeito constituído nas relações colaborativas. Vigotski (2007) aponta a imitação não como um processo mecânico de repetição, mas como um processo de recriação constituída das vivências e experiências com o outro. “... uma pessoa só consegue imitar o que está no seu nível de desenvolvimento”. (Vigotski, 2007, p. 100).

O processo de ZDP ocorre a todo instante a partir das relações do indivíduo com o mundo e nessas relações objetivas/subjetivas entre os sujeitos, o nível de desenvolvimento potencial vai transformando-se em nível de desenvolvimento real.

Pensar as relações pedagógicas na Educação Infantil como possibilidade de ZDP - Zona de Desenvolvimento Próximo das crianças implica pensar sobre a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas, nessa perspectiva, que permitam transformar as relações constituídas nos espaços das atividades em ZDP. Para isso, é necessário que as propostas pedagógicas das escolas contribuam para constituição de zonas de desenvolvimento, potencializando, inclusive o processo imaginativo e criativo das atividades realizadas na educação infantil.

4 - METODOLOGIA: A ARTE DE FAZER PESQUISA

O presente trabalho de pesquisa surgiu da tentativa de explicar a constituição da imaginação e da criatividade nas atividades didáticas que são desenvolvidas na educação Infantil. Dessa forma, necessitamos de uma metodologia e de um método que contribuam para explicarmos esse processo no seu movimento dialético entre interno e externo, objetivo-subjetivo, sentido e significado, pensamento e palavra. Investigar o processo da imaginação e da criatividade não apenas em sua aparência, mas em sua essência, gênese, ultrapassando os limites da objetividade, desvelando o oculto, os sentidos subjetivos.

Esse desvendar do pensamento imaginativo e criativo traz à tona a própria constituição do pensar, imaginar e criar do pesquisador. Fazer pesquisa exige do pesquisador um pensamento criativo na elaboração teórico-prática. O pesquisador necessita pensar em estratégias metodológicas que atendam a sua proposta investigativa, que contribuam para que a atividade seja significativa para ambos os sujeitos, pesquisador e pesquisado. Especialmente quando os sujeitos a serem investigados são crianças.

Durante todo o processo de produção dos dados o pensamento imaginativo criativo de ambos, pesquisador e pesquisado se constitui no movimento dialético entre interno-externo, objetivo, subjetivo, mediados por pensamentos e palavras constituindo as significações. Assim, se produz o novo, imaginado e criado pela criança, no desenho e na linguagem que ao ser analisada pelo olhar significado do pesquisador traz a novidade, revela o sentido dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Como afirma González Rey (2005, p. 81):

Fazer ciência é manter o desafio de desenvolver nossos pensamentos em relação ao modelo teórico em construção, o qual nos permite significar aspectos diferentes do problema estudado, fato que ocorre em um processo permanentemente desafia a criatividade do pesquisador.

Fazer ciência, parte do pressuposto da superação do comportamento fossilizado, das concepções e das relações entre os sujeitos diante da compreensão de homem e mundo, entendendo essa constituição humana como histórica, em permanente construção da novidade do ser, do fazer e agir dos homens. A imaginação e a criatividade nascem em contraposição ao comportamento fossilizado do homem, nascem das relações

contraditórias do indivíduo com o social, sendo essas relações mediadas por processos pedagógicos e históricos.

Diante de toda discussão apresentada mostramos, como já vem sendo utilizado em nossas discussões anteriores, o método da sócio-histórica, tanto na produção quanto no processo de análise dos dados produzidos sobre o tema pesquisado. Com isso, apresentamos a seguir a discussão sobre: A produção do conhecimento; A teoria sócio-histórica; Procedimentos de construção dos dados e o Processo de Análise de dados constituídos na pesquisa.

4.1 - Conhecimento: uma produção humana.

“O homem é criado pelo homem”. (Bock, 1999).

A frase citada acima caracteriza a realidade humana, construída pelo homem, a realidade social cultural e histórica. Representa o homem que pensa, imagina e cria em atividade ou pelo trabalho sua própria individualidade, particularidade e a universalidade.

Essa constituição da humanidade se efetiva pela atividade humana que cria instrumentos para transformar a realidade e a si própria. É um processo histórico em que a vida em sociedade a cada instante produz novas necessidades que impulsionam o pensar e o agir do homem.

Essa relação homem e meio determina a necessidade de compreender os fenômenos sociais e históricos na própria atividade transformadora mediada pelo campo das ideias e ao mesmo tempo a constituindo em um processo constante. “As ideias são as expressões das relações, atividades reais do homem, estabelecidas no processo de produção de sua existência”. (ANDERY, 2006, p. 12).

Essas ideias são as significações constituídas nas relações entre os homens e a realidade sobre a qual atua por meio da atividade que constitui as significações, a consciência, a subjetividade, a personalidade. São ideias sociais, históricas, isto é, se transformam. Vigotski (2001) diz que o pensamento se realiza e se constitui na busca de soluções, na realização de tarefas.

É na busca de explicações sobre a realidade que o homem elabora o conhecimento, sobre si, sobre os fenômenos naturais e sociais. As explicações se constituem das mais diferentes formas, constituindo-se como produções que vão do senso comum, religioso, filosófico, cultural, até, especialmente, o conhecimento científico. No caso deste trabalho,

trata-se de uma produção científica, pois partimos do pressuposto de que “A ciência caracteriza-se pela tentativa do homem entender e explicar racionalmente a natureza, buscando formular leis que, em última instância permitam a atuação humana”. (ANDERY, 2006, p.13).

A ciência é a tentativa de o homem, segundo Andery (2006), buscar explicações racionais sobre a realidade e os fenômenos que a constituem, para isso, é necessário ir para além da aparência apenas externa.

Diante da construção do conhecimento científico, o homem perpassa o campo da consciência em si para a constituição da consciência para si. Toda atividade humana, seja cotidiana ou produção científica, é mediada por motivos e necessidades que perpassam o campo da consciência que se constitui pelas determinações sociais e históricas e não apenas por fatores biológicos. A consciência se constitui de duas formas distintas, isto é, da consciência em si e a consciência para si. São formas distintas, mas, ao mesmo tempo, complementares. A consciência em si é: “uma consciência que, necessariamente, não tem consciência dessa consciência. Portanto, não é sempre um ato da consciência para si, no qual a consciência tem consciência dessa consciência”. (OLIVEIRA, 2002, p. 14).

A consciência em si é constituída em atividades práticas e cotidianas, que, na maioria das vezes, não exige um pensamento reflexivo sobre o processo, ou objeto, ou fenômeno e, por isso, não se constitui como uma consciência para si. Diferente das atividades cotidianas, as atividades não cotidianas, direcionadas à ciência, à filosofia, à arte, ao trabalho educativo, se desenvolvem pela reflexão, contribuindo, assim, para a constituição da consciência para si (OLIVEIRA, 2002). Isto é, o homem na produção do conhecimento passa a refletir, a ter consciência da própria consciência na atividade investigativa mediada pelo campo cognitivo e afetivo, entrelaçada ao processo, o conhecimento teórico, prático e afetivo do sujeito que busca e constitui os sentidos e significados dos fenômenos.

A imaginação e a criatividade podem contribuir com o desenvolvimento da consciência para si quando permitem ao homem não apenas reproduzir a mesmice, mas imaginar e criar alternativas de ações que promovam o conhecimento da realidade e a sua emancipação. Um processo que o homem idealiza, planeja e reflete sobre o novo que vai ser criado e materializado, um processo que necessita ter conhecimento.

Segundo Andery (2006), toda produção do conhecimento científico é mediado por métodos que são constituídos historicamente, sobre o mundo e a própria concepção de homem e natureza e do próprio conhecimento, que regem regras, ações e procedimentos

na produção do conhecimento científico. Esses métodos são históricos e vão se modificando de acordo com o campo das necessidades, ideias e concepções sobre o homem que se constitui nas relações sócio culturais da humanidade.

Assim, “o homem é criado pelo homem”, pois, imagina e cria a realidade humana objetiva e subjetiva a partir da sua atividade transformadora sobre o mundo. O sujeito constitui o pensar, sentir e agir sobre o mundo e sobre si, produzindo a historicidade, a cultura e o conhecimento sobre a relação homem e mundo, e os fenômenos que o constituem produzindo e sendo mediados por métodos históricos.

4.2 - O Método da Sócio-Histórica.

O método materialista histórico e dialético compreende a constituição do homem em sua relação com o mundo material, (materialista), em constante processo de transformação objetiva e subjetiva (histórico), se constituindo na relação dialética entre interno - externo. Isto é, no fenômeno psicológico, a subjetividade, se constitui nas relações dialéticas, compreendendo o homem, para além da sua natureza biológica, mas um sujeito ativo, social e histórico. É, portanto, uma compreensão diferente da concepção liberal que naturaliza a formação do homem, sujeito de sua própria formação que age de acordo com as possibilidades reais objetivas, trazendo a ideia de liberdade na produção do conhecimento, do agir e criar. No entanto, a ideia de liberdade e individualidade do homem que pensa, que produz o conhecimento através da autoformação é ilusória. Pois, o homem atua também mediado pelas ideologias impostas pelo capitalismo. Como diz Duarte (2003, p. 13): “Assim, chamada a sociedade do conhecimento é uma ideologia produzida pelo capitalismo, é um fenômeno no campo da reprodução ideológica do capitalismo”.

Em oposição a essas ideias de naturalização dos fenômenos psicológicos, a psicologia sócio-histórica constituída pelas concepções de Vigotski, traz a inversão a esse ideário. Discute a ideia da formação do ser, em constante processo de transformação dialética. Como diz Gonçalves (2015, p. 148): “ser é não é ao mesmo tempo”. Ou seja, um sujeito está em constante transformação, constituindo assim a sua própria objetividade e subjetividade simultaneamente.

[...] falamos de um homem que se constitui numa relação dialética com o social e a história, um homem que, ao mesmo tempo, é único, singular

e histórico, um homem que se constitui através de uma relação de exclusão e inclusão, ou seja, ao mesmo tempo em que se distingue da realidade social, não se dilui nela, uma vez que são diferentes. (AGUIAR, 2015, p. 157).

Assim, buscamos investigar e compreender a constituição, do pensamento, da consciência, da subjetividade, das significações, da imaginação e da criatividade que medeiam toda a forma de pensar do homem. Forma de pensar, que impulsiona o agir, sentir e transformar a realidade pelo homem o constituindo e sendo constituído nas relações sociais, culturais e históricas.

O fenômeno estudado pela psicologia sócio-histórica, é o que não se revela na imediaticidade da aparência externa, é o que está oculto e necessita ser revelado em seu processo histórico, social e cultural, a subjetividade humana. Daí surge o problema do método discutido por Vigotski para afirmar a necessidade de investigar o processo e não o objeto, buscando para além da descrição uma explicação dos fenômenos que ultrapassa a aparência do comportamento fossilizado.

Vigotski (2007) compreende o fenômeno em processo de constituição, e não como um objeto estático. Investigar apenas o objeto é obter apenas um breve vestígio de elementos isolados que não possibilita uma compreensão da totalidade. É observar apenas a criatividade, por exemplo, em sua aparência, não percebendo que anteriormente há uma imaginação histórica mediando esse processo criativo. Como se o pesquisador visualizasse apenas o lado iluminado da lua. Por isso, é necessário entender o processo de constituição, realizando uma análise da unidade dos contrários e não apenas os elementos isolados. Visto que a unidade, “contém em sua forma primária e simples aquelas propriedades do todo em função das quais se empreenda a análise”. (VIGOTSKI, 2001, p.397).

Os fenômenos psicológicos estão em permanente desenvolvimento, como o pensamento imaginativo e criativo, por exemplo, assim, surge a necessidade de investigar o fenômeno como processo em sua gênese. Um fenômeno externo (fenótipos) e interno (genótipo) ao mesmo tempo. Ou seja, o fenômeno da imaginação e da criatividade pode ser compreendido externamente, mas é na relação interna que o constitui que revela as suas significações. (VIGOTSKI, 2007).

O método possibilita compreender que os sujeitos se constituem nas relações sociais, históricas, objetivas e subjetivas. Como enfatizam Aguiar e Ozella (2013, p. 301), o método possibilita “... irmos para além da aparência, não nos contentarmos com a

descrição dos fatos, mas buscaremos a explicação do processo de constituição do objeto estudado, ou seja, estudá-lo em seu processo histórico”.

Visto que, como afirma Vigotski, (2007) os fenômenos podem apresentar-se externamente de forma similar, mas há sempre um lado oculto, a gênese, a historicidade, os sentidos subjetivos não revelados na imediaticidade. Assim, o autor argumenta, utilizando as palavras de Marx, “se a essência dos objetos coincidissem com a forma de manifestação externa, então, toda ciência seria supérflua”. Vigotski (2007, p. 66).

O método na sócio-histórica propõe o estudo do fenômeno em seu processo de constituição histórica, buscando compreender a sua gênese. Com isso, dispõe da possibilidade de interpretar o fenômeno para além do comportamento fossilizado, em que os aspectos externos parecem mecanizados, pois “eles perderam sua aparência original, e a sua aparência externa nada nos diz sobre sua natureza interna”. (VIGOTSKI, 2007, p. 67).

É em sua essência, na atividade que a criança traz a possibilidade de revelar os sentidos, a sua imaginação, a criatividade, a novidade e a historicidade. “Estudar alguma coisa historicamente significa estudar no processo de mudança: esse é requisito básico do método dialético”. Visto que, “é somente em movimento que o corpo mostra o que é”. (VIGOTSKI, 2007, p.68).

Assim, para compreender a imaginação e a criatividade buscaremos entendê-las e interpretá-las no processo constitutivo, isto é, buscaremos desvelar o seu processo histórico, a sua essência e o seu desenvolvimento.

4.3 - Procedimentos de Produção dos Dados

O trabalho realizado busca a apreensão dos aspectos subjetivos, históricos sociais e culturais, subjacentes à constituição da imaginação e da criatividade. Diante disso, não se pode determinar hipóteses a serem constatadas ou quantificar o objeto de estudo, pelo contrário os processos imaginativos e criativos serão construídos em atividade no próprio cenário da sala de aula. “É no interior do campo que se definem os diferentes momentos da pesquisa em uma processualidade impossível de ser controlada por nenhum tipo a priori”. (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 80). Por isso utilizaremos a pesquisa qualitativa para realização da pesquisa.

Na perspectiva da pesquisa qualitativa, a atividade investigativa, os procedimentos e análise de dados se constroem e se reconstroem no seu próprio processo de criação, por isso, não se pode pensar em um processo apenas de constatação determinada anteriormente, mas deve apresentar flexibilidade. No entanto, é importante frisar que o pesquisador não vai a campo às cegas, ou guiado por um pensamento que fluirá e desabrochará naturalmente. Pelo contrário, o pesquisador no processo de criação é mediado à luz das teorias, dos métodos construídos e que ao mesmo tempo também se constroem modelos teóricos. O modelo teórico se define na concepção de González Rey (2005, p.104):

[...] como a construção de uma representação teórica que se mantém em constante desenvolvimento ante o surgimento de novas informações empíricas... O modelo não assimila as informações, mas nos permite sua construção...

O modelo teórico é mediado por uma teoria geral, mas esse modelo é a produção do pesquisador das suas significações em relação ao objeto no processo da pesquisa.

Os dados são construídos a partir da criatividade do pesquisador e de suas significações. Como diz González Rey (2005, p. 102): “o dado como evidência incontestável da realidade existe, no entanto seu significado é sempre uma produção humana”.

Os dados foram construídos na relação sujeito e contexto, através de atividades pedagógicas que puderam afetar ou não o sujeito durante a pesquisa. Pensando nessa perspectiva de afetação, que contribuiu para o poder de agir do sujeito, buscamos a realização das atividades metodológicas que foram significativas para as crianças. Partindo dessa ideia, construímos um cenário que possibilite a produção, o interesse e as significações da criança na realização das atividades propostas. “No caso das crianças, o cenário é criado a partir do tipo de atividade inicial para o desenvolvimento da pesquisa. É o atrativo da atividade que define o interesse das crianças em participar da pesquisa”. (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 85).

Esse cenário foi constituído de objetos que contribuíram para a criação da criança, e ao mesmo tempo levou o pesquisador a pensar sobre o próprio objeto simultaneamente. Para isso utilizamos materiais diversos, como: fantoche, lápis e folhas coloridas, massa de modelar etc., na perspectiva, de que esses objetos possam contribuir para com a produção imaginativa e criativa das crianças.

FIGURA 2

Cenário para realização da pesquisa.

Dentre as atividades desenvolvidas está o desenho, uma atividade frequente na educação infantil. O desenho antes imaginado e materializado nos traçados das garatujas, ou linhas que nem ao menos se aproximam do objeto real, mas que para as crianças são significativos, pois expressam no desenho seus conhecimentos produzidos nas suas relações sociais. “Ela desenha o que sabe sobre as coisas, as suas características mais importantes, e não o que vê, ou em consequência, a imagem que forma sobre as coisas”. (VIGOTSKI, 2014, p. 97).

4.4 - Desenho: Produções Sociais, Culturais e Históricas

O desenho é um dos recursos mais utilizados pela criança para expressar que a constituem social e historicamente. O desenho é uma representação da realidade. “Qualquer construção da imaginação, partindo da realidade, tende a descrever um ciclo completo e a encarnar de novo a realidade”. (Vigotski, 2014, p. 47).

O desenho traz em suas linhas, círculos e cores, os indícios da subjetividade, mas não expressa a totalidade, é preciso que a criança externalize seu pensamento para que seja compreendida, pois, ao mesmo tempo a linguagem e o pensamento são instrumentos de constituição das significações. Visto que, a criança consegue produzir mais quando

mediada pela linguagem do outro, pela colaboração. Por isso as produções serão realizadas em grupo, visto que, em uma sessão grupal, os sujeitos são afetados e emocionados podendo surgir ou não uma produção criativa. “A interação do grupo pode gerar emoção, humor, espontaneidade e intuição criativa. As pessoas nos grupos estão mais propensas a acolher novas ideias e a explorar suas implicações”. (GASKELL, 2015, p. 76).

FIGURA 3



Desenho produzido por uma criança do Infantil I. (A lebre e a tartaruga).

Os desenhos são fontes documentais que carregam a materialidade objetiva e subjetiva constituída historicamente através das relações com o outro. São as representações das vivências e experiências construídas com indivíduos e contextos diversos. Como diz Gobbi (2014, p. 152) “Apropriar-se do outro pelo lápis, caneta, giz, carvão independente da faixa etária de quem desenha”.

No entanto, não é uma representação e compreensão do desenho que se realiza de forma mecânica. “O desenho vincula representação e apropriação do outro enquanto se desenha, ao mesmo tempo em que toma para si, constrói e demonstra de diversos modos, diferentes culturas e as próprias culturas infantis com suas especificidades”. (GOBBI, 2014, p. 152). As representações das crianças trazem não só a estética, e as formas gráficas utilizando os diferentes materiais, mas são elaborações que retratam o conteúdo cultural, os comportamentos, organização social, necessidades e motivos, as significações.

A arte é o social em nós, e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais. (VIGOTSKI, 1999, p. 315).

A arte é constituída socialmente pela comoção de quem a produz e a interpreta. É um processo volitivo para ambos, produtor e consumidor da arte.

O desenho é uma atividade real constituída a partir de uma ação pensada e impulsionada pela possibilidade de atingir objetivos propostos anteriormente, mas ao mesmo tempo é constituída também pela impossibilidade da não realização, representando no traçado e na forma do desenho o real da atividade, os sonhos, os desejos, as necessidades e os motivos. A não realização se converte em sentido um motivo para criação. Como diz Vigotski citado por Clot (2006, p. 6) “O homem está a cada minuto pleno de possibilidades não realizadas”. É uma atividade, então que se constitui nas relações homem e sociedade.

Por ser social só pode ser constituído e compreendido nessa relação. Como ressalta Gobbi (2014), não devemos perceber o desenho da criança naturalizado pelos olhares dos adultos. É necessário enquanto professor, pais, e pesquisador humanizar o olhar. De acordo com o autor é necessário que “o olho seja educado”.

Isso nos fez lembrar de uma atividade realizada na educação infantil em que as crianças tinham que criar e desenhar uma história. Uma das crianças terminou o desenho e correndo veio mostrar à professora:

- Tia, a filha da Branca de Neve saiu correndo!
- A professora então perguntou olhando o desenho:
- E onde está a filha da Branca de Neve que não está no seu desenho?
- A criança respondeu:
- Se ela correu! (Informação Verbal⁸).

Na compreensão e na linguagem infantil a lógica é concreta enquanto que no adulto a capacidade de abstração é bem maior. Dessa forma os desenhos são interpretados de acordo com o contexto, com a subjetividade de cada um.

⁸ Criança A de quatro anos do Infantil – I.

Não é explicar totalmente, uma vez considerando que estamos olhando de modo distanciado e isso incorre em descrições que resultam até mesmo de certo afastamento etário, mas entrar em contato deixando-se afetar pelas linhas, traçados, assuntos, formas, pela existência de outro modo explicativo que, ora vai ao nosso encontro. (GOBBI, 2014, p.157).

Diante da mutabilidade interpretativa do desenho utilizaremos a linguagem das crianças diante de suas produções. Para que possamos aprender os sentidos escondidos nas linhas, nas cores e nas formas que compõem o desenho da criança. Pois, pela oralidade a criança é “capaz de revelar, em muitos momentos, como diversos grupos sociais compreendem a si e aos outros, ainda que saibamos o quanto reside de imaginação na composição das imagens”. (GOBBI, 2014, p. 158).

Diante desse contexto aplicamos alguns procedimentos metodológicos, com o intuito de construir e analisar os dados necessários para a pesquisa, como os que estão descritos abaixo:

4.5 - Entrevista Colaborativa com Criança

A entrevista foi realizada não como acontece em entrevistas com adultos, mas através de um processo colaborativo, possibilitando zonas de desenvolvimento, assim, as questões foram desenvolvidas em atividade de acordo com a produção das crianças e após a finalização da atividade. Por exemplo: O que você desenhou? O que você acha do seu desenho? Por que você escolheu esse desenho? Etc. Como diz Gaskel (2015, p. 730):

Toda pesquisa com entrevista é um processo social, uma interação ou empreendimento cooperativo, em que a palavra é o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o ou um entrevistado) para o outro (entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas.

A entrevista é um processo de construção de sentidos e significados de ambos os participantes: pesquisador e pesquisado. Para o pesquisador as significações constituídas nesse processo contribuem e possibilitam a construção dos dados. A fala do pesquisador colaborador contribuíra para a produção representativa material da criança, visto que, a fala não é apenas individual, pois antes ela é uma construção social. “Talvez seja apenas falando que nós podemos saber o que pensamos”. (GASKELL, 2015, p. 75).

Assim, para compreender a imaginação e a criatividade do sujeito é preciso que se revele o pensamento através da linguagem. “Para compreender a fala de alguém, não basta entender suas palavras; é preciso compreender seu pensamento (que é emocionado) não é apenas entender a palavra, mas seu pensamento”. (AGUIAR, 2015, p. 159).

Assim, a compreensão da imaginação e da criatividade perpassa pelo campo de apreensão dos sentidos e significados que constituem a relação do pensamento e da linguagem. E para compreender essa relação é preciso interpretar a palavra com significado. “Por meio da palavra podemos apreender os aspectos cognitivos, afetivos, volitivos, constitutivo da subjetividade sem esquecer que tal subjetividade e, por tanto os sentidos são produzidos pelos indivíduos sociais e históricos”. (AGUIAR, 2015, p. 159).

Cabe ao pesquisador investigar para além da aparência. Para isso é necessário exteriorizar os fenômenos internos a serem observados e interpretados, os sentidos e significados, o pensamento e a palavra, a historicidade que constitui a imaginação e a criatividade.

4.6 - Etapas da Entrevista: Momentos de Pensar e Falar

A entrevista com a criança aconteceu de forma dinâmica envolvendo atividades familiares do cotidiano da educação Infantil. Assim, realizamos a entrevista em três momentos, na contação de história pelo pesquisador, durante a produção do desenho e em sua exposição final. Escolhemos como ponto de partida para a discussão a contação de história. Para isso selecionamos o gênero textual Fábula. A fábula é um gênero, assim como outros diferentes tipos de texto, que carregam em sua materialidade os significados e sentidos constituídos socialmente, mas a sua finalidade é as reflexões sobre as objetivações construídas social e culturalmente. Para isso utiliza como personagens os animais não apenas com o objetivo de transmitir informações, mas de contribuir para elucidação do pensamento comparativo consciente do homem em relação à inconsciência e ao comportamento animal.

Nesse sentido, a arte pode ser entendida como produto cultural, mediador entre o indivíduo e o gênero humano. Ou seja, quem a produz nela cristaliza complexas atividades mentais, as quais podem ser apropriadas pelos demais seres humanos. No entanto, tal apropriação não é mecânica ou passiva. É necessário que se dê a mediação das relações sociais junto ao fruidor, de modo que nele sejam projetados os movimentos que a arte suscita. (BARROCO e SUPERTI, 2014, p. 23).

A arte é um processo que carrega e produz as generalizações constituindo a consciência humana. “Esta pode ser compreendida como processo de organização da consciência a partir de leis extraídas de dadas situações ou experiências, sendo ela (a consciência) entendida como síntese das funções superiores...”. (BARROCO e SUPERTI, 2014, p. 25).

As fábulas carregam nas entrelinhas a subjetividade de quem a produz, e de quem a interpreta por isso ela é mutável. No entanto, há similaridades que permitem uma certa aproximação na compreensão do leitor e escritor, as significações.

Diante disso, escolhemos a fábula “O leão e o Camundongo”, pois consideramos o contexto da sala de aula, isto é, os conflitos existentes e a importância de modificar o cenário na rotina diária. Além disso, traz a possibilidade de pensar sobre vários fatores culturalmente determinados dentre eles amizade, gentileza, aparência etc. Veja a fábula de La Fontaine:

Certo dia, estava um Leão a dormir a sesta quando um ratinho começou a correr por cima dele. O Leão acordou, pôs-lhe a pata em cima, abriu a bocarra e preparou-se para o engolir. - Perdoa-me! - gritou o ratinho - Perdoa-me desta vez e eu nunca o esquecerei. Quem sabe se um dia não precisarás de mim? O Leão ficou tão divertido com esta ideia que levantou a pata e o deixou partir. Dias depois o Leão caiu numa armadilha. Como os caçadores o queriam oferecer vivo ao Rei, amarraram-no a uma árvore e partiram à procura de um meio para o transportarem. Nisto, apareceu o ratinho. Vendo a triste situação em que o Leão se encontrava, roeu as cordas que o prendiam. E foi assim que um ratinho pequenino salvou o Rei dos Animais. (LA FONTAINE, 2005, p. 65).

FIGURA 4



Tapete de Conto de Fábula Infantil

A Fábula foi apresentada às crianças através de uma amarelinha e a leitura foi realizada de forma lúdica, através da dramatização da pesquisadora que utilizou de expressões corporais e faciais, e artifícios da própria linguagem para que a narrativa fosse aprendida com mais vivacidade. E foram feitos questionamentos antes, durante e depois da leitura. Interrogações que possibilitaram às crianças imaginarem e criarem suas ideias sobre a história. E expressarem através da linguagem suas significações. Logo após a leitura, realizou-se o segundo momento em que as crianças produziram o desenho. E por fim sua apresentação final através da oralidade expressando seu pensamento a partir do desenho. Em um momento a entrevista se realizara com o intuito de colaborar na produção material e psicológica da criança.

4.7 - Observação Participante

Enquanto sujeito colaborador da pesquisa, o pesquisador é também um observador participante. Gaskel (2015) enfatiza que a observação do pesquisador participante possibilita uma maior profundidade diante das informações, permite a observação dos gestos, a forma como se relacionam nos pares colaborativos, as contribuições, o desenvolvimento, visto que utilizaremos a pesquisa em grupo, as dificuldades e as inquietações diante das produções, como por exemplo, a rejeição diante da produção do desenho, a insatisfação, conflito diante das mudanças que surjam na atividade, à linguagem, o pensamento, as significações. Para isso utilizou-se como instrumento de observação, além do olhar, o diário de campo, a gravação em vídeo.

Logo após o processo de produção das crianças foi feita a realização da descrição e a análise dos dados que foram mediados pelos fundamentos teórico-metodológicos da psicologia sócio-histórica.

4.8 - Os Sujeitos e o Campo da Pesquisa

O trabalho de pesquisa foi realizado em uma Unidade de Educação Infantil, localizada na Zona Rural de Mossoró, especificamente na turma do Infantil I em que estou professora. A turma é composta por vinte e quatro crianças, sendo quatorze meninos e dez meninas na faixa etária de quatro anos de idade.

Para a realização da pesquisa selecionamos um grupo composto por quatro crianças de ambos os sexos, masculino e feminino. As crianças que participaram do grupo fazem parte da Unidade a cerca de três anos, ou seja, são crianças que frequentam a instituição desde a creche, compostas pelo maternal I e II, inseridas atualmente na pré-escola, no infantil I.

Como realizamos a pesquisa com crianças, fizemos uma reunião com pais e/ou responsáveis apresentando o objetivo, as contribuições e o procedimento metodológico utilizados durante a pesquisa. Durante a exposição apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi aprovado e assinado pelos pais e/ou responsáveis. Ver apêndice A.

O critério de seleção das crianças para participarem da pesquisa advém da criatividade e da imaginação demonstradas diante das atividades realizadas nos diferentes espaços de atividades na educação infantil em que foram observados, enquanto indivíduos da turma.

Pelo fato de serem elementos de uma pesquisa, essas crianças, vem à tona a discussão do próprio processo significativo da relação pesquisador - pesquisado, as afetações positivas ou negativas constituídas das vivências diárias, as emoções diante da atividade, positivas ou negativas, e ao mesmo tempo nos faz refletir sobre o próprio processo criativo do professor na realização de atividades didáticas na educação Infantil.

Realizar um trabalho de pesquisa para revelar a constituição da imaginação e criatividade exige do próprio pesquisador se colocar também no processo de constituição.

Tem-se o desafio de revelar os segredos escondidos, a fantasia, o real e o irracional, as alegrias e tristezas, as significações, a gênese do processo imaginativo e criativo que se constituem nas atividades realizadas na educação infantil pelas crianças. Para isso necessitamos conhecer e apresentar quem são os sujeitos participantes da pesquisa. Utilizamos como referência o desenvolvimento integral, suas habilidades e competências constituídas no espaço da sala de aula.

As crianças que participaram da pesquisa foram denominadas de: Primavera, Verão, Outono e Inverno com o intuito de atuar com ética, responsabilidade e discrição, preservando a identidade dos participantes.

4.8.1 - PRIMAVERA

Primavera é uma criança meiga, simpática, observadora que realiza suas atividades com capricho e perfeição. Interage com todos da sala sem distinção. Compartilha vivências e experiências pertinentes às discussões realizadas em sala exemplificando algo do contexto real em que se encontra. É uma criança atenciosa e dedicada diante de qualquer situação proposta, é bastante interativa mostrando tal característica nas rodas de conversa, nas leituras e brincadeiras dentro e fora da sala de aula.

Diante das atividades grupais, envolve-se e contribui ajudando os colegas que apresentam dificuldades. Em caso de dúvida, direciona-se à professora aceitando como um estímulo finalizar a atividade em qualquer que seja o direcionamento.

Na linguagem escrita é notável seu desenvolvimento reconhecendo as letras do alfabeto em diversos contextos e situações problemas, como nas leituras coletivas, com o uso do alfabeto móvel e na chamadinha. Nos primeiros bimestres ainda não era possível a efetivação da grafia convencional, porém nos bimestres seguintes as habilidades escritoras foram estimulando fazendo com que a criança conseguisse grafar seu próprio nome e algumas palavras, no entanto ainda se encontrava no nível pré - silábico, visto que ainda não conseguia fazer relações grafofônicas. Nível adequado à sua idade.

Percebemos que na leitura a criança interessa-se por livros diversos realizando leituras de imagens de forma criativa, construindo textos orais bastante imaginativos expressando tal leitura para a classe com entusiasmo. E ouve atentamente a leitura realizada. Na escrita espontânea e na construção de texto coletivo produzia histórias mostrando saberes em relação ao gênero narrativo, iniciando com “Era Uma Vez...” finalizando com “Felizes para sempre” com início, meio e fim, lendo da direita para esquerda (contrário) e se faltassem letras no momento da leitura imediatamente utilizava da criatividade e do conhecimento já adquirido para preencher o espaço e oralizar a informação. O mesmo é expresso na produção coletiva, tendo o professor como escriba.

Enquanto que na matemática desenvolveu algumas noções lógicas, reconhecendo os números em contextos diversos, compreendendo questões relacionadas a tamanho: pequeno, médio e grande; às formas geométricas: círculo, triângulo, quadrado e retângulo; fino e grosso; dentro, fora. Além de noções de adição acompanhada de situações e experiências concretas. Conseguindo grafar os números de forma convencional.

Além disso, em Natureza e Sociedade, distingue os alimentos saudáveis dos não apropriados para saúde, quais são os frios e quentes, doces e salgados, áspero e macio.

Em seus discursos destacava a importância de alimentar-se de forma saudável para se ter um bom crescimento.

4.8.2 - VERÃO

É uma criança atenciosa, ativa, inteligente que assume o papel de cavalheiro da tábua redonda, isto é, interagia com todos, partilhava das dúvidas dos colegas, porém preferia compartilhar das experiências e brincadeiras com os meninos, atitude frequente entre as crianças. No entanto, não excluía os outros dos círculos de diálogo.

Na tábua redonda (na roda de conversa) participava de forma ativa trazendo sempre suas interpretações sobre as temáticas trabalhadas na sala de atividades, como por exemplo, o Bulliyng, conversa sobre o tema, dava exemplos da vida cotidiana e explicações aos colegas diante de situações conflituosas destacando a importância do uso das palavras mágicas em sala de aula e fora dela.

Na contação de história ouvia atentamente as diversas histórias, respondia quando solicitado, dando respostas sempre bastante pertinentes. Recontava a história com fidelidade acrescentando ainda tentativas de leitura convencional. Em relação à leitura convencional, a criança conhecia, identificava todas as letras do alfabeto de forma contextualizada, como por exemplo, na chamadinha, bingo de letras, alfabeto móvel entre outras.

Na escrita conseguia grafar todas as letras em diferentes atividades, dentre essas tarefas a escrita de palavras e a produção do seu próprio nome. Conseguia realizar algumas correspondências grafafônicas.

Nas habilidades direcionadas, a lógico-matemática, por exemplo, conhecia as dimensões espaciais, dentro, fora, perto, longe, pequeno, médio e grande, longo, curto, grosso, fino. Identificava os numerais em espaços diversos e conseguia grafá-los convencionalmente. Resolvia pequenas operações de adição com o auxílio do professor e instrumentos através da solução de problemas. Como por exemplo, o uso da brincadeira das compras em um supermercado.

Nas atividades em que se trabalhava as habilidades e competências na natureza e sociedade, adorava os projetos direcionados ao meio ambiente, especialmente os que estavam direcionados ao contato com a natureza, plantas e animais. Dentre as discussões, relatava em suas histórias orais as consequências da poluição do ambiente, o ciclo do

trabalho dos animais para sua sobrevivência, como por exemplo, a formiga, a forma de evolução da espécie especificamente a metamorfose da borboleta.

Enquanto que na música era um pouco tímido para se expressar através dos diversos ritmos, mas mesmo assim envolvia-se nas atividades, como na apresentação do festival cultural, dançando a música dos anos sessenta, de Roberto Carlos, Splish splash.

Verão era uma criança que a cada dia surpreendia com sua dedicação, aprendizado e desenvolvimento integral. Que continue essa criança ativa, esperta e que adora um desafio.

4.8.3 - INVERNO

Era uma criança que esbanjava diversão, amizade pelos colegas, respeito por todos sem distinção, e exigia dos colegas o mesmo diante de todos. Por isso, sempre que se deparava em situações conflituosas buscava apaziguar destacando a importância das palavrinhas mágicas.

Inicialmente a criança apresentava dificuldades em respeitar regras, mas de acordo com o seu desenvolvimento integral, seu comportamento foi se transformando. Com isso, conseguiu participar ativamente da rotina, ouvia a professora e os colegas na roda de conversa e adorava responder aos questionamentos, mas assim como toda criança adorava se movimentar, subir, descer, pular e consideramos tal comportamento pertinente à idade e à forma infantil de ser criança e aproveitamos tais ações para desenvolver ainda mais as habilidades e competências.

A criança adorava apresentações teatrais, expressava-se em meio aos diversos sentimentos. Diante do papel que lhe fora dado, era bastante criativo em suas interpretações. Dava exemplos bastantes pertinentes, que comprovavam tal afirmação, um deles foi a apresentação do Festival Cultural interpretando a música dos anos sessenta Splish splash de Roberto, na encenação do Poema “A Porta” de Vinícius de Moraes.

Nas brincadeiras, interagia com todos os colegas, possuía habilidades de equilíbrio e coordenação, habilidades visíveis no pular corda, amarelinha, corrida do saco, e no jogo de futebol. É importante destacar que, além disso, respeitava as regras que regem as brincadeiras.

Na linguagem oral, Inverno expressava suas ideias apresentando coerência em suas colocações, pois, sempre destacava algo criativo sobre a temática que estivera sendo

trabalhada. Por exemplo, no trabalho com o Bullying, seja nas rodas de leitura, ou nas brincadeiras, sempre destacava a importância de respeitar o colega, do uso das palavras mágicas e citava exemplos da vida fora do espaço escolar.

Na leitura adorava ouvir as histórias de fazer a leitura espontânea, e recontar as histórias ouvidas. No relato apresentava facilidades representando fielmente a história, mas trazia sempre a criação, acrescentando novas palavras, mas não fugindo do sentido do texto. No entanto ao ser colocado para criar histórias orais, Inverno fazia uma relação de elementos da realidade que deixava suas narrativas surpreendentemente criativas.

O mesmo acontecia na escrita, a cada dia era mais surpreendente pela capacidade e pelo desenvolvimento da criança, pois ao iniciar o ano letivo não reconhecia as letras e desenvolveu o conhecimento das letras e conseguia grafá-las convencionalmente. Habilidades visíveis na chamadinha, nos jogos de palavras como no dominó das letras, no manuseio de materiais escritos. Inverno já conseguia grafar seu próprio nome. E havia vestígios escritos da criança por toda a sala.

Na matemática conhecia noções espaciais, dentro, fora, acima, abaixo, perto, longe. Além disso, adquiriu a compreensão de tamanhos, pequeno, médio e grande. Reconhecia os números em diversos contextos e situações problemas, como por exemplo, a encenação da feira, reconheceu os números conseguindo resolver pequenos problemas matemáticos através do uso de instrumentos, como palitos de fósforos etc.

Na música e nos movimentos corporais apresentava facilidades nos movimentos e expressava-se de acordo com os diversos ritmos.

Em natureza e sociedade aprendeu vários conhecimentos com o projeto Meio Ambiente e Saúde, dentre eles a jogar o lixo no local adequado, a importância da coleta do lixo e a proteção ao meio ambiente. Além disso, conhecia e diferenciava as diferentes paisagens natural e urbana e os tipos de moradia.

Ainda em relação a natureza e sociedade através do projeto Trânsito conhecia algumas regras de trânsito, a importância e o respeito à sinalização e à vida.

4.8.4 - OUTONO

Era uma criança simpática, tímida, amável, carinhosa que demonstrava amizade com todos sem distinção. Nas interações entre os colegas partilhavam de experiências e aprendizado nas mais diversas brincadeiras, dentre essas brincadeiras a sua favorita o faz

de conta, um faz de conta que acontecia diariamente nas salas de atividade. A boneca ganhava vida se tornando a mãe, a professora, a aluna que atua em contexto e tempo determinado em que a criança recriava e criava através dos conhecimentos adquiridos no espaço escolar e não escolar.

Na roda de conversa a criança apresentava criatividade nas discussões assumindo posições bastante pertinentes nas diversas temáticas, como por exemplo, nos Projetos Alimentação Saudável, Trânsito, Bullying, Meio Ambiente e Saúde etc. É nas rodas de conversa que apreciava a contação de histórias, observava atentamente, recontando com criatividade e imaginação os diversos tipos de textos, respeitando algumas de suas características principais.

Essa contação de história era entrelaçada pelas expressões faciais, a entonação da voz que traduzia a habilidade para as artes, como a dança e o teatro. Mas, principalmente nas artes plásticas como no desenho, manuseio e criação com massa de modelar representando a metamorfose da borboleta com uma criatividade impressionante, conseguindo produzir desenhos e esculturas com perfeição, reconhecendo cores e texturas, obedecendo ao traçado.

Enquanto que na matemática desenvolveu algumas noções lógicas, reconhecendo os números em contextos diversos, compreendendo questões relacionadas a tamanho: pequeno, médio e grande; as formas geométricas: círculo, triângulo, quadrado e retângulo; fino e grosso; dentro, fora. Além de noções de adição acompanhada de situações e experiências concretas. Em relação aos números identificava em diferentes situações conseguindo grafá-las convencionalmente com o auxílio de instrumentos e do professor.

Na linguagem escrita notável era seu desenvolvimento reconhecendo as letras do alfabeto em diversos contextos e situações problemas, como nas leituras coletivas, com o uso do alfabeto móvel e na chamadinha. No primeiro semestre ainda não era possível a efetivação da grafia convencional, porém nos bimestres seguintes as habilidades escritoras foram estimuladas fazendo com que a criança conseguisse grafar seu próprio nome e algumas palavras, no entanto ainda se encontrava no nível pré-silábico, visto que ainda não consegue fazer relações grafofônicas, escreve uma letra para cada sílaba. Nível adequado à sua idade.

Na natureza e Sociedade reconhecia e diferenciava as diversas paisagens, o rural e o urbano e seus objetos materiais e naturais que os constituem. Aprendendo algumas tradições culturais folclóricas, como as lendas e as músicas regionais. Adquiriu

conhecimento sobre Brinquedos e brincadeiras antigas, regras e atitudes voltadas para o bem - estar social, cultural e natural.

5 - PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS

O processo de análise de dados praticado neste trabalho partiu do pressuposto de que é necessário apreender a imaginação e a criatividade que constituem a produção da criança pré-escolar nas atividades pedagógicas de que participam no ambiente da educação infantil. A análise teve como foco as significações constituídas pelas crianças frente às suas atividades escolares imaginativas e criativas materializadas na forma de desenho. Para isso foi preciso que as crianças, por meio da fala, mas também de gestos, silêncio e as mais diversas formas de comunicação, interpretassem seus desenhos, revelando suas intenções, necessidades e motivações, enfim, o que pensavam e sentiam sobre a realidade vivida e materializada na forma de desenho.

Desse modo, utilizamos o procedimento dos núcleos de significação, conforme Aguiar e Ozella (2013), seguindo a estrutura de pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação. A proposta busca a possibilidade de aprender as significações sociais e históricas constituídas pelo sujeito nas relações em atividade em uma realidade determinada.

A análise da imaginação e da criatividade é uma legítima interpretação e compreensão de que esse processo é uma atividade significada pela criança. Na análise, é importante também levar em conta que a atividade imaginativa e criativa é um processo tanto cognitivo quanto afetivo que tem como referência a realidade vivida e significada pela criança.

Assim, partimos do pressuposto de que o desenho produzido a partir das atividades imaginativa e criativa realizadas nessa pesquisa carregava em sua representatividade indícios da significação. Mas o que se percebe é mais os aspectos aparentes. Sabemos que o significado carrega muito mais do que apresenta visivelmente. Por isso, faz-se também necessário apreender o lado oculto dos significados, isto é, os sentidos que motivam a criança a produzir e expressar, especialmente na forma de desenho, o que pensa e sente sobre a realidade vivida. “O sentido refere-se à necessidade que, muitas vezes, ainda não se realizara, mas que mobiliza o sujeito constituir o seu ser, gera formas de colocá-lo em atividade”. (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 227).

Para apreender os sentidos que constituem o processo imaginativo e criativo da criança, o ponto de partida da nossa investigação é a análise da palavra sobre o desenho por ela produzido, tendo como foco as significações que a constituem. Assim sendo, não se trata de uma palavra isolada, desmembrada da realidade, mas constituída nela. Como

diz Aguiar e Ozella (2013, p. 308) partimos “... das palavras inseridas no contexto que lhe atribui significado, entendendo aqui como contexto desde a narrativa do sujeito até as condições histórico-sociais que o constitui”.

Todos esses aspectos são mediados pelo teor emocional, afetivo que revela na tonalidade e nas expressões do corpo da criança os sentidos constituídos social e historicamente. “Desse modo, esse é um momento da pesquisa que não visa apreender simplesmente as afirmações verbais do sujeito, mas também as significações da realidade que se revelam por meio das expressões verbais, que são sempre carregadas de afeto”. (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015, p. 64).

A análise não é simplesmente um processo de apropriação das partes que constituem o todo, mas um processo que visa apreender as relações dialéticas entre as partes e o todo. Um movimento de análise constante, de idas e vindas mediadas pela teoria e pelo método da psicologia sócio-histórica.

Para apreender a constituição da imaginação e da criatividade é preciso, portanto, analisá-la para além da aparência. É preciso apreender os sentidos e significados que a constituem não de forma isolada, mas na sua totalidade, e assim a configuram como uma atividade que se constitui na relação dialética entre pensamento e palavra.

5.1- Pré-Indicadores: imaginação e realidade

A etapa para elaboração dos pré-indicadores é o movimento inicial para obtenção dos núcleos de significação. É o processo em que o pesquisador busca apreender os elementos que constituíram o discurso do sujeito. Esse processo começou pelo destaque das falas do sujeito pesquisado. São elementos que já apresentavam indícios sobre as significações que os constituem. As falas analisadas carregam não apenas o teor cognitivo do sujeito, mas também o afetivo que o constitui como indivíduo. “Os pré-indicadores são, portanto, trechos de fala compostos por palavras articuladas que compõem um significado, carregam e expressam a totalidade do sujeito e, portanto, constituem uma unidade de pensamento e linguagem” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 309). Veja o quadro ilustrativo abaixo (Essas falas são trechos que foram retirados da fala de crianças numa atividade de produção de um desenho na educação infantil em uma turma do infantil I):

QUADRO 3 – EXEMPLOS DE ELABORAÇÃO DE PRÉ-INDICADORES

PRÉ-INDICADORES
A ovelha disse ao monstro que nunca mais daria nele e pediu desculpa.
A cigarra bateu na porta da casa da formiga e ela disse: - Eu nem me importo! A cigarra foi embora e a formiga falou: acho que ela não resistiu, a culpa é minha! A formiga colocou a cigarra dentro de casa e foram brincar
Mas, depois da corrida eles voltaram para os amiguinhos da floresta e abraçaram o esquilo e os pássaros.
Elas aprenderam a não fazer Bullying, elas pensaram. No outro dia o espantalho e as três meninas começaram a brincar.
- Obrigado, ratinho. Você é bom demais e nunca mais eu vou comer você, vou comer só o leitinho.

Os pré-indicadores possibilitaram apreensão das multideterminações que constituem as significações, pois “Partimos dela sem a intenção de fazer uma mera análise das construções narrativas, mas com a intenção de fazer uma análise do sujeito”. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 308). Sujeito que se constitui no movimento dialético constante na relação entre objetividade e subjetividade e é nesse movimento que se revela o pensamento, os sentidos por meio da linguagem.

É importante frisar, parafraseando Aguiar, Machado e Soares (2015), que as falas não podem ser vistas de forma absoluta, mas como teses que a partir do movimento dialético constitutivo entre tese, antítese e síntese, produzem a subjetividade do sujeito na relação entre apropriação e constituição das objetivações históricas e sociais.

Os discursos não estão descolados da realidade, mas se constituem numa dinâmica que a envolvem. Assim, não é algo natural, mas um processo mediado historicamente e socialmente construído na dialética entre singularidade-particularidade universal.

“O esforço empreendido é na direção de, num processo construtivo interpretativo, partir do empírico, mas, superá-lo”. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 308). É a partir da negação do empírico que se pode apreender o concreto pensado.

A análise e síntese de um objeto não é algo findável, mas articulado a um tempo e contexto determinado. Pois, como diz Lefebvre citado por Aguiar, Soares e Machado (2015, p. 660) “analisar uma realidade complexa e atingir seus elementos reais é o mesmo que descobrir seus momentos”.

Nesse processo de análise, o pensamento está em constante movimento. É um processo inesgotável e flexível. É um meio de destacar os significados do discurso dos sujeitos, focalizando aspectos pertinentes para a pesquisa.

Logo após, o movimento de mobilização dos elementos encontrados nos pré-indicadores, ocorre o processo aglutinação dos elementos da realidade que constitui as falas do pesquisado, constituindo os conteúdos temáticos. É o movimento da criação dos indicadores.

5.2 - Sistematização dos Indicadores: associação dos elementos

A etapa de elaboração dos indicadores é o movimento de combinação e criação dos conteúdos temáticos que constituíram os núcleos de significação. Nesse movimento ocorre o processo, segundo Aguiar e Ozella (2013), de aglutinação dos pré-indicadores, essas aglutinações não se constituem de forma isolada, neutra ou fixa, mas a partir dos elementos que apresentam conteúdos temáticos similares, diversos ou complementares.

Os indicadores são aglutinados a partir das relações subjetivas e objetivas existentes na fala, mas principalmente a partir da imaginação e criatividade do pesquisador que analisa, combina e cria, a partir das mediações pelos teóricos metodológicos.

O processo de constituição dos indicadores requereu análise e leituras de várias das falas dos sujeitos. Um movimento da tese para a antítese, as contradições e similaridades que surgiram nas relações discursivas presentes nas falas do sujeito. É uma

passagem do empírico, o visível, encontrado nas informações que constituem os pré-indicadores, para a sua complexidade e profundidade.

Com isso, queremos dizer que, embora as afirmações/tese definidas como pré-indicadores não evidenciam, de forma imediata, as respostas necessárias às questões aventadas pelo pesquisador acerca da realidade, são elas, como produções subjetivas mediadas pela história e pela cultura, que lhes permite abstrair os indicadores que se configuram e, assim, o aproximam das zonas de sentido que constituem os sujeitos (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015, p. 68).

QUADRO 4 – EXEMPLOS DE ELABORAÇÃO DE INDICADORES

INDICADORES	PRÉ- INDICADORES
1 - As palavras mágicas como elementos indispensáveis para experiências e vivências em grupo.	- A ovelha disse ao monstro que nunca mais daria nele e pediu desculpa.
	- Obrigado ratinho você é bom demais e nunca mais eu vou comer você, vou comer só o leitinho.
2 - A formação da consciência infantil;	- A cigarra bateu na porta da casa da formiga e ela disse: - Eu nem me importo! A cigarra foi embora e a formiga falou: acho que ela não resistiu, a culpa é minha.
	- Mas, depois da corrida eles voltaram para os amiguinhos da floresta e abraçaram o esquilo e os pássaros.
	- Elas aprenderam a não fazer Bullying, elas pensaram. No outro dia o espantalho e as três meninas começaram a brincar.
5 - A brincadeira: vivência e afetação	- Elas aprenderam a não fazer Bullying, elas pensaram. No outro dia o espantalho e as três meninas começaram a brincar.
	- Elas aprenderam a não fazer Bullying, elas pensaram. No outro dia o espantalho e as três meninas começaram a brincar.

É o processo de negação do dito, da imediaticidade, é revelar as contradições, as mediações que constituem a fala do sujeito. “Entendemos, desse modo, que os indicadores só adquirem algum significado se inseridos e articulados na totalidade dos conteúdos temáticos contidos nas expressões do sujeito”. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 309). Veja o quadro ilustrativo abaixo:

Com a sistematização dos indicadores se realiza a constituição dos núcleos de significação. A síntese das mediações que constituem o sujeito.

5.3 - Núcleos de Significação: a criação

A constituição dos núcleos de significação aconteceu a partir da aglutinação dos indicadores tendo como critério as contradições, as similaridades e as complementaridades que atravessam as falas dos sujeitos. De acordo com Aguiar, Soares e Machado (2015), é a síntese da análise dos indicadores na dialética entre parte e todo. É o desvendar das significações encontradas nas relações entre o sujeito e a realidade. Esse processo se constitui em duas fases:

Uma voltada para inferência e organização dos núcleos de significação a partir da articulação dos indicadores e outra que se ocupa da discussão teórica dos conteúdos propriamente ditos que constituem tais núcleos, isto é, a interpretação dos sentidos, que, produzidos na atividade social e histórica configuram o modo de pensar, sentir e agir dos sujeitos participantes da pesquisa. (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015, p.71).

Os núcleos “Devem, assim, ser entendidos como um momento superior de abstração, o qual, por meio da articulação dialética das partes – movimento subordinado à teoria - avança em direção ao concreto pensado, às zonas de sentido”. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 310). Isto é, sai da dimensão empírica (significado) partindo em direção à dimensão concreta da realidade.

QUADRO 5 – EXEMPLOS DE ELABORAÇÃO DE NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
1 - As palavras mágicas como elementos indispensáveis para experiências e vivências em grupo.	A ARTE DE CONTAR E OUVIR HISTÓRIAS: APROPRIAÇÃO DAS OBJETIVAÇÕES HISTÓRICAS ESCOLARES
2 - A formação da consciência infantil.	
3 - A afetividade mediando o brincar.	

Com a elaboração dos núcleos se realiza o movimento intranúcleo, ou seja, a articulação e análise de cada núcleo. Logo após a análise dos núcleos ocorreu a articulação internúcleo, a articulação entre os núcleos, a síntese do todo. “Nesse momento, internúcleo, alcançamos uma análise interpretativa mais completa e sintetizadora, ou seja, quando os núcleos são integrados no seu movimento, analisados à luz do contexto do discurso em questão, à luz do contexto social histórico, à luz da teoria”. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 311). Isso traz a possibilidade de revelar os sentidos constituídos pelo sujeito.

Acreditamos que análise de dados partindo dos núcleos de significações, instrumento baseado na perspectiva sócio-histórica, permite apreender e compreender as significações que constituem a imaginação e a criatividade das crianças, suas contradições, similaridades e complementaridades encontradas na gênese das relações entre os elementos constituídos a partir das mediações sociais, culturais e históricas.

6 - A DIMENSÃO SUBJETIVA DO FENÔMENO IMAGINATIVO E CRIATIVO NA CRIANÇA PRÉ - ESCOLAR

A imaginação e a criatividade estão atreladas à ideia de transformação do estabelecido, à contraposição, à fossilização de si e do mundo através do movimento dialético histórico do homem na construção da objetividade e da subjetividade na atividade.

A ação transformadora do sujeito se constitui da negação diante da realidade objetiva, mas o pensamento não se constitui e nem se realiza apenas na objetividade, mas a partir do sujeito que pensa, sente e age. Pensamento constituído social, cultural e histórico nas relações humanas que formam a subjetividade. A subjetividade se constitui e se realiza por meio da liberdade de imaginação e criação dos homens que conseqüentemente surgem na dialética entre insatisfação e satisfação dos homens nas atividades vividas. O sentimento de satisfação ou de insatisfação na atividade das crianças pode impulsionar o desejo, o interesse, o motivo, a transformação.

Isto é, as atividades imaginativas e criativas das crianças são constituídas pelas imagens e emoções, pelas significações que se constituem no campo da historicidade do homem que produz e apreende a cultura humana por meio da linguagem e do pensamento constituindo a subjetividade na atividade. E na atividade mediada pela ideia do ser e do ter, que faz do homem um sujeito que imagina e cria o mundo humano para satisfazer suas necessidades. Necessidades que se modificam constantemente. Com isso podemos afirmar que a imaginação e a criatividade advêm da busca da desnaturalização do pensar, do sentir e do agir sobre si e sobre o mundo. A desnaturalização do pensamento e do comportamento fossilizado.

A Imaginação e a criatividade são mediadas pela realidade objetiva e subjetiva e, ao mesmo tempo, que ela se realiza e se constitui pela liberdade das crianças de imaginar e criar. A liberdade do pensamento, das ideias, materializadas ou não nas atividades infantis. Para isso é necessário um ambiente que proporcione a realização e a constituição da atividade. (VIGOTSKI, 2014). Um dos ambientes que tem a possibilidade de mediar a constituição desse processo é na educação infantil.

A imaginação e a criatividade são mediadas, pela forma e pelo conteúdo das relações sociais, que configuram as diferentes situações vividas pelos sujeitos. E a imaginação e a criatividade atreladas à subjetividade se constituem por meio da vivência do sujeito nas diferentes situações que o levam a ressignificação da realidade. Isto é, as

significações do sujeito mediadas pelo cognitivo e pelo afetivo simultaneamente se constituem e se transformam em um processo de desenvolvimento constante que possibilita a transformação social, cultural e histórica.

Pensando sobre tais concepções anteriormente apresentadas imaginamos essa configuração no âmbito da educação infantil, nas representações das crianças, no processo imaginativo e criativo. Como o próprio Vigotski (2014) discute, as crianças podem até ter menos vivências e experiências em relação ao adulto nas construções imaginativas e criativas, mas são as crianças que apresentam mais liberdade para suas produções nas brincadeiras do faz de conta, no desenho, nas histórias contadas e recontadas. É nessas brincadeiras que as crianças produzem suas interpretações sobre a realidade. É nessas atividades que a criança constitui a sua subjetividade, o seu modo de ser imaginativa e criativa no mundo. Diante de tais proposições indagamos: Como se configuram a imaginação e a criatividade das crianças? Quais os sentidos e significados que constituem os processos imaginativo e criativo da criança na educação Infantil? Em que aspectos a subjetividade se constitui na relação imaginativa e criativa na criação infantil? Mediados pelas ideias teóricas e metodológicas que embasam nossa pesquisa e na tentativa de responder a tais questionamentos realizamos o processo de análise das informações (falas das crianças que participaram da pesquisa) a partir da constituição de três núcleos de significação que serão listados a seguir:

A Arte de Ouvir e Contar Histórias: apropriação das objetivações históricas.

No processo de contação e reconto das histórias percebemos que as crianças se apropriam e ao mesmo tempo objetivam as significações que constituem as histórias. E em suas produções materializam suas interpretações sobre as histórias lidas; não reproduzindo, mas recriando-as, contando-as como uma novidade mediada pela historicidade de suas vivências e experiências. Assim, esse núcleo é constituído dos seguintes indicadores: 1 - Amizade caracterizada pela condição das trocas de favores; 2 - “Bondade é amar sua família, seus pais irmãos, todo mundo dessa cidade”: constituídas nas relações em atividade; 3 - “Viveram felizes para sempre”: amizade e afetividade; 4 - “Amizade e brincadeira no reino dos animais”: formando conceitos; 5 - A linguagem e o poder de afetar e ser afetado pelo outro na produção imaginativa e criativa.

Desenhos: cores e traços da infância.

Esse núcleo traz inicialmente os embaraços que constituem a concepção sobre o desenho na educação infantil, apresentando a crítica ao embaraço existente sobre a dicotomia entre objetividade e subjetividade. O núcleo carrega as significações que

constituem o pensar, o sentir e o agir das atividades da infância. O núcleo é formado pelos seguintes indicadores: 1 - “Pedra, papel, tesoura”: brincadeira atividade cultural e social; 2 - família com o papel de cuidar e educar; 3 - Atividades infantis, a arte de imitar a vida por meio do brincar, desenhar e contar; 5 - “Era tarde demais... e tomou o comprimido e melhorou”: o desejo do outro mediando e ressignificando a imaginação e a criatividade.

Era uma vez... Mediações das atividades escolares.

Nesse núcleo, analisamos as significações constituídas pelas crianças sobre os conteúdos escolares. Os indicadores que os constituem são: 1- Obrigado, por favor: as palavrinhas mágicas como condição de ser e estar no mundo humano; 2 - O enredo: o mundo natural e social por meio dos projetos escolares: alimentação saudável, meio ambiente, noções lógico-matemáticas; 3 - Espaço escolar: historicamente constituído na dialética entre ensinar e aprender; 4 - “Fique prestando atenção”: a criança imaginando o papel da professora na regulação do comportamento dos coleguinhas.

6.1 - A Arte de Ouvir e Contar Histórias: Apropriação das Objetivações Históricas.

Este núcleo denota as mediações que constituíram as relações simbólicas e afetivas no ambiente da educação Infantil e que foram reveladas nas falas das crianças nos pré-indicadores. Dentre as diversas mediações, estão a linguagem, o pensamento e os diversos instrumentos utilizados nessas relações, que são simbólicas e afetivas.

A contribuição do gênero narrativo no processo de ensino aprendizagem, na formação das significações reveladas e constituídas no processo de criação das crianças. O trabalho com o gênero narrativo não se apresenta apenas em relação à sua função e características estruturais que necessitam ser apreendidas, mas é um instrumento que carrega as determinações e mediações histórico-social e cultural produzido em um ambiente e tempo determinados.

Na materialidade dos contos expressos em papeis, ou nos mais diversos portadores de texto, perpassam as ideias, as emoções e as significações. São criações fluidas, para quem lê e para quem a escreve, isto é, o que está escrito pode ter um significado comum, mas um sentido diverso para cada leitor e a cada leitura. A interpretação, o sentido dado por quem manuseia e lê o texto depende da apropriação sobre a realidade mediada por seus conhecimentos e por seus sentimentos, ou seja, pela configuração subjetiva constituída na historicidade e nas relações sociais. Essa interpretação é constituída pelo

poder da imagem lançada em nossos pensamentos, pela imaginação e pela criatividade que permitem não apenas reproduzir as imagens, mas de recriá-las, significá-las.

A contação de histórias e o reconto na educação infantil têm sido algumas das principais atividades que constituem o processo de ensino e aprendizagem na educação infantil. Os contos, as fábulas são os mais utilizados, pelo menos, é essa a nossa compreensão, por seu caráter fantasioso, imaginário e ao mesmo tempo permite o trabalho na construção da subjetividade infantil.

Pensando nos textos infantis como instrumentos mediadores para construção das significações, da subjetividade das crianças, utilizamos a Fábula “O Leão e o Camundongo” como ferramenta inicial para produção da imaginação e da criatividade das crianças no processo da produção dos dados. A ideia surgiu a partir do trabalho realizado no ambiente em que a pesquisa foi realizada, que vinham desenvolvendo o trabalho com o gênero textual fábulas, e conseqüentemente em virtude do conteúdo temático proposto, que poderiam contribuir com as ações e atitudes das crianças em sala. Além do aspecto cognitivo, a leitura da fábula traz a possibilidade de afetar o sujeito contribuindo com a constituição da imaginação e a criatividade, pois como diz Vigotski (2014) a imaginação é mediada por sentimentos e a própria imaginação pode evocá-los.

A arte de ouvir e contar histórias permite a transformação do sujeito, através da apropriação e da objetivação, do pensamento sobre a materialidade dos livros em um movimento constante na imaginação e da criatividade das crianças. No entanto, não é um processo de transformação natural, mas mediada pelas relações educativas em colaboração que constituem o processo de significação. A contação de história, a produção do desenho e as falas sobre a produção foram indispensáveis para a constituição dos seguintes indicadores: 6.1.1 - Amizade caracterizada pela condição das trocas de favores; 6.1.2 - “Bondade é amar sua família, seus pais, irmãos, todo mundo dessa cidade”: constituídas nas relações em atividade; 6.1.3 - “Viveram felizes para sempre”: amizade e afetividade; 6.1.4 - “Amizade e brincadeira no reino dos animais”: formando conceitos; 6.1.5 - A linguagem e o poder de afetar e ser afetado pelo outro na produção imaginativa e criativa.

6.1.1 - Amizade caracterizada pela condição das trocas de favores

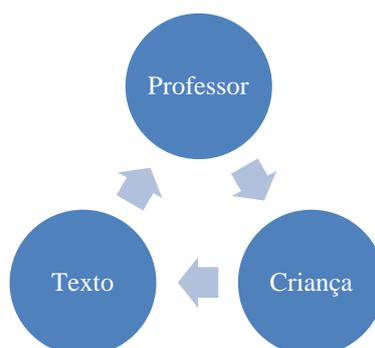
No processo imaginativo e criativo as crianças representaram suas interpretações sobre a amizade suscitada e constituída por meio da contação da fábula “O leão e o

Camundongo”. Ao ouvir a história, e sendo convidadas pela professora a construir um novo capítulo da narrativa, as crianças passaram a realizar um processo de significação sobre a história contada. O movimento do pensamento, a palavra e vice-versa constituem e evocam os aspectos subjetivos dos sujeitos na relação sujeitos e objeto, isto é, entre as crianças, professor e a narrativa. É uma relação que impulsiona o pensar, o sentir e o agir do sujeito diante da elaboração fantástica, imaginada e criada.

Fazendo uma análise da atividade realizada percebemos que a forma como a história é contada faz a diferença para as crianças, a entonação, as expressões e a representação do outro mobilizam e constituem os primeiros passos da imaginação e da criação nas crianças. Como diz Galperin (2017, p. 199): “... a ação mental pode ser determinada como habilidade de realizar mentalmente uma transformação determinada no objeto”. O próprio processo de contar e ouvir uma história constitui o desenvolvimento do pensamento humano.

Era uma vez..., por exemplo, não é apenas condição estrutural do início de um texto narrativo, mas é um artifício linguístico que pode vir a ser, dependendo do trabalho realizado em sala de aula, um processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem, da imaginação e da criatividade das crianças. Era uma vez... é uma configuração não só linguística, mas uma configuração que instiga a subjetividade, mobiliza, afeta o sujeito em um movimento constante de antecipação, elaboração da imaginação e da criatividade, tanto de quem ouve quanto de quem conta uma história. É importante abrir um parêntese para destacar que essa ideia depende da concepção de homem, mundo, criança, ensino - aprendizagem e de leitura. Partimos da ideia de leitura baseada em uma perspectiva sócio-histórica, isto é, consideramos a leitura, nesse contexto da educação infantil, como um processo que deve acontecer em um movimento dialético constante entre professor, texto e criança.

FIGURA 5



Movimento Dialético da Compreensão do Texto

Na relação entre os sujeitos e o texto ocorre um processo de significação, que constituiu a subjetividade das crianças através da forma e do conteúdo da leitura. Ao ouvir a fábula sobre o leão e o camundongo, as crianças aprenderam e ao mesmo tempo revelaram, por meio da imaginação e da criatividade materializada no desenho, o sentido de que as relações sociais se constituem na colaboração simbólica e afetiva.

Durante a produção do desenho as crianças falam sobre o que estão produzindo e nesse momento uma das crianças trouxe a ideia conflitante que permeia a história, a negociação entre os personagens. **“E [o ratinho] lembrou que tinha prometido que se o leão deixasse ele ir embora, depois ele iria retribuir o favor”**. (Crianças do Infantil I). As crianças interpretam que houve uma negociação que se constitui a partir de situações práticas da vida cotidiana que são internalizadas, convertidas no pensamento constituindo a subjetividade infantil. Nessa subjetividade constituída historicamente estão os valores morais que mediam a ação do sujeito levando a pensar na retribuição do favor. “E [o ratinho] lembrou que tinha prometido...” a promessa carrega o sentido de obrigatoriedade mediada pela emoção, pelos afetos que o constitui. A promessa advém da retribuição e o não cumprimento afeta o sujeito. Isto é, as atividades anteriores vividas pelos personagens afetaram os sujeitos impulsionando a ação. Concordando com Aguiar (2015), o homem é afetado e afeta simultaneamente o mundo social, cultural e histórico, dessa forma constitui os seus registros, os sentidos e significados. Assim, o homem transforma o mundo e a si mesmo.

O processo de transformação entre homem e mundo se realiza por meio do campo das necessidades. A necessidade de retribuir um favor para as crianças perpassa o campo da objetividade e subjetividade. As trocas de favores acabam sendo uma condição para convivência dos homens. Condição determinada pela visão capitalista da realidade contemporânea, o favor se torna uma moeda de troca, uma concepção individualista. Ou seja, o favor pode revelar e determinar a subjetividade da consciência do sujeito.

As trocas de favores entre o leão e o camundongo na relação que se estabelece nessa atividade em que a ação do sujeito acontece em benefício do outro, em situações conflitantes, constitui a bondade. É ação em benefício do outro que se converte para si constituindo a subjetividade das crianças. **“Então o ratinho pediu ao senhor Jesus da floresta, pediu: - por favor, deixe eu ir! Vou ser bonzinho com os animais”** (Crianças do Infantil I).

As falas das crianças revelaram a ideia de promessa, de favor, atreladas ao poder grandioso e religioso da divindade que media o comportamento em virtude do medo ao

castigo por não cumprir a promessa. A bondade acaba se constituindo pela condição de não ser malvado: “Vou ser bonzinho com os animais”. No contexto cultural em que nos encontramos é comum e culturalmente aceito nos discursos educativos dos pais o uso dos termos: “Comporte-se, se não Deus castiga”, “Não faça isso, se não Deus Chora”, “Não faça isso que é pecado”. São termos utilizados quando as crianças realizam atitudes controversas ao que é culturalmente determinado na compreensão do adulto sobre a atitude infantil, com isso o não cumprimento traz consequências. Assim, a compreensão da bondade e a constituição se realizam na dialética com a maldade.

A utilização dos dois aspectos maldade e bondade citados anteriormente, é significada pelas crianças no processo imaginativo e criativo por representarem características emocionais comuns. Ou seja, a contação de história e o conteúdo afetaram e impulsionaram emoções do sujeito que mediaram a sua criação por expressar e representar imagens que causam um efeito emocional semelhante ou diverso, mas que se complementam. (VIGOTSKI, 2014). Essas emoções são históricas e culturais, carregam em sua essência a subjetividade social, porém de forma inconsciente para as crianças.

Para as crianças a bondade se define e se realiza tanto na atividade imediata, como nas ações mediadas pelos motivos que não estão aparentes e que muitas vezes são inconscientes. “Isso acontece porque a criança ainda não é capaz de compreender o que a afeta, ela simplesmente sente e expressa de forma espontânea esse sentimento”. (CARVALHO; MARQUES, 2014, p. 43).

A bondade é mediada pela relação das condições materiais e emocionais representadas e impulsionadas pelo poder da linguagem e do pensamento. Daí a necessidade do uso das palavras mágicas: “Por favor, Obrigada, Com licença” como condição para que a bondade se constitua e se realize. **6 - “Mas ele [o leão] tinha que pedir desculpas”**. (Crianças do Infantil I). As crianças interpretam diante da atividade a necessidade do comportamento do outro como instrumento que afeta os sujeitos e impulsiona o agir, pensar e sentir. Nas relações de trocas que se configura a bondade, a palavra “desculpas” carrega a ideia de arrependimento e o reconhecimento do erro diante do outro. E é o reconhecimento do erro por meio da materialidade da palavra que o sujeito é afetado. Isto é, os signos simbólicos e afetivos constituem e controlam a atividade, ou seja, os signos significam a realidade objetiva e subjetiva das crianças.

A negociação, a promessa nas trocas de favores como condição para a constituição da bondade remete-se à noção de amizade: “**Amigo dá tudo à pessoa**” (Crianças do Infantil I). Amizade significada pelas trocas objetivas e afetivas. É a promessa de ser e

fazer, “Vou ser bonzinho”, “Prometido retribuir o favor”, “Tem que pedir desculpas”. O motivo de toda ação é mediada pela ideia de ser amigo.

A ideia de amizade se constitui configuração subjetiva, revelada nas falas das crianças, a partir do movimento dialético entre o bem e o mal, produzida e materializada na linguagem e no pensamento dos sujeitos nas relações sociais, culturais e históricas dos homens. A bondade e a maldade imaginadas pelas crianças e representadas pelos personagens na fábula são constituídas a partir das experiências e vivências das crianças que permitem a criação de uma nova história por meio de diferentes associações e dissociações de elementos. O desenho abaixo é uma representação, uma recriação da história produzida pelas crianças que afirmam as discussões realizadas anteriormente.

FIGURA 6



Desenho do ratinho no quintal produzido por Outono.

As crianças desenham os personagens, o cenário, mas em seu discurso as ideias ultrapassam o limite do desenho. Como diz Vigotski (2014) as crianças apresentam o que há de essencial em suas representações, ou seja, trazem as características do gênero utilizado, “O Leão e o Camundongo”, os personagens, o conflito que constitui a história, porém, cria-se o novo, uma história com novos fatos, imaginados pelas crianças. Nas falas das crianças percebe-se um processo de criação mediado pelas histórias reais e ao mesmo da imediaticidade.

Concordando com a ideia de González Rey (2003), a linguagem é constituída e constitui os sentidos subjetivos dos sujeitos traduzindo e mobilizando as emoções frente

às diferentes situações concretas do indivíduo. Assim, a imaginação e a criatividade infantil são mediadas pelas emoções, características do gênero narrativo, isto é, ao mesmo tempo, que o produto da imaginação alheia, a fábula, por exemplo, afeta a criança, esse sentimento media a sua própria imaginação e criação em um movimento dialético constante (VIGOTSKI, 2014).

Na brincadeira imaginativa e criativa as crianças realizam um movimento constante de reconstrução objetiva e subjetiva em um processo colaborativo entre sujeitos. E nesse movimento revelam a formação do psiquismo, da subjetividade em um movimento de negação do real. Assim, as crianças entendem que a amizade se realiza e define-se na bondade.

6.1.2 - “Bondade é Amar Sua Família, Seus Pais, Irmãos, Todo Mundo Dessa Cidade”: constituídas nas relações objetivas e subjetivas em atividade.

O sentido de bondade para as crianças está relacionado às diferentes vivências e experiências proporcionadas pelos sujeitos em um determinado ambiente, constituindo a subjetividade infantil em um processo de desenvolvimento constante.

FIGURA 7



Desenho produzido por Verão. (O ratinho levando o leão ao hospital)

O desenho produzido e a narrativa das crianças sobre suas criações apresentam que a ideia de bondade se constitui nas ações objetivas e subjetivas simultaneamente. As crianças realizam associações mediadas pela apropriação das objetivações que constituem

o texto lido durante a produção dos dados, “O Leão e o Camundongo” relacionando com as vivências da vida cotidiana. Associações e dissociações no pensamento constituído a partir da materialidade entre texto e contexto que mobilizam a criança a pensar, sentir e agir. As formas de pensar, sentir e agir são mediadas pela subjetividade que se constitui em atividade. A atividade que surge das necessidades humanas funcionais, biológicas e espirituais, das ideias, conhecimento da arte (LEONTIEV, 2017). A bondade se constitui e se materializa da necessidade de si diante da necessidade do outro. Nos diálogos entre as crianças durante a contação da história “O leão e o Camundongo” e na produção do desenho as crianças foram impulsionadas a fazer inferências sobre o comportamento dos personagens. Ao serem questionadas sobre: Vocês acham que o leão foi bonzinho? Por quê?

Eles estavam caminhando na rua aí um peso caiu na cabeça do leão, aí o ratinho levou ele até o médico -Ele [o leão] foi bom. Por que ele deixou o ratinho ir embora. E o ratinho salvou a vida do leão. Eu acho que o leão foi bonzinho pois ele deixou o ratinho ir embora e viveram felizes para sempre”. (Diálogos das Crianças do Infantil I).

Nas aventuras da imaginação e criação infantil a bondade é significada pelo comportamento do sujeito diante da dificuldade do outro, “**ai o ratinho levou ele até o médico**” e o “**ratinho salvou a vida do leão**”, que acaba significando a bondade em atividade. “**E acho que ele [o leão] foi bonzinho. Porque ele deixou o ratinho ir embora**”. O sujeito é definido a partir da imediaticidade das suas ações. Essa objetividade é convertida em subjetividade constituindo o psiquismo do sujeito.

[...] a constituição da subjetividade individual é um processo singular que surge da complexa unidade dialética entre sujeito e meio atual, definido pelas ações mediante as quais a história pessoal e a do meio confluem em uma nova unidade que ao mesmo tempo, apresenta uma configuração subjetiva e uma configuração objetiva. (FURTADO, 2015, p.110).

Isto é, no processo de constituição da bondade estão entrelaçados o cognitivo e afetivo dialeticamente. Dessa forma, as crianças significam a bondade não de forma apenas material, mas afetiva revelada nas falas das crianças: “**Eu acho que o leão foi bonzinho, pois ele deixou o ratinho ir embora e viveram felizes para sempre**”. O sentimento de felicidade é resultado da ação recíproca objetiva e subjetiva da bondade do sujeito nas relações afetivas mediadas pelo pensamento e pela linguagem, constituindo os

sentidos de que a bondade é mediada pela necessidade de compartilhar com o outro, os objetos, as ideias, ações e emoções. Ao serem questionadas sobre: O que é bondade? As crianças definiram que:

“Eu dividi o brinquedo com o coleguinha e ele disse obrigado”, “Amor. Coração, amar o pai a mãe”. “Cuidar das pessoas. Pedir desculpas”. “Bondade é para amar sua família, seus pais, irmãos, todo mundo dessa cidade”. (Crianças do Infantil I).

As crianças imaginam e criam o sentido de que a bondade está relacionada aos sentimentos, “**Amor, Coração, amar o pai e a mãe**”. É o sentimento de humildade de “**dividir o brinquedo**” e agradecer, é “**pedir desculpas**” quando se está errado. É pensar no outro, “Cuidar das pessoas”, não só os mais próximos, mas “**Todo mundo dessa cidade**”. Concordando com González Rey (2003, 242), “O emocionar-se é uma condição da atividade humana dentro do domínio da Cultura, o que por sua vez se vê na gênese cultural das emoções humanas”. Emoções construídas e significadas pela criatividade do homem ao constituir-se.

As emoções estão na base da ontogênese do gênero humano, toda atividade cognitiva é mediada pelas emoções, sentimentos dos sujeitos diante das ações, é um processo de significação. Assim, “**viveram felizes para sempre**” é um resultado final, como dissemos anteriormente, porém por traz do dito se esconde o não dito. Por traz da bondade esconde-se a ideia de amizade e os afetos que a constituem, daí surge o indicador “Viveram Felizes para sempre”: amizade e afetividade que serão discutidos a seguir.

6.1.3 - “Viveram Felizes Para Sempre”: amizade e afetividade.

No decorrer do processo colaborativo em que se constituiu a produção dos dados, professora/pesquisadora e crianças interagem constantemente, durante a leitura da fábula, na produção do desenho e na narrativa sobre a produção. Nesse movimento a professora questionava às crianças e em um dos momentos especificamente na contação de história realizada pela pesquisadora incitou os seguintes questionamentos: Será que o leão foi bom? Será que o ratinho foi amigo? Os questionamentos surgiram em virtude das ações dos personagens o leão e o camundongo, mas a ideia era contribuir para que as crianças pensassem também sobre suas ações na vida diária em sala com os coleguinhas. Tais questionamentos contribuíram para as falas e a produção das crianças que remeteram

a nortear as produções levando em conta a amizade e a afetividade consituídas nessas relações na vida cotidiana da educação infantil. Dessa forma o indicador surge a partir das falas das crianças que revelam o significado de que a amizade na infância se constitui e se realiza a partir dos encontros, sejam alegres ou não, mas que afetam os sujeitos e impulsionam o poder de agir. Poder de agir tanto na objetividade quanto na subjetividade da imaginação e criatividade das crianças constituída nas relações sociais e históricas. Ou seja, a produção das crianças se constitui a partir das mediações simbólicas e afetivas.

Impulsionados pelas trocas colaborativas, pelas mediações que constituíam a dimensão desse ambiente no processo da pesquisa, as crianças desenharam os personagens o leão e o camundongo retratando as aventuras em que se constituiu a amizade entre eles. Os traços, as cores e as formas dos desenhos das crianças e as suas falas ocultam na materialidade o sentido da amizade constituída e realizada nas brincadeiras, nas aventuras vivenciadas pelos personagens: **“Todo mundo brincando, brincando, aí quando o coleguinha está chorando, dá um abraço”** (Crianças do Infantil I). As falas das crianças apontam a brincadeira como uma atividade em que a amizade se realiza e se constitui definindo-se pelos afetos recíprocos entre os coleguinhos que levam a agir para satisfazer a necessidade um do outro. A brincadeira se realiza na ideia da criança como uma atividade em que todos devem participar, isso já traz nas entrelinhas que a amizade é incluir a todos sem distinção. A amizade se realiza no prazer e desprazer dos encontros infantis na brincadeira, nos encontros alegres ou não, mas que afetam e levam a criança a agir diante da necessidade do outro, isso depende da forma como as crianças são afetadas no brincar. No caso, do choro, por exemplo, que afeta o outro a agir com o acalento do abraço advém da ideia construída do que é ser amigo, da subjetividade das crianças construída historicamente que as mediam nessa produção imaginativa e criativa. Dentre essas objetivações está a própria concepção mediada pela história, lida pela pesquisadora que levaram à criança a importância do ajudar o outro, da amizade, isto é a própria história afetou a criança a mobilizando a produzir, significar e ressignificar a concepção de amizade. Como diz Aguiar (2016), o sentido do sujeito em relação à realidade é mediado pela historicidade, pela relação afeto-cognição que subjetiva o significado.

FIGURA 8



Desenho feito por Inverno retratando o leão e o Ratinho em uma aventura na floresta.

A significação que constitui a Dimensão afetiva da amizade na brincadeira é constituída na relação linguagem e pensamento. **“Amizade é ser uma pessoa que diz assim: Outono, posso ser sua amiga? E ela diz: eu sou sua amiga! E ela me abraça. 16-Amigo dá tudo à pessoa. É por favor!”** (Crianças do Infantil I). Para as crianças o sentido de amizade perpassa a necessidade da confirmação do ser e ter amigo por meio da linguagem, que motiva e afeta a criança a agir, porém não é uma relação de causa e efeito como se fosse um movimento natural e mecânico, mas um movimento dialético social e histórico na relação objetividade e subjetividade, na imaginação e criatividade das crianças.

Concordando com a ideia de Carvalho e Marques (2014, p. 47), que partindo da ideia de Costa Pinto (2012) destaca que “nos encontros que temos com as outras pessoas somos afetados de alegria, a potência é aumentada; se nesses encontros o predomínio é de tristeza, a potência é diminuída”. Concordamos com essa perspectiva, mas acrescentamos a ideia do movimento dialético apostando na inversão das emoções diante da atividade aproximando com a ideia de Clot (2010), destaca afirmando que o sentido na e da atividade se transforma de acordo com afetação e desafetação de si ou do outro. Veja o que dizem as crianças do Infantil I em suas criações imaginárias

Eles [o leão e o ratinho] estavam fazendo uma maneira de pedir desculpas para os outros animais porque eles fizeram um grande, enorme rugido, porque o rugido... (Pensando) o rugido deixou os animais com dor de ouvido, mas o leão pediu desculpa e deu comida aos animais.

As falas das crianças expressam o arrependimento dos animais por terem causado a dor no outro e a necessidade de pedir desculpas. O motivo que levou ao arrependimento foi o sofrimento causado pela dor que afetou os personagens modificando o sentido da atividade e conseqüentemente o comportamento de ambos. A ação foi mediada por meio da linguagem, com uso da palavrinha mágica “desculpa” tendo como resultado a partilha de alimentos. Está oculto nas criações imaginárias das crianças as determinações que constituem a dimensão da sala da educação Infantil, o uso das palavrinhas mágicas em situações conflitantes, a amizade, a brincadeira. Dentro dessa dimensão da realidade está entrelaçada a ideia do aprender brincando. E as crianças representam essas ideias constituindo o Indicador. “Amizade e brincadeira no reino dos animais”: formando conceitos.

6.1.4 - “Amizade e Brincadeira no Reino dos Animais”

O indicador surgiu em virtude das falas das crianças que revelaram que o processo imaginativo e criativo das crianças se constituem nas relações colaborativas em um processo de desenvolvimento constante. Por meio de diferentes mediações a imaginação infantil se constituiu, apreenderam e elaboraram os sentidos e significados construídos social, cultural e historicamente pelos homens.

A formação do conceito nas crianças se constrói em uma configuração do e no pensamento e na palavra e da palavra ao pensamento constituindo ações mentais que se desenvolveram nas relações sociais em que as crianças, nas interlocuções, passaram a formar a compreensão e a interpretação diante e sobre os fenômenos culturais, sociais e históricos. É importante frisar que essas relações não ocorrem em uma linearidade, mas em um processo de conversão entre interno e externo por meio das mediações simbólicas e afetivas. Podemos imaginar que o primeiro ato imaginativo e criativo se realiza na transformação e constituição do pensamento, na compreensão, nas significações e na generalização. Não estamos falando de um ato puramente mecânico, mas de um movimento que se realiza para além de uma ação, mas de uma atividade de transformação do sujeito e do sujeito sobre o objeto.

Essa conversão se realiza no movimento da análise à síntese em um processo de aprendizagem e desenvolvimento constante do sujeito. Um sujeito ativo que elabora e reelabora seus pensamentos na relação entre objetividade e subjetividade. A relação entre externo e interno que é mediada pelo outro. É no apontar do outro, nas relações

comunicativas por meio da linguagem e do pensamento que ocorre desenvolvimento. Não como um simples ato mecânico, mas um movimento significativo definido pela cultura, pelas significações. “Nessas relações a criança integra-se ao fluxo da comunicação verbal, adquirindo novas palavras e ampliando as possibilidades de significação daquelas que já conhece” (FONTANA, 1997, P. 101).

A criança assimila os significados das palavras, construindo uma base orientadora para a elaboração e reelaboração na constituição do novo. Essa elaboração se realiza a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos e contextos de interlocução constituindo as generalizações. No entanto, o grau de interpretação das palavras se diferencia entre os sujeitos. Essa diferenciação acontece de acordo com o sentido das palavras, pelas vivências e experiências dos sujeitos representadas na imaginação e criatividade infantil.

Partindo da ideia da Zona de Desenvolvimento Próximo, realizamos um processo de construção dos dados da pesquisa em um movimento colaborativo entre os participantes, professor/pesquisador e crianças. A professora/pesquisadora, por exemplo, utiliza de questionamentos na tentativa de contribuir no processo e desenvolvimento da imaginação e da criatividade das crianças: “- Quem será que conseguirá libertar o leão?” (Professora).

Não é apenas a forma de mediar da professora que possibilita o desenvolvimento, mas o sentido dado pelo sujeito nesse processo interativo. A mediação utilizando da palavra em forma de problematização é uma maneira utilizada pelo professor como estratégia para que a criança elabore e constitua a imaginação e a criação. Por meio dessa estratégia linguística da professora, as crianças iniciaram o processo de aglutinação das informações elaborando suas representações mentais e representando-as.

No decorrer das relações entre as crianças e a professora, o processo de desenvolvimento da imaginação e da criatividade das crianças se constituiu, as crianças interagiram entre si na busca de repostas para a questão proposta pela professora. Veja a questão: Quem libertou o leão?

O ratinho! O elefante! O elefante saltou e derrubou a rede, não, foi o ratinho! Ele foi correndo com suas garras e rasgou a rede. (Inverno) O elefante tirou o leão com a tromba. Porque ele é mais alto! O elefante é o mais forte do mundo! Tia, o leão tem quatro patas, né? (Verão). (Diálogo entre duas crianças).

Analisando os diálogos das crianças percebemos que ambas as crianças generalizaram suas interpretações, mas utilizaram de graus de generalizações

diferenciados. Inverno, por exemplo, respondeu ao questionamento da professora seguindo a sequência lógica do texto afirmando e descrevendo que foi o ratinho que salvou o leão. Enquanto que Verão afirmava que foi o elefante, utilizando a lógica dos conceitos matemáticos relacionados a tamanho. A construção do pensamento das crianças está relacionada à formação do conceito por complexo. Ou seja, os significados, as generalizações das crianças seguiram a lógica da realidade objetiva, factual. Como diz Galperin (2017, p. 204): “A ação que se reflete na linguagem, adquire uma nova natureza e, em virtude dessas novas possibilidades”. A criança quando generaliza consegue realizar diferentes interpretações e representações sobre os diferentes momentos, situações.

Ao discutirmos essas ideias não estamos apenas destacando ou enfatizando o caráter apenas cognitivo, pois durante o processo de constituição do significado, está atrelado à subjetividade das crianças, as emoções e os afetos. E são essas características que nos possibilitam falar que o desenvolvimento da imaginação e da criatividade é baseado na negação dos sentidos e significados que estão determinados pelo outro. Vejam as falas das crianças realizadas durante a produção do desenho:

Eles estavam caminhando na rua aí um peso caiu na cabeça do leão, aí o ratinho levou ele até o médico. Não, animais não ficam no hospital, eles ficam na floresta lá tem doutor dos animais. É não! O hospital é bem grande lá em Mossoró. Eu já fui. Tem médico, tem injeção, né? No hospital tem X [quer dizer cruz]. Hospital tem, sim, X. (Diálogos entre as crianças).

A ideia construída nas relações entre as crianças e na constituição e realização no pensamento imaginativo e criativo, apresentaram o significado de que o ambiente hospitalar se configura no pensamento infantil a partir de suas características essenciais que o determinaram, como por exemplo, a injeção, o X (quer dizer cruz), a presença do médico, a função de ser direcionada aos humanos, por isso, a necessidade da criação de um ambiente para os animais em seu habitat, a floresta. Percebeu-se que a imaginação da criança se baseia na materialidade, na objetividade que a constitui. Nesse processo de desenvolvimento entre as crianças mais experientes e as menos experientes ocorreu um processo de desenvolvimento real ao potencial durante todo processo de criação das crianças. Aproximando-se da ideia de Galperin (2017, p. 2014), “A tarefa de comunicação é substituída pela reflexão, e a fala para si converte-se em um meio, não de transmissão do pensamento ao outro sujeito, mas na transformação do próprio em um objeto para

melhor análise”. A elaboração das generalizações e conseqüentemente do sentido, se dá pela mediação como categoria constitutiva e de análise do sujeito, ou seja, o pensamento e a palavra confluem simultaneamente constituindo o significado que se converte em sentido. Concordando com a ideia de Fontana (1997, p. 103):

É no movimento interativo, assumindo ou recusando a palavra do outro, que a criança (e não só ela, mas qualquer um de nós) organiza e transforma seus processos de elaboração do significado das palavras, desenvolvendo-se. Nesse processo, ela apreende e começa a elaborar as operações intelectuais complexas presentes nas palavras, praticando o pensamento conceitual antes de ter consciência clara da natureza dessas operações.

A construção dos sentidos e significados na imaginação e na criatividade das crianças se realiza na internalização. Vigotski (2007) afirma que a internalização ocorre através do movimento interpessoal, isto é, no nível social, para o intrapessoal no nível individual. É por meio da internalização que a subjetividade se realiza e se constitui na imaginação e na criatividade das crianças a partir da negação do sentido do outro diante do fenômeno. Todo esse processo materialista histórico dialético que constitui o sujeito se realiza pelo poder que a linguagem e o pensamento têm de afetar os sujeitos nas relações sociais. Por isso, discutimos a seguir “A linguagem e o poder de ser afetado pelo outro na produção imaginativa e criativa”.

6.1.5 - A Linguagem e o Poder de Afetar e Ser Afetado pelo Outro na Produção Imaginativa e Criativa.

Os processos imaginativo e criativo se constituem, de acordo com a ideia de Vigotski (2014), da historicidade, das vivências e experiências do próprio sujeito ou através da socialização do outro, no entanto, a compreensão da socialização, a comunicação entre os homens só é possível pela generalização, pelo significado das palavras social e culturalmente elaborado. “É ele que carrega as propriedades do todo, ou seja, as propriedades que articulam o pensamento e a linguagem”. (SOARES, 2011, p. 83). O significado se converte em sentido, este constituído pelos sentimentos e afetos, pela subjetividade constituída a partir das diferentes experiências e vivências do sujeito, convertendo-se na consciência.

A imaginação e a criatividade são movimentos constantes de significação do sujeito sobre a realidade. Essa significação depende das mediações educativas, quanto mais experiências, mais elementos constitutivos para a construção da imaginação e da criatividade.

FIGURA 9



Desenho produzido por Verão.

O processo imaginativo e criativo das crianças são produtos das relações sociais objetivadas nos diferentes espaços e contextos. O conteúdo temático da produção é mediado pelos sentidos e significados constituídos no processo histórico de formação das crianças. São vivências alegres ou não, mas que marcaram a subjetividade, permitindo na atividade desenvolvida a criação do desenho e das histórias produzidas. “**40 - O leão é mais fortão. 46 - [O leão foi para uma praia enorme]**”. A criança representou o significado do leão por suas características físicas, pelas noções espaciais, em que o tamanho do personagem exige um ambiente para tal proporção, a praia. As associações foram mediadas pelas experiências escolares e não escolares, pois está nas entrelinhas a lógica da noção de grandeza. Mas a aventura necessita ser proporcionada pela presença do responsável. “**Mais o ratinho e a mãe, e a mãe do leão. 47 - E o paizão?! 50 - Vou desenhar logo o pai**”. O processo de criação é mediado pelas informações prévias das crianças, mas principalmente pela fala do outro, que destaca a importância da figura

paterna, demonstrando a conjectura da formação familiar presente na sociedade, a mãe, o pai e o filho, interessante destacar que o sentido dado pela criança em relação à figura paterna, é de um paizão, não só pelo tamanho, mas pelo sentimento da criança em relação ao pai, está nas entrelinhas a ideia do pai como figura central. Essa ideia partiu das relações culturais estabelecidas socialmente e individualmente.

A Mediação entre sentido e significado se realiza constantemente na atividade de imaginação e criatividade das crianças no processo colaborativo entre professor e crianças, e entre as próprias crianças. Essa mediação não se realiza de forma direta, mas por meio das mobilizações e remobilizações simbólicas e afetivas. Veja:

Quem ajudou ao leão? (Professora) 32 - Eu não sei; 33 - O ratinho! 34 - O Ratinho. Porque ele comeu pepino, verdura, alface, cenoura! Vou desenhar a cenoura... Ele comeu muita verdura e ficou muito forte, aí levou o leão até o médico. 35 - Faça o médico, a doutora e o médico, Verão. 28 - Tem médico, tem injeção, né. 29 - No hospital tem X. Hospital tem sim X! Tem água! (Diálogos entre os participantes da pesquisa durante a produção do desenho).

Durante a atividade, a realidade foi significada pela fala do par mais experiente, assim, o real da atividade, o que estava apenas no pensamento se materializara pela linguagem convertendo-se na atividade real, no desenho, isto é, os desejos em si, o do outro vai se tornando o desejo para si, o desejo do próprio sujeito, em um movimento dialético constante. Isso se realiza pelo poder de afetação entre os sujeitos. Modificando o objetivo da atividade pela necessidade da complementaridade mediada pelo sentido e significado. “O poder de agir é mediado pela renovação do sentido da ação, e, eventualmente, ao ressurgimento da atividade pela emergência de novas preocupações do sujeito graças ao recuo do seu horizonte subjetivo sob o efeito de uma re-mobilização”. (COLT, 2010, p.16). Como diz Vigotski (2001, p. 479) “O pensamento não nasce de outro pensamento, mas da consciência que os motiva”. A partir da ZDP a criança desenvolve o processo imaginativo e criativo apresentando a possibilidade do salto de qualidade saindo da consciência em si para consciência para si, para a constituição da subjetividade revolucionária. Visto que, “Enquanto atua sobre o mundo, modifica não apenas a realidade externa, mas também constrói sua própria realidade psíquica”. (AGUIAR, 2009, p. 57).

6.2 - Desenhos: Cores e Traços da Infância

O desenho é uma forma de representação histórica, cultural e social dos homens constituída a partir de necessidades não só de comunicação, mas de transformação objetiva e subjetiva do sujeito. O desenho é uma manifestação material, isto é, na criação do desenho, o sujeito tanto se transforma quanto contribui para o processo de transformação do outro, que entra em contato com a sua produção. Nesse processo de produção e relação com o desenho, as funções psicológicas superiores se desenvolvem. Como diz Barroco e Superti (2014, p. 26): “Tal alteração psíquica envolve o duplo processo de objetivação e da apropriação, que fomenta a generalização que provoca a ampliação qualitativa da consciência, tornando mais complexos os vínculos semânticos que a compõem”. O desenvolvimento do psiquismo humano conduz ao desenvolvimento também da forma e do conteúdo que constitui essa atividade. Não é uma mudança natural mas cultural e histórica.

O desenho é uma das principais atividades na infância. É nesse período que a forma e o conteúdo começam a se desenvolver com traços, cores e formas que, no pensamento e na linguagem infantil, carregam a totalidade da realidade. Noutras palavras, a realidade é generalizada no desenho, mediante as significações construídas culturalmente pelas crianças. A produção do desenho é mediada pelos sentidos subjetivos revolucionados pela imaginação e criatividade do sujeito.

A imaginação e a criatividade na produção do desenho se desenvolvem mediadas pelas vivências infantis, considerando o mundo simbólico e afetivo que constitui as crianças no momento da produção. De acordo com Vigotski (2014) a produção do desenho se realiza na infância, podendo se desenvolver ou atrofiar, conforme o campo de interesse constituído nas relações sociais da criança. Toda essa discussão nos fez pensar sobre o trabalho imaginativo e criativo na produção do desenho no espaço da educação infantil. Qual a concepção de desenho constituída na pré-escola? Quais as significações que estão ocultas no traçado e nas cores?

O trabalho pedagógico com o desenho na educação Infantil se constitui da liberdade da criança de simbolizar, de expressar sua compreensão e interpretação da realidade vivida. Uma atividade que representa a totalidade do sujeito mediado pela relação objetiva e subjetiva. O trabalho com o desenho na educação infantil perpassa pelo campo da dicotomia entre liberdade e obrigatoriedade do desenhar. Essa dicotomia se realiza a partir da concepção dos professores sobre o desenho que está oculto pelo idealismo à perfeição do traço, pelo enaltecimento do conhecimento elaborado,

impregnado, muitas vezes de forma inconsciente pelo professor, pela dimensão subjetiva que constitui a realidade da educação infantil no Brasil que muitas vezes não revela o seu verdadeiro sentido. O livro “O Pequeno Príncipe” de Saint-Exupéry revela um pouco o que acontece com as crianças em relação ao desenho e à imaginação e a criatividade demonstrando o atrofiamiento da liberdade de revolucionar em virtude da imposição de ideologias alienantes propostas pelo capitalismo. Um trecho do livro diz o seguinte:

Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhe dava medo. Responderam-me: “Por que é que um chapéu daria medo? Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jiboia, a fim de que as pessoas grandes pudessem entender melhor. Elas têm sempre a necessidade de explicações detalhadas. [...] As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jiboias abertas e fechadas e a dedicar – me de preferência à geografia, a história, a gramática [...] Tive então que escolher outra profissão e aprendi a pilotar aviões [...] Convivi com as pessoas grandes. [...] Quando encontrava uma que me parecia um pouco esclarecida fazia a experiência do meu desenho de número 1, que sempre conservei comigo. Eu queria saber se era na verdade uma pessoa inteligente. Mas a resposta era sempre a mesma: “É um chapéu”. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 09).

O trecho da obra literária faz surgir alguns embaraços, como a desvalorização causada pela incompreensão da representação do sentido e do significado constituídos na relação pensamento e palavra. O desenho carrega sentidos e significados de quem os produz como objetivações sociais e culturais internalizadas na relação com o outro por meio da linguagem e do pensamento.

Conforme levantamento bibliográfico realizado na Capes e apresentado na introdução desta dissertação, a temática sobre imaginação e criatividade tem sido estudada, na grande maioria dos casos, voltando-se para o campo objetivo da atividade, ou seja, quando se discute, por exemplo, a brincadeira no rol dessa temática, privilegia-se quase sempre a dimensão objetiva dessa atividade, e esquece-se assim da dimensão subjetiva que a constitui. Por isso, nesses estudos, a relação imaginação e criatividade parece constituir-se uma dicotomia, e não uma unidade dialética.

Diante dessa realidade realizamos uma pesquisa com crianças da educação infantil especificamente na pré-escola para apreendermos os sentidos e significados que constituem a imaginação e a criatividade. Para produção dos dados, utilizamos os desenhos criados pelas próprias crianças, assim como suas falas sobre suas produções. A

análise dos dados foi realizada por meio dos núcleos de significações, conforme Aguiar e Ozella (2013) e Aguiar, Machado e Soares (2015).

A pesquisa trouxe a possibilidade de pensar a imaginação e a criatividade não como um processo dicotômico, mas como um fenômeno que se constituiu na dialética objetividade e subjetividade. Assim, mediados pela perspectiva da psicologia crítica compreendemos que o ato de imaginar e criar carrega em sua materialidade a subjetividade, a afetividade das crianças constituídas nas vivências e experiências escolares e não escolares, as objetivações produzidas social, cultural e historicamente. A imaginação e a criatividade são processos constituídos de significação da realidade tanto objetiva quanto subjetiva. Assim, se constituiu o núcleo de significação “desenho: cores e traços da infância”, pois é na imaginação e na criatividade materializada no desenho e sua representação por meio da linguagem que a criança significa o mundo vivido por ela. Os indicadores que constituem esse núcleo são: **6.2.1 - “Pedra, papel, tesoura”: brincadeira, atividade cultural e social; 6.2.2 - A família com o papel de cuidar e educar; 6.2.3 - Atividades infantis: a arte de imitar a vida por meio do brincar, desenhar e contar; 6.2.4 – Infância: vivências e experiências dentro e fora da escola; 6.2.5 - “Era tarde demais... e tomou o comprimido e melhorou”: o desejo do outro mediando e ressignificando a imaginação e a criatividade.**

6.2.1 - “Pedra, Papel, Tesoura”: brincadeira atividade cultural e social

Os desenhos produzidos pelas crianças trazem em sua essência suas vivências e experiências que afetaram em sua constituição histórica. São situações, emoções, desejos e motivos escondidos nos bastidores que compõem o cenário da produção imaginativa e criativa. Dentro dessa configuração que constitui a imaginação e a criatividade se revela a brincadeira, atividade constituída cultural e historicamente. **“Pega-Pega, Esconde-Esconde, Pedra, Papel, Tesoura”** são atividades construídas em um contexto histórico em que as crianças têm a liberdade de elaborar estratégias, antecipar ideias, imaginar e criar. As brincadeiras citadas revelam a ideia de infância que se teve e que se tem formado historicamente, pois são brincadeiras características dos nossos pais. Hoje na contemporaneidade, com os avanços tecnológicos, as crianças têm sido colocadas cada vez mais em atividades com equipamentos eletrônicos (computador, tablets, smartphones etc...), ao passo que têm se distanciado, de forma acelerada, de brincadeiras do tipo citado acima.

Não estamos desconsiderando o importante papel da tecnologia, mas destacando a importância que essas brincadeiras têm no desenvolvimento integral das crianças.

Acreditamos que brincadeira infantil é a imaginação e a criatividade da criança em ação. São imagens e emoções materializadas no brincar que contribuem para o desenvolvimento afetivo e cognitivo das crianças. Conforme diz Vigotski (2008, p. 29), “A criança aprende a agir em função do que tem em mente, ou seja, do que está pensando, mas não está visível, apoiando-se nas tendências e nos motivos internos e não nos motivos provenientes das coisas”. Ou seja, a criança se apropria da realidade por meio da imitação, da recriação interna/externa em um movimento constante mediado pelos campos objetivo e subjetivo.

As crianças representam na brincadeira de desenhar e falar, as brincadeiras que lhe proporcionem satisfação, ou não, depende do sentido constituído diante da atividade do brincar. De acordo com Vigotski (2008, p. 28) “Qualquer brincadeira com situação imaginária é, ao mesmo tempo, brincadeiras com regras e qualquer brincadeira com regras é brincadeira com situação imaginária”. As regras elaboradas nas brincadeiras imaginativas e criativas são constituídas pelas crianças e mediadas pelas determinações comportamentais construídas social e culturalmente, no entanto na vida real essas regras não são percebidas diretamente pelas crianças. Isso demonstra o salto de qualidade que a brincadeira traz para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores das crianças.

FIGURA 10



Desenho produzido por Primavera. (Representação das aventuras em família).

As regras que mediam a brincadeira imaginativa trazem a satisfação para as crianças. É essa ideia que nos permitiu analisar o seguinte trecho das falas das crianças: **“Eles [o ratinho e o leão] foram para o hotel, brincaram, brincaram de tica-tica, esconde-esconde, de queimado, aí foi ele [o leão] tropeçou na pedra e ralou o joelho, aí ele [o ratinho] fez um curativo e viveram felizes para sempre. (Crianças do infantil I).** Os jogos citados pelas crianças trazem como regra generalizada o proteger-se do adversário, elaboração de estratégias, fuga do adversário por meio da antecipação no pensamento do movimento do adversário. São jogos que trazem por suas regras o sentimento de euforia: **“Brincaram de Tica-Tica”**, o medo de ser descoberto na brincadeira de **“Esconde-esconde”** e a dor da perda no jogo de **“Queimado”**, mas a regra principal é ajudar o coleguinha nas adversidades que a brincadeira venha a colaborar. As crianças revelam as brincadeiras que lhe proporcionem emoções, movimento, suspense. De acordo com Vigotski (2008, p. 33), “O cumprimento da regra é a fonte de satisfação”.

Os sentimentos que constituem as regras na imaginação e na criatividade das crianças são mediadas pela similaridade e adversidade de emoções e afetos que comuns em relação à brincadeira imaginada e representada. De acordo com Vigotski (2014), a imaginação é mediada pelos sentimentos e ao mesmo tempo a imaginação media os sentimentos dialeticamente.

Por um lado, todo sentimento e emoção tendem a revelar-se em determinadas imagens que lhes correspondem, como se a emoção tivesse a capacidade de escolher as impressões, os pensamentos, e as imagens que estão em consonância com um determinado estado de humor e disposição que nos domina nesse exato momento. (VIGOTSKI, 2014, p. 16).

O processo imaginativo e criativo é um movimento dialético entre emoção e cognição, cognição e emoção. A brincadeira é constituída de significações que se compõem na atividade de imaginar e criar em um processo de desenvolvimento constante. Nas falas das crianças apreendemos que as brincadeiras se constituem das generalizações **“Brincaram de pedra, papel, tesoura”**. (Crianças do Infantil I). As crianças imaginam os objetos em si, suas funções reais, mas a forma de materializá-lo é criada e imaginada pelo campo da fantasia. Para as crianças a pedra, o papel e a tesoura são objetos significados com suas funções culturalmente determinadas, mas o sentido dado a esses

objetos é direcionado a ações diversas. Isto é a criança generaliza. É um processo de desenvolvimento por meio da imaginação e da criatividade infantil.

Na idade escolar, a brincadeira desloca-se para os processos internos, para a fala interna, a memória lógica e o pensamento abstrato. Na brincadeira, a criança opera com os significados separados dos objetos, mas sem interromper ação real com objetos reais. (VIGOTSKI, 2008, p. 32).

A brincadeira pedra, papel e tesoura não é materializada no desenho das crianças, mas se realiza no pensamento e fala das crianças sobre o mesmo. Como diz Vigotski (2001), o pensamento se realiza na palavra que ao se converter se modifica, se reestrutura. É essa configuração da relação pensamento e palavra que permite a emancipação à liberdade das crianças de serem criativas.

Vigotski (2014) diz que a imaginação e a criatividade se constituem da inadaptação do homem, isto é, homens imaginam e criam na tentativa de humanizar o ambiente natural a si mesmos. É esse movimento constante que constitui à criança a tentativa de se adaptar ao mundo do adulto. E são os adultos os responsáveis por contribuírem com a constituição das crianças proporcionando um ambiente familiar para que possam vivenciar a infância através da atividade do brincar.

As crianças em seus discursos expressaram vivências constituídas em situações familiares. Veja: **“O pai e a mãe, o leão e o ratinho ficaram brincando. [A mãe do leão] mais a mãe do rato ficaram conversando em um banco e os dois pais foram comprar picolé mais os dois filhos.”** (Crianças do Infantil I). As crianças generalizaram a ideia do papel dos pais ao brincar de imaginar. Para as crianças a mãe deve ser aquela que observa os filhos nas atividades diárias, nas brincadeiras, enquanto que o pai é o que tem o poder, o dinheiro, e a possibilidade de comprar o que os filhos desejam. “Os pais são os primeiros modelos de como é ser homem e ser mulher: padrões de conduta que, em nossa cultura, são marcadamente diferentes”. (BOCK et al., 2001, p. 521). As crianças demonstraram em seus desenhos o cenário cultural, social e histórico que constituem a ideia de família. Partindo das falas das crianças em relação ao papel da família que se constitui o indicador a seguir.

6.2.2 - A Família Com o Papel de Cuidar e Educar.

O desenho que se configurou nas falas das crianças é o papel, o comportamento, a função social, cultural e histórica da família oculta na história, nas aventuras do leão e do camundongo. Revela-se, de acordo com nossas interpretações da dimensão da realidade, no contexto da contemporaneidade, o regresso em relação à luta da mulher e sua inserção no mercado de trabalho. E o homem com o poder aquisitivo, o trabalhador, detentor do poder, do dinheiro.

Era uma vez, o leão e o ratinho, estavam brincando na lama, mas as mães deles chamaram para tomar banho para ir para escola e depois que eles chegaram da escola eles foram comer e dormir e eles foram brincar no jardim (Crianças do Infantil I).

Nas falas das crianças descritas acima revelou-se a mãe com o papel de determinar o tempo e espaço para diversão e os deveres das crianças propostos em sociedade. Conforme a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no artigo nº 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

As relações familiares se configuram mediante os direitos e deveres, mas para além da formalidade e obrigatoriedade se constituem os laços afetivos, que mediam os comportamentos, as emoções e os sentimentos. Os afetos entre mãe e filhos, por exemplo, se constituem e se revelam de acordo com determinações culturais e sociais. As crianças imaginam e retratam essa realidade: **“A mãe chamou [o ratinho] para ir para dentro e nunca mais saiu para fora. Aí, depois [o ratinho] pediu desculpas e [disse que] nunca mais ia fazer isso”.** (Crianças do Infantil I). A figura materna apresenta-se como sujeito que deve-se obediência e respeito. Não só por ser adulto, mas pela dimensão subjetiva que constitui a relação mãe e filho.

Os afetos ajudam-nos a avaliar as situações, servem de critério de valoração positiva ou negativa para as situações de nossa vida; eles preparam nossas ações, ou seja, participam ativamente da percepção que temos das situações vividas e do planejamento de nossas reações ao meio. (BOCK et al., 2001, p. 192).

São os afetos que mediam as ações da mãe **“A mãe chamou [o ratinho] para ir para dentro e nunca mais saiu para fora”**, o amor se revela por meio do castigo, da proibição, **“nunca mais saiu”**, que afetam a criança e leva a obediência e o reconhecimento do erro e a promessa de mudança na forma de se comportar. **“Aí, depois [o ratinho] pediu desculpas e [disse que] nunca mais ia fazer isso”**. Acreditamos que os afetos de ambos são mediados pelo medo da perda. A perda de limite dos pais sobre os filhos e as consequências que venham a se desenvolver no processo educativo, e o receio dos filhos de perder o amor, o carinho, o cuidado dos pais. De acordo com Bock et al. (2001), esses afetos são constituídos na dialética entre amor e ódio.

A criança necessita, também, das ligações afetivas estabelecidas com seus cuidadores e as quais ela não quer (não pode!) perder. O medo de perder o amor (e os cuidados) desses adultos que lhe são tão importantes é um poderoso controlador de sua conduta. (BOCK et al., 2001, p. 251).

Nessas relações afetivas se configuram no sentido de que, para além do papel de educar, a mãe deve cuidar dos filhos. **“O ratinho gritou pela mãe, mas ela não viu e ele foi para dentro e o leão ficou sozinho”**. Percebe-se nas narrativas infantis que o sentido dado à figura materna é a de proteger os filhos. **“O ratinho gritou pela mãe”**, e a ausência dessa proteção leva ao medo da solidão, **“e o leão ficou sozinho”**. Está oculto nas falas infantis a ausência da figura materna, a falta que sentem e a solidão que assolam.

A síntese a que chegamos diante da interpretação das falas infantis é que as crianças são mediadas pela vontade da presença da figura materna nas mais diversas situações. As crianças relatam resquícios de momentos rápidos em que a mãe surge para impor regras, **“para ir para escola”**, **“nunca mais saiu”**, e conseqüente apresenta a correria das mães que muitas vezes não param para ouvir os filhos **“O ratinho gritou pela mãe, mas ela não viu”**.

A função dos pais é educar e proteger os filhos, no entanto, a configuração que constitui a família na contemporaneidade é marcada pelo poder do capitalismo. Os pais buscam dar aos filhos o que há de melhor em bens materiais e acabam que na correria do trabalho não têm tempo para se dedicar aos filhos, daí vem o medo do fracasso na educação e o excesso de regras restringindo o diálogo, o brincar. **“[A mãe do leão] mais a mãe do rato ficaram conversando em um banco e os dois pais foram comprar picolé mais os dois filhos” (Crianças do infantil I).**

A função social atribuída à família é transmitir os valores que constituem a cultura, as ideias dominantes em determinado momento histórico, isto é, educar as novas gerações segundo padrões dominantes e hegemônicos de valores e de condutas (BOCK et al., 2011, p. 248).

É através da medição dos pais e ou responsáveis que as crianças apreendem as significações constituídas nas relações sociais, culturais e históricas e as crianças aprendem a realidade a partir da atividade de imitar e as formas utilizadas para realizar essa atividade são diversas imaginadas e criadas por meio do desenho, da contação de história e no brincar. Daí surge o indicador que será discutido a seguir.

6.2.3 - Atividades Infantis: a arte de imitar a vida por meio do brincar, desenhar e contar.

A arte de imitar a vida só se torna possível devido à capacidade humana de imaginar e criar. E as crianças realizam esse movimento dialético entre realidade objetiva e subjetiva nas brincadeiras, no desenho e na contação de história.

Imitar é pré-requisito para imaginar e criar. Realizamos uma breve discussão para enfatizar tal afirmação. A imaginação é constituída das vivências do sujeito da realidade ou através da socialização constituindo as imagens e emoções em que significamos a realidade. Ou seja, a transformação histórica do homem vem da imitação, da reelaboração e recriação do que está posto. De acordo com Saviani (1997, p. 23) [...] “é preciso entender que o automatismo é condição da liberdade e que não é possível ser criativo sem dominar determinados mecanismos”. No entanto, não estamos falando da imitação como reflexo da realidade externa - interna, mas da capacidade do homem de se desenvolver em colaboração. As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Em uma atividade coletiva ou sob orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muitas coisas (VIGOTSKI, 2007, p. 101).

FIGURA 11



Desenho produzido por Primavera.

Durante a produção do desenho acima, produzido por Primavera em representação às aventuras vivenciadas pelos personagens no brincar com amigos e família, a professora/pesquisadora questionou: “Primavera, o que foi que você desenhou? Primavera responde: “Eles estavam em uma floresta”, a professora continua: Fazendo o que na floresta? Inverno intervém e diz: Namorando! (Sorri). Esse trecho permite contextualizar a interpretação das falas a seguir: **“Namorando. Tia, olhe aqui Inverno falando de namoro! Namorando... Namorando... Namorando!”**. Diante das falas é possível perceber que o significado de namorando está relacionado ao encontro de dois sujeitos, no entanto, o sentido dado diante do significado é de proibição, isto é, a palavra namorando para uma das crianças é uma coisa que não deve ser dita. E é a proibição determinada pelo outro que impulsiona a repetição da palavra. O prazer em repetir a palavra advém do desprazer sentido pelo colega. **Namorando... Namorando... Namorando!** As crianças constituem os sentidos e significados das palavras de acordo com contextos e suas relações pessoais. Conforme Vigotski (2001, p.465) “O sentido real de uma palavra é inconstante”. Ou seja, o sentido da palavra “namorando” depende da configuração subjetiva que constitui as crianças, para uma naturalidade em pronunciá-la enquanto que para a outra a necessidade de negá-la.

Na formação ontogenética das crianças, constituída da relação tríade entre individual, particular e universal, está a significação sobre os bons modos como princípio

universal indispensável à convivência humana. Os ditos bons modos se configuram como formas de comportamento determinadas social, cultural e historicamente indispensáveis para a vida humana. As crianças materializam na imaginação e na criação das histórias a sua interpretação sobre os bons modos. Veja: **“Eu dividi o brinquedo com o coleguinha e ele disse obrigado. Aí quando eu pego o brinquedo de Aninha, ai ela pergunta você quer o brinquedo?, e eu digo: eu quero”**. As crianças reproduzem na criação das narrativas o sentido de que nas brincadeiras deve haver reconhecimento da necessidade de partilhar os brinquedos, não de forma espontânea ou instintiva, mas a partir do oferecimento e do agradecimento entre os sujeitos. Está implícito nos discursos das crianças o interesse em manusear objeto do seu desejo, o brinquedo do outro, e isso só é possível se o outro possuidor do objeto do desejo reconheça diante da ação do outro a importância de se repetir essa forma de comportamento. Os bons modos não são atitudes biologicamente naturais, mas sociais, são formas de comportamento que se apresentam de forma universal, mas o sentido dado diante das diferentes situações é mediado pelos afetos que constituem os sujeitos. **“Todo mundo brincando, brincando, aí quando o coleguinha está chorando, dá um abraço”**. (Crianças do infantil I). Nas falas é possível compreender que os bons modos não se realizam apenas na partilha de bens materiais, mas dos afetos, sentimentos e emoções que mediam o comportamento das crianças nas brincadeiras. As crianças imaginam e criam a partir de elementos da realidade:

É não! O hospital é bem grande lá em Mossoró. Eu já fui. Ele disse [o médico] que era tarde demais. Aí, o leão foi e dormiu doente e aí foi, se acordou e tomou um comprimido e aí ele foi e melhorou. E aí eles se abraçaram e viveram felizes para sempre. (Crianças do infantil I)

As crianças imaginam e criam a partir do que sabem sobre as coisas e não o objeto em si. **“É não! O hospital é bem grande lá em Mossoró Eu já fui”**, um ambiente que traz a desesperança diante da vida. **“Ele disse [o médico] que era tarde demais”**, e a possibilidade de superação **“Aí, o leão foi e dormiu doente e aí foi, se acordou e tomou um comprimido e aí ele foi e melhorou”**, que traz a felicidade **“eles se abraçaram e viveram felizes para sempre”** e FIM...

O pressuposto crucial é que a imitação é possível porque as funções psicológicas em maturação são ainda insuficientes para sustentar um desempenho independente, mas desenvolveram o suficiente para que

uma pessoa possa entender como servir-se das ações colaborativas de outra. A presença dessas funções em maturação é a razão da existência da zona de desenvolvimento próximo. (CHAIKLIN, 2011, p. 668).

A imitação infantil não é processo mecânico, ou um reflexo da realidade, mas um processo de aprendizagem e desenvolvimento constantes, pois os fenômenos da realidade não se apresentam tais como imaginamos, na constituição e na materialização do pensamento imaginativo ocorrem vários processos complexos de associação e dissociação de elementos semelhantes ou diversos. E é através da imaginação que a criança desenvolve-se, dá um salto de qualidade ao recriar. E a recriação se constitui a partir dos elementos que constituem os sujeitos e essa constituição se realiza no processo de ensino aprendizagem dentro e fora da escola.

6.2.4 – Infância: vivências e experiências dentro e fora da escola

O indicador se constituiu a partir de elementos revelados no processo imaginativo e criativo das crianças que apresentam em seu conteúdo temáticas constituídas em espaços educativos formais e informais. É possível diante das produções infantis perceber a função da escola e a relação que se estabelece entre os saberes escolares e a vida cotidiana.

As crianças apresentaram em seus discursos as aprendizagens constituídas no espaço da sala de atividades e imaginam esses saberes na vida cotidiana. **“O carrinho só tinha um picolé. Mas o vendedor foi buscar mais picolé”** está implícita a noção lógica matemática de número e de quantidade. As falas carregam não só a ideia de adição **“mais picolé”**, mas de subtração **“só tinha um”**, não no sentido de retirar mais da ausência. Além disso, traz a própria ideia infantil da oferta e da procura: **“Mas o vendedor foi buscar mais”**. A liberdade das crianças na utilização desses saberes se realiza devido apropriação e objetivação dos conhecimentos apreendidos dentro e fora da escola, é o que Saviani (1997) define como habitus, isto é, o conhecimento escolar se converte na vida cotidiana do sujeito se “naturalizando”. Essa naturalização não é biológica, mas social e cultural se constituindo como pré-requisito para criação do novo. Assim, a aprendizagem não funde em si mesma, pois traz a possibilidade da busca de novos saberes e ideias, é um processo de desenvolvimento constante a partir das necessidades humanas. “Nessa perspectiva, é possível dizer que o homem constrói seu mundo psicológico por meio da relação com o ambiente sócio cultural”. (AGUIAR, 2009, p. 57).

É nessa relação objetiva e subjetiva que o homem se apropria das objetivações históricas escolares. Na imaginação e criatividade das crianças as objetivações históricas se constituem em um movimento de transformação da realidade, ou seja, o homem transforma a realidade e a si mesmo, na tentativa de satisfazer suas necessidades através da atividade, do trabalho, seja material ou não, constituindo o mundo humano. Dessa forma, afirmamos que o homem é histórico e as transformações que faz do homem são passadas de geração a geração através do processo educativo.

Uma das objetivações que surgiu nos diálogos realizados pelas crianças é a importância da preservação da água. Diante das discussões se apresentava no teor das produções, a professora/pesquisadora questionou as crianças: Por que ele desligou o chuveiro? A discussão estava direcionada às questões universais, à escassez e ao problema relacionado à economia e à preservação do meio ambiente, temática trabalhada na instituição escolar, principalmente por ser um problema particular que vem assolando a comunidade na qual a escola está inserida. De acordo com a particularidade e a universalidade do problema se constitui a singularidade, e esta é revelada nas falas das crianças: **“Ele [o leão] desligou o chuveiro. Para não gastar muita água. Por que é cara. Porque não está saindo água em toda “B”.** (Crianças do Infantil I). As crianças relatam suas vivências dentro e fora da escola. Para uma das crianças a economia da água está relacionada à necessidade de economia financeira. Enquanto que para outra a necessidade de economizar é devido à ausência de água na comunidade. O sentido constituído no processo de elaboração das falas foi diverso, um relacionado à individualidade do sujeito diante do problema, o pensamento foi mediado pelas falas apreendidas do espaço familiar que discutem o problema no sentido capitalista, a importância da economia financeira. Para a outra as vivências mobilizadas na constituição dos discursos, estava de certa forma direcionada à economia e ao desperdício da água, mas pensando na comunidade. **“Porque não está saindo água em toda B”.** De acordo com Aguiar e Bock (2016, p. 47) “A vida se constitui na materialidade das relações entre os humanos e de sua relação com a natureza; relações estas que garantem a sobrevivência, transformando a natureza e produzindo bens necessários”.

Os bens necessários produzidos pelos homens nessa relação estão inclusos tanto nos bens materiais quanto nos espirituais, ideias, a arte. A arte de reinventar o cotidiano de forma despretensiosa, mas com requinte de detalhes que só é possível pela significação que media nosso pensamento, nossas palavras nosso olhar e interpretar a realidade. E essa interpretação e a forma de representar o mundo se realizam no movimento e nas relações

que estabelecemos com o ambiente. A dimensão subjetiva que se constitui na relação homem e mundo media a nossa forma de se comportar, sentir e estar. **“Eles correram, mas não bateram no coleguinha, pois é falta de educação, porque não pode bater no coleguinha e a professora fica muito triste”**. (Crianças do Infantil I). O sentido de educação para as crianças está relacionado ao comportamento, **“mas não bateram no coleguinha, pois é falta de educação”**, o não bater não advém do sofrimento que se pode causar no outro que sofre a ação, mas do olhar e do apontamento dos coleguinhos diante de quem pratica a ação. Na verdade está oculto o medo de ser denominado de mal educado. E ser mal educado causaria tristeza para quem tem o papel de educar, na escola a professora. **“Não pode bater no coleguinha e a professora fica muito triste”**, se revelando no pensamento imaginativo infantil a tristeza da professora como um impeditivo que afetasse a criança a não agir de forma agressiva, além disso, esses sentimentos revelam também o antagonismo entre educado e mal educado que leva ao sofrimento da criança, pois a reação da professora revela que está sendo mal educado. Poderíamos enfatizar que ser educado se constitui na dialética com mal educado que determina e constitui formas de comporta-se na escola. Veja outro trecho das falas das crianças.

Quando a pessoa está perto do amigo, se ele não quiser sentar perto do amigo, se ele afastar a cadeira, aí Outono não quer ser amiga de Aninha. Aí eu digo Outono seja amiga de Aninha, aí Outono tomou o brinquedo de Aninha, mas tem que pedir por favor. Aninha [diz] me dê o brinquedo, por favor, Outono deu o brinquedo a Aninha e fim. (Crianças do Infantil I).

Dentre as formas de se comportar, dentro da escola, as crianças revelam no campo imaginativo e criativo na dinâmica das relações no brincar, a partir das regras que mediam as ações coletivas. No espaço da educação infantil o brincar é uma atividade que envolve relações afetivas e simbólicas que constituem e relevam o sujeito. O brincar envolve o sentar perto, essa ação oculta ou revela os sentimentos dos sujeitos sobre o outro que está ao lado, **“Quando a pessoa está perto do amigo, se ele não quiser sentar perto do amigo, se ele afastar a cadeira, aí Outono não quer ser amiga de Aninha”**, o sentar perto caracterizou as relações afetivas entre os sujeitos, a amizade, por exemplo, e podia ao mesmo tempo revelar os desafetos, quando afasta a cadeira expressando a inimizade. Conforme Aguiar e Ozella (2013, p.305), [...] “o sentir – seja positiva ou negativamente – sempre significa estar implicado em algo, a implicação vai assim ser vista como um

fator constitutivo e inerente do atuar e do pensar”. **“ela não quer ser amiga de Aninha”**, a exclusão por parte das colegas a afetava **“aí Outono tomou o brinquedo de Aninha”**, porém a mediação do expectador contornou a situação, **“Aí eu digo Outono seja amiga de Aninha”**, **“mas tem que pedir por favor”**, afetava os personagens levando ao arrendimento entre os envolvidos no conflito: **“Aninha [diz] me dê o brinquedo, por favor, Outono deu o brinquedo a Aninha e fim”**. Conforme Gonçalves (2016, p. 63), **“A linguagem é a que melhor representa a síntese entre objetividade e subjetividade”**.

Em síntese, as crianças constituem a subjetividade na relação dialética entre objetividade e subjetividade no processo imaginativo e criativo nas relações pessoais e sociais dentro e fora do espaço escolar por meio da linguagem. A unidade constituída da relação entre pensamento e palavra e o significado construído social e culturalmente nas relações entre homens se constituem os afetos, os sentidos subjetivos. Essa relação é dialética, sentido e significado têm uma relação mediada constantemente. Daí surgiu o indicador seguinte que carrega a discussão sobre o papel do outro no processo constitutivo do pensamento imaginativo e criativo.

6.2.5 - “Era tarde demais... e tomou o comprimido e melhorou”: o desejo do outro mediando e ressignificando a imaginação e a criatividade

Ao analisar as falas das crianças percebemos algo que não estava presente na imediaticidade dos discursos, a mediação de um sujeito oculto, a linguagem interior que cria um personagem que carrega o conteúdo, a antítese, contra a tese imaginada e criada no pensamento infantil, para reafirmar e chegar à síntese. Esse movimento permite o desenvolvimento da imaginação e da criatividade das crianças através da ressignificação. A imaginação e a criatividade infantil se constituem da tese, antítese e síntese. Vejamos:

E foi para o médico e ele disse que era muito tarde, tarde demais e aí o leão foi pra casa e melhorou e viveram felizes para sempre.
O leão e o ratinho estavam em uma aventura na floresta, o leão está preso. Você pode me ajudar? Você é tão pequenininho, mas porque o ratinho é muito inteligente aí ele pediu ao senhor Deus da floresta.
(Crianças do Infantil I).

Discutimos em outros indicadores que constituem esse trabalho, o importante papel colaborativo entre os sujeitos participantes da pesquisa no processo imaginativo e criativo, no entanto, o sujeito que colabora nesses trechos, é um sujeito criado pela

dinâmica da narrativa, construído na imaginação das crianças. As crianças apresentaram pontos de vista diferentes sobre a mesma situação. **“E foi para o médico e ele disse que era muito tarde, tarde demais e aí o leão foi pra casa e melhorou...”**, o trecho carrega a antítese, pontos de vista diversos que surgem na tentativa de reafirmar a ideia principal da criança a síntese, **“... e viveram felizes para sempre”**. A imaginação e a criatividade se constituem na negação de si e do outro, ao mesmo tempo. E essa negação constante é pré-requisito para o desenvolvimento do pensamento imaginativo e criativo infantil.

Quando afirmamos que se incluem, lembramos Vigotski (2001) quando afirma que o indivíduo é “quase o social”; para ele, não há invenções individuais no sentido estrito da palavra, em todas existe sempre alguma colaboração anônima. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 301).

Podemos afirmar que a imaginação e a criatividade se desenvolvem em um movimento dialético entre exclusão e inclusão de si mesmas, na tentativa de reestruturar o pensamento e ressignificar a realidade. É um movimento do pensamento em si para si, o que isso significa? Acreditamos que o conteúdo primário **“O leão e o ratinho estavam em uma aventura na floresta, o leão está preso. Você pode me ajudar? Você é tão pequenininho”** é o pensamento em si, como se apresenta inicialmente, já o pensamento para si é o secundário, quando esse se reestrutura em oposição ao primário **“mas porque o ratinho é muito inteligente, aí ele pediu ao senhor Deus da floresta”**. Podemos sintetizar que as construções imaginativas e criativas se constituem na dialética e na liberdade do pensamento em si para si, em um movimento constante materializado no desenho e nas falas das crianças.

6.3 - Era Uma Vez... Mediações das Atividades Escolares

“Era uma vez” é uma forma verbal que configura o início de um texto narrativo que se constitui de uma sequência lógica de ideia com enredos mediados pelos afetos, emoções e sentimentos tanto por quem produz, quanto por quem lê a história. As narrativas são enredos vivenciados por personagens que não se apresentam como simples marionetes, mas como indivíduos que possuem características, comportamentos que se entrelaçam à história de modo coerente. Nas produções das histórias estão ocultas as determinações sociais, culturais que regem e se constituem nas relações humanas. De que história estamos falando? Acreditamos que podemos falar de duas histórias que se

entrelaçam na nossa discussão sobre imaginação e criatividade, a história contada nas narrativas infantis que ao mesmo tempo revelam as histórias vivenciadas no espaço da educação infantil. No entanto, essas produções não se revelam nas falas ou nos desenhos como uma fotografia, mas através de imagens e emoções que se constituem mediados pela subjetividade do sujeito. Dessa forma podemos falar do cenário, das narrativas e personagens e das relações afetivas e simbólicas que mediam as atividades na educação infantil.

O ambiente da educação infantil se configura em sua totalidade por determinações específicas, conteúdo, planejamento, regras, valores e afetos que constituem o processo de ensino-aprendizagem. Não estamos discutindo a totalidade do ambiente educativo na perspectiva da fragmentação, mas a partir da dimensão subjetiva constituída na relação dialética entre objetividade e subjetividade, ou seja, buscamos apreender as significações constituídas na atividade que se realiza na educação infantil, no caso da nossa pesquisa, na imaginação e criatividade das crianças. Conforme diz Aguiar e Bock (2016, p.56):

A dimensão subjetiva do processo educacional traz para a reflexão a dimensão do sujeito, agente do processo educativo, dando visibilidade a produtos de natureza subjetiva, como os afetos, os valores, as significações.

Ou seja, no cenário da educação infantil o processo de ensino aprendizagem não se realiza apenas na objetividade, de forma mecânica, mas como um processo constitutivo na dialética, cognitivo e afetivo. O próprio processo de ensino e aprendizagem não é dicotômico, mas dialético, ou seja, são fenômenos constitutivos. Como diz Saviani (1997, p.17) “... o ato de dar aula é inseparável da produção desse ato e de seu consumo. A aula é, pois, produzida e consumida ao mesmo tempo (Produzida pelo professor e consumida pelo aluno)”. Daí, nos perguntamos o que constitui a essência do processo educativo na escola?

A escola é o espaço de formação humana, de apreensão, compreensão e interpretação da realidade, e todo esse processo se realiza pela atividade significada. É a partir da vivência da criança numa determinada realidade e da forma como a significa que podemos compreender a sua transformação em relação às amarras do cordão umbilical que a aprisiona no ambiente da vida cotidiana. Nesse processo de transformação a escola cumpre um papel de suma importância quando possibilita que se aproprie da história e da cultura da humanidade.

Destacamos que o espaço da sala de aula é um ambiente de apreensão de saberes sistematizados que se realiza na relação dialética entre senso comum e cientificidade dos fenômenos naturais e sociais. Essa apreensão de saberes se dá pela mediação de signos e instrumentos. O processo de ensino e aprendizagem possibilita um salto de qualidade na realização da atividade não apenas para sobrevivência, mas para atividade, para vivência da vida humana, ou seja, a escola tem a função de humanizar. A humanização se constitui e se realiza pelas mediações históricas e culturais produzidas pelas gerações precedentes e que são transmitidas às gerações seguintes. Concordamos com Oliveira (2002, p.16), que argumenta que:

[...] o conceito de trabalho educativo aqui utilizado refere-se a um tipo específico de atividade humana que se caracteriza pela intencionalidade intrinsecamente vinculada a valores que concorrem para o processo de humanização do homem, o que necessariamente implica a emancipação humana. (OLIVEIRA, 2002, p. 16).

É um processo de desenvolvimento constante mediado pela imaginação e criatividade das crianças que se constituem na mediação professor / aluno, pensamento e linguagem, sentido e significado na atividade de ensino e aprendizagem. Em um movimento de desenvolvimento real e potencial simultaneamente, é importante destacar que nesse processo dialético há sucessos e fracassos.

Acredito que podemos afirmar que o processo de ensino e aprendizagem se realiza na dialética entre atividade possível e impossível. É nessa relação que se possibilita a construção da imaginação e da criatividade. Assim, o presente núcleo de significação se constitui dos seguintes indicadores: **6.3.1 - Obrigado, por favor...: as palavrinhas mágicas como condição de ser e estar no mundo humano; 6.3.2 - O enredo: o mundo natural e social por meio dos projetos escolares: alimentação saudável, meio ambiente, noções lógico-matemáticas; 6.3.3 - Espaço escolar: historicamente constituído na dialética entre ensinar e aprender; 6.3.4 - “Fique prestando atenção”:** a criança imaginando o papel da professora na regulação do comportamento dos coleguinhas.

6.3.1 - Obrigado, Por Favor...: as palavrinhas mágicas como condição de ser e estar no mundo humano.

O processo de humanização através das mediações históricas escolares carrega em sua ontogênese a formação do indivíduo na perspectiva de ser e estar no mundo humano. Os verbos ser e estar evocam a ideia da essência do sujeito constituído na dialética da realidade objetiva e subjetiva. Essa relação envolve o processo de internalização das determinações construídas pelos indivíduos nas relações individual e social simultaneamente.

O processo de ensino e aprendizagem tem a função de humanizar o homem, dentro dessa configuração se constituem as formas de convivência, de comportamento e de tratamento que necessitamos utilizar na vida cotidiana.

As palavrinhas mágicas: **Por Favor, Obrigado, Desculpas** não são apenas formas de comunicação, mas termos que carregam e revelam a subjetividade do sujeito que as utiliza. É um processo de educação que deve fazer parte da convivência dentro e fora da escola, para indivíduos de qualquer idade. Assim sendo, na educação infantil essa temática se configura como condição essencial para formação das crianças mediando o comportamento dentro e fora da escola.

A ideia de “palavrinhas mágicas” remete-se à transformação do sujeito na forma de pensar, sentir e agir. Essa transformação não ocorre de forma imediata, mas se constitui da historicidade do sujeito, dos afetos, da subjetividade. “Eu dividi o brinquedo com o coleguinha e ele disse **obrigado**”. (Crianças do infantil I). O sentido de **obrigada** se constitui como ato apreendido pelas crianças constituindo a subjetividade. O ato encarnando nas crianças media a ação levando a dividir e agradecer um ao outro na partilha material e afetiva.

A transformação da criança ao apreender as “palavrinhas mágicas” se realizou diante dos conflitos na vida diária com os outros sujeitos. “Quando a pessoa está perto do amigo, se ele não quiser sentar perto do amigo, se ele afastar a cadeira. Aí, Outono não quer ser amiga de Aninha. Aí eu digo Outono seja amiga de Aninha, aí Outono tomou o brinquedo de Aninha, mas tem que pedir **por favor**. Aninha me dê o brinquedo, **por favor**, Outono deu o brinquedo a Aninha e fim”. (Crianças do Infantil I). São palavras que afetam o sujeito a agir a arrepende-se, a sensibilizar-se diante da fala do outro. Ou simplesmente remete a emoção que o sujeito sente no momento da atividade. “Depois ele deu um pulo na piscina e ficou muito feliz com o ratinho”. E ele agradeceu ao leão. **Obrigado**, leão! Levando ao agradecimento.

As palavrinhas mágicas tornam possível uma convivência harmoniosa entre os homens, é o que media a gentileza, a solidariedade, o arrependimento, o sofrimento diante

do erro. Quando utilizadas, essas palavrinhas podem contribuir com a constituição de um enredo mais harmonioso na vida diária das pessoas dentro e fora da escola.

6.3.2 - O Enredo: o mundo natural e social por meio dos projetos escolares: alimentação saudável, meio ambiente, noções lógico-matemáticas.

Os enredos que constituem a imaginação e a criatividade das crianças são produtos culturais e sociais que constituem a dimensão do espaço da sala de aula. Os projetos pedagógicos trabalhados no âmbito da educação Infantil podem contribuir para a constituição do repertório imaginativo e criativo. Saviani (1997, p. 23) define como currículo [...] “organização do conjunto das atividades nucleares distribuídas no espaço e tempo escolares”. O ambiente da educação infantil tem a finalidade de desenvolver a criança de forma integral segundo a LDB.

Os conteúdos são determinados de acordo com RCNEI e direcionados às especificidades do trabalho pedagógico na educação Infantil, dessa forma a secretaria municipal de educação do município de Mossoró inclui alguns projetos permanentes e interdisciplinares para Educação Infantil dentre eles Alimentação Saudável, Meio Ambiente, Bullying, Trânsito. E a apreensão desses conteúdos é internalizada, constituindo a imaginação e a criatividade das crianças.

A professora /pesquisadora dialogava e questionava as crianças durante toda a produção dos desenhos e das narrativas e ao serem indagadas sobre “quem libertou o leão”, as respostas foram mediadas pelos elementos constituídos no ambiente da educação infantil. Observe:

O Ratinho. Porque ele comeu pepino, verdura, alface, cenoura! Vou desenhar a cenoura... Ele comeu muita verdura e ficou muito forte aí levou o leão até o médico. Eles comeram alface, feijão, verdura. Não, foi só o leão [que comeu] porque ele estava muito magrinho. - O leão é mais fortão. E aí, eles [o leão e o ratinho] foram pra casa e comeram uma bela sopa com feijão, cuscuz, alface e verdura e aí eles [o leão e o ratinho] se abraçaram e viveram felizes para sempre.

No pensamento infantil a justificativa para que o ratinho, animal tão pequeno, tenha a força pra libertar o leão está relacionado ao tipo de alimentação. Ingerir alimentos saudáveis é condição para realizar ação eficaz em situações difíceis. No entanto alimentação saudável também está direcionada à aparência física, ou seja, ser magro é

sinônimo de fraqueza e ser grande traz a ideia de força. Alimentos saudáveis significam dieta. **“Não, foi só o leão [que comeu] porque ele estava magrinho”**. A cultura do corpo ideal empregada na vida cotidiana das crianças. A discussão sobre alimentação saudável se constituía atividade da sala de educação infantil como condição de ser magro (fraco) ou grande (forte). E dentro dessa discussão sobre alimentação estão entrelaçadas as noções matemáticas: força, quantidade, noções espaciais e números.

O carrinho só tinha um picolé. Mas o vendedor foi buscar mais picolé. Você é tão pequenininho, mas porque o ratinho é muito inteligente aí ele pediu ao senhor Deus da floresta. Depois eles se mudaram foi para um prédio bem alto, O ratinho... e o leão era maior e o ratinho queria fugir de um gavião. (Crianças do Infantil I).

As noções matemáticas são utilizadas em situações que envolvem a dialética entre menos (-) e mais (+) não como polos opostos, mas dialéticos, menos/mais, alto/baixo, maior/menor. As noções matemáticas não são mediadas apenas pelo seu significado, mas pelo sentido, “só tinha um” o - (menos) envolve a tristeza pelo desejo não realizado, e ao mesmo tempo a alegria que o + (mais) pode desenvolver **“Mas o vendedor foi buscar mais picolé”**, com a realização do desejo. Ser pequeno (-) não define a capacidade psíquica, representa apenas objetividade. **“Você é tão pequenininho, mas porque o ratinho é muito inteligente”**. (+) mais carrega a subjetividade e capacidade de pensar, sentir e agir. As noções matemáticas apresentadas na imaginação e na criatividade das crianças revelaram o sentido de positivo (+) e negativo (-) como polos constitutivos. Para justificar essa afirmação fizemos uma analogia à lei da física que diz que polos iguais se repelem (- -) e corpos diferentes se atraem (- +) levando a discussão para a constituição do pensamento infantil percebemos que as crianças associaram os elementos partindo da ideia de contraposição entre negativo e positivo, o **menos** carrega aspectos negativos e **mais**, aspectos positivos. Assim como a teoria do magnetismo enfatiza que os polos devem estar magnetizados para que a atração ou repulsão aconteça, podemos fazer uma analogia do magnetismo com discussão sobre imaginação e criatividade. Nessa analogia, o magnetismo que constitui a associação e a dissociação na imaginação e criatividade está relacionado aos afetos.

As atividades que constituem a educação infantil são mediadas pela tarefa e pela atividade. Como diz Clot (2006, p. 115) baseado na ideia de Leplat e Hoc, “A tarefa é aquilo que se tem a fazer e a atividade é aquilo que se faz”.

Eles [o leão e o ratinho] fizeram o dever, pintaram muitas coisas diferentes, [o leão e o ratinho] prestaram atenção na professora. Eles não ficaram prestando atenção na professora aí a professora disse: fique prestando atenção porque já começamos. Aí a professora começou e eles ficaram brincando e viveram felizes para sempre. Eles [o leão e o ratinho] foram estudar, pintar o desenho do pônei.

Ou seja, as crianças trazem nas suas criações a totalidade que define o processo de ensino e aprendizagem na educação infantil. As atividades que se faz na educação infantil são: “estudar, pintar, desenhar e brincar”. A tarefa que se tem a fazer para que essas atividades se realizem é prestar atenção na professora, **“prestou atenção na professora”**. As atividades constituídas no ambiente da educação infantil, segundo as falas das crianças, se constituem de atividades possíveis e impossíveis. **“Eles não ficaram prestando atenção na professora, aí a professora disse: fique prestando atenção porque já começamos. Aí a professora começou e eles ficaram brincando e viveram felizes para sempre”**. Nas atividades da educação infantil, assim como qualquer atividade, se torna impossível de se realizar, mas não é excluída, porém ressignificada, nesse caso a mediação por meio da palavra da professora contribui para a atividade possível.

De acordo com Clot (2006, p. 116) “O trabalho como atividade dirigida parece um terreno particularmente propício para desenvolver ao real o possível e o impossível”. A atividade na educação infantil se realiza a partir da relação colaborativa. Partindo desse princípio da colaboração que se constitui o indicador que será discutido a seguir.

6.3.3 - Espaço Escolar: historicamente constituído na dialética entre ensinar e aprender

A compreensão sobre processo de ensino e aprendizagem se constituiu dos embaraços produzidos pela própria concepção que se tem sobre o processo que se revela de acordo com as mediações que constituem o sujeito sobre ensinar, aprender, crianças, infância e escola. Historicamente a concepção sobre o processo de ensino e aprendizagem se constitui na dicotomia, não se tinham a visão dialética que constituía totalidade do ensinar e aprender. Voltava-se para o processo de ensino, ou para a aprendizagem. A perspectiva sócio-histórica discute a ideia de ensinar e aprender como fenômenos diversos, mas constitutivos um do outro, isso se realiza pela mediação. Ou seja, ensinar exige a presença do outro que aprende e ao mesmo tempo ao ensinar se aprende.

Conforme a ideia de Freire (1996, p.23) “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Dessa forma não se pode pensar o ensino e a aprendizagem como transmissão de saberes, como processos dicotômicos, mas dialéticos.

No processo de ensino e aprendizagem não podemos destacar apenas o caráter objetivo do processo, o saber sistematizado, as teorias que mediam o processo, o planejamento, excluindo a ideia de sujeito, a subjetividade. Não podemos tratá-los como polos, cognitivo e afetivo desvinculados do processo, mas como uma unidade de contrários que constitui o movimento de ensino e aprendizagem. Em síntese Soares (2011, p.19) discute que em relação ao processo de ensino e aprendizagem, deve-se compreender:

[...] a aprendizagem como um processo que só se efetiva por meio da mediação do outro, que é aquele que ensina. Ao mesmo tempo, ao levarmos em conta que o ensino também é uma atividade mediada pelo outro, ou seja, que se efetiva em função da presença/participação/atividade do aluno, o professor, ao ensinar, também aprende. Isso significa que nem o ensino nem a aprendizagem se justificam por si próprios. São as condições objetivas do ensino, além das condições subjetivas de quem aprende e ensina, que constituem, portanto, a aprendizagem e vice-versa (SOARES, 2011, p. 19).

Ensinar e aprender constituem-se como um processo que se realiza pela colaboração, pela mediação dos pares mais experientes e os menos experientes em um movimento de desenvolvimento constante. E as crianças criam e recriam em suas falas as mediações que se realizam no ambiente da sala de atividades no processo de ensino e aprendizagem, e nessas falas revelaram o papel da professora no movimento de ensino e aprendizagem: **“Ele sabia todos os nomes. Deixa eu cantar: A, B, C, Q, Q, S, G, H, I, J, H, Q, U, S, W, X, Y, Z, agora eu sei o a, b, c, que gostoso aprender...”**. As crianças apresentam em suas produções imaginativas e criativas o que aprenderam, **“Ele sabia todos os nomes”**, **“agora eu sei o a, b, c”**, as letras, que se materializam através da música denotam a compreensão infantil de que as letras são nomes **“sabia todos os nomes”**, demonstrando que a criança ainda não compreende que as letras também servem para significar a realidade. Para as crianças a demonstração do conteúdo apreendido traz a satisfação, o prazer, **“que gostoso aprender...”**, porém a satisfação só se revela pelos motivos. Os motivos para aprender são constituídos pela mediação da professora que utiliza os elogios, as premiações, as emoções como artifícios de afetação impulsionando o poder de agir, de imaginar e criar. **“Eles correram, mas não bateram no coleguinha,**

pois é falta de educação, porque não pode bater no coleguinha e a professora fica muito triste”. (Crianças do Infantil I). Dessa forma não podemos tratar o ensino apenas no seu caráter objetivo, mas também subjetivo, um ambiente constituído de relações simbólicas e afetivas.

As atividades no processo de ensino aprendizagem são realizadas partindo da ideia da ludicidade, da brincadeira, da música no desenhar e no contar histórias.

Depois eles ouviram uma música. Borboletinha está na cozinha, fazendo chocolate pra madrinha! Poti - Poti perna de pau, olho de vidro, nariz de pica pau, pau. Eles brincaram, desenharam, atividade. Desenharam um jacaré, um tubarão. Eles contaram historinha do Mogli. (Crianças do infantil I).

Podemos afirmar que as atividades da sala da educação infantil se constituem a partir de atividades que possibilitam a apreensão da realidade de maneiras diversas, acrescentando nessas atividades o poder que a música, o desenho e as histórias têm de afetar o sujeito. Como diz Vigotski (2007, p.55) o signo “Constitui um meio da atividade interna dirigida para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente”. Isto é, os signos internalizados pelas crianças constituem os elementos da imaginação e da criatividade, as significações.

O processo de ensino e aprendizagem se revela e se constitui pelas mediações entre pensamento e palavra, sentido e significado, imaginação e criatividade das crianças na pré-escola. A mediação entre professor e criança não ocorrem de forma linear, mas em um movimento de internalização entre interno e externo, dessa forma argumentamos que as determinações sociais, culturais e históricas constituem a dimensão do processo de ensino e aprendizagem. A discussão sobre mediação nos remete ao papel do professor no trabalho pedagógico sobre imaginação e criatividade de crianças, tema que será discutido no indicador seguinte.

6.3.4 - “Fique Prestando Atenção”: A criança imaginando o papel da professora na regulação do comportamento dos coleguinhos.

O processo de ensino e aprendizagem no ambiente da pré-escola nos remete às discussões sobre os saberes sistematizados, a apreensão da realidade cultural, social e histórica. A apreensão dessa realidade ocorre através de mediações simbólicas, afetivas, além da participação do outro por meio da linguagem. Na sua vivência pré-escolar, a

criança vai se apropriando do papel da professora como sujeito que utiliza dos diferentes artifícios na tentativa de regular o comportamento da classe. Vejam as falas das crianças: **“Eles correram, mas não bateram no coleguinha, pois é falta de educação, porque não pode bater no coleguinha e a professora fica muito triste”**. (Crianças do Infantil I). Para as crianças a professora tem o papel de educar as crianças. E educação significa cumprir determinações, como não bater nos coleguinhos, o não cumprimento acarreta o sofrimento para ambos, professor e criança, e é o sofrimento que regula o comportamento de julgamento das crianças nas atividades infantis.

Seguindo o viés das significações, além dos afetos entre professor e crianças como regulador do comportamento infantil, está imbricado nessa dimensão a práxis do professor, ou seja, se as atividades são dinâmicas e lúdicas o comportamento das crianças se apresenta de forma satisfatória na visão docente. **“Aí a professora começou e eles ficaram brincando e viveram felizes para sempre”**. (Crianças do Infantil I). Ensinar brincando é uma atividade pedagógica que mobiliza as crianças a prestarem atenção, pois são mediadas por emoções que somente a ludicidade pode materializar **“Ficaram brincando e viveram felizes para sempre”**.

Nesse processo, mediado por emoções constituídas na prática docente, a linguagem e o pensamento fazem-se presentes como reguladores do comportamento das crianças, **“Eles não ficaram prestando atenção na professora aí, a professora disse: Fique prestando atenção porque já começamos”**. (Crianças do Infantil I). A linguagem da professora **“Fique prestando atenção”** carrega em sua essência, o poder do verbo imperativo, poder este constituído pelo respeito que se deve ter aos adultos e em especial ao mestre.

Percebemos de acordo com as análises das falas das crianças que as mediações que se realizaram no ambiente da educação infantil se constituem na dialética da atividade possível e impossível em um movimento constante da atividade real e do real da atividade como possibilidade de desenvolvimento da imaginação e da criatividade das crianças. Dessa forma enfatizamos que essa relação dialética entre o possível e impossível é o que constitui a imaginação e a criatividade materializada na subjetividade da criança.

7 - IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE NA PRÉ-ESCOLA: UMA ANÁLISE INTERNÚCLEOS.

A função imaginária é que define a condição do homem, isso significa dizer que essa condição é a base da liberdade, uma particularidade ontológica que garante a potência revolucionária da subjetividade, e a imaginação aparece como processo psicológico fundamental da possibilidade humana de alterar a história. (Informação Verbal⁹).

A imaginação e a criatividade são as condições fundamentais que transformam homem em humano, pela mediação histórica do gênero humano. O gênero humano se constitui na relação dialética objetividade e subjetividade em atividade, ou seja, o homem se apropria da natureza, transforma-a e ao mesmo tempo se objetiva transformando a si próprio na tentativa de satisfazer suas necessidades. As necessidades humanas são mediadas pelos motivos constituídos na relação do homem com a realidade. Revela-se nessa concepção o homem como sujeito ativo, social, cultural e histórico.

Sujeito que se constitui na relação dialética entre interno/externo não de forma linear, mas por meio da conversão, ou seja o homem não é mero reflexo da realidade, pois está imbricado nessa relação a individualidade humana. Isto é, o processo ontológico da emancipação do homem é constituído pela imaginação e criatividade.

A liberdade de imaginar e criar surge em contraversão ao pensamento fossilizado, à alienação, à mesmice imposta pelo poder capitalista. Essa liberdade é possível pelo poder da subjetividade de revelar as determinações sociais, culturais e históricas. A subjetividade é constituída nas relações colaborativas, nas relações sociais entre sujeito, particular e universal através da linguagem e do pensamento. É a mediação entre linguagem e pensamento que constitui a unidade que revela a totalidade do sujeito às significações.

Os sentidos e significados constituem as ordens dos contrários que constituem e revelam a realidade humana, a consciência. Uma relação simbólica e afetiva que permite o sujeito constituir e apreender o real em que nessa relação como diz Gonzales Rey (2003) a realidade objetiva se subjetiva e a subjetiva se objetiva. Toda produção humana se diferencia da atividade animal pela capacidade do homem pensar, sentir e agir.

⁹ Informação fornecida por Bader Sawaia no II Simpósio Nacional de Psicologia e Compromisso Social, em São Paulo, em maio de 2018.

Na imaginação e na criatividade humanas surge a capacidade dos homens serem afetados e afetar o ambiente em que estão inseridos. Essa afetação aumenta ou diminui a capacidade de agir dos homens através do sentido dado à atividade. Os afetos não são naturais, se constituem nas vivências e experiências dos sujeitos constituindo a subjetividade humana. Daí Vigotski (2001) afirma que não há dicotomia entre cognição e afeto, o homem não pensa separado do sentir, é uma relação de polos distintos que formam a unidade do pensamento imaginativo e criativo.

Diante das discussões realizadas anteriormente apreendemos que o processo imaginativo e criativo surge na dialética entre adaptação e inadaptação do gênero humano. O que isto quer dizer? Que o homem imagina e cria mediado pela dialética entre satisfação e insatisfação, ou seja, ao se satisfazer surgem necessidades de novo tipo causando a insatisfação, ou seja, as necessidades do homem são voláteis, na tentativa de satisfazer as suas necessidades o homem combina e cria o novo. A combinação dos elementos que constitui o pensamento não se realiza de forma natural ou aleatória, mas mediada pelos afetos, pela diversidade ou similaridade que constituem o fenômeno da realidade. Nessa perspectiva o homem não cria do nada, mas a partir das vivências e experiências que o constituem nas relações colaborativas mediadas pelo campo simbólico e afetivo.

Mediados pelas discussões teóricas e metodológicas sobre imaginação e criatividade na perspectiva sócio-histórica, passamos a refletir sobre esse processo no campo educacional especificamente na educação infantil. Assim, o objetivo proposto é apreender os sentidos e significados que constituem o processo imaginativo e criativo da criança na pré-escola. A ideia é apreender a dimensão subjetiva que constitui o pensamento imaginativo e criativo das crianças, o pensar, o sentir e agir. Para isso realizamos estudos sobre as categorias de análise que constituem a perspectiva sócio-histórica, pensamento e palavra, sentido e significado, mediação e zona de desenvolvimento que trazem a possibilidade de apreender o objeto em seu movimento constitutivo para além da imediatividade do fenômeno.

Elaboramos um procedimento que possibilitou apreender o fenômeno e explicá-lo a partir do movimento constitutivo, dessa forma, elencamos a contação de história, a produção do desenho e as falas sobre suas produções. Atividades que permitiram a apropriação e objetivação das significações sociais, culturais e históricas por meio da imaginação e criação. Para a análise das informações utilizamos os núcleos de significações elaborados por Aguiar e Ozella (2013) e Aguiar, Machado e Soares (2015).

O movimento entre pré-indicadores e indicadores mediados pelo campo da similaridade, complementaridade e contrariedade dos conteúdos temáticos aprendidos nas falas constituiu os núcleos: 6.1 - A arte de ouvir e contar histórias: apropriação das objetivações históricas. 6.2 - Desenhos: cores e traços da infância e 6.3 - Era uma vez... Mediações das atividades escolares.

O núcleo arte de ouvir e contar histórias: apropriações das objetivações revelam no cenário da especificidade da educação infantil que as narrativas dos contos de fadas são instrumentos mediadores que permitem às crianças por meio da imaginação e da criatividade se apropriarem das significações que são produzidas sociais, culturais e historicamente, constituindo a subjetividade da criança ao ouvir e contar histórias. As narrativas das fábulas infantis são instrumentos que trazem, na materialidade, temáticas diversas que possibilitam a riqueza de elementos na constituição da imaginação e criação das crianças.

No desenrolar do cenário imaginativo e criativo as crianças revelam na recriação da história e na produção das falas sobre o desenho a constituição dos valores morais, que se configuram pela relação dialética entre bondade e maldade nas relações entre os sujeitos nas atividades. Bondade e maldade se revelam no campo dos afetos, mediados pelas vivências que suscitam a afetação pela linguagem, pela necessidade do outro. O sentido de bondoso define o sujeito que nega a maldade pela promessa, pela troca de favores, pelas relações amigáveis, simbólicas e afetivas.

A amizade para as crianças se constitui nas relações afetivas, expressar é arrependimento diante do erro, é emocionar-se diante do sofrimento do outro nas diferentes brincadeiras infantis.

Amizade é brincar de imaginar e criar diferentes aventuras construídas no reino animal realizando diferentes associações e dissociações dos elementos da realidade, revelando as diferentes formas de pensar, sentir e agir. É pensar mediante a materialidade objetiva dos fenômenos e defender sua opinião recusando ou não a palavra do outro diante da realidade. A imaginação e a criatividade se constituem no processo colaborativo, mediadas pela linguagem e pensamento, afetando e sendo afetadas nas relações sociais.

A arte de ouvir e contar histórias constitui as significações que permitem às crianças apreenderem a realidade em sua totalidade. A apropriação do material lido se objetiva na subjetividade infantil e se objetiva na materialidade da palavra. Não é um movimento linear entre interno-externo, mas um processo de reestruturação do pensamento mediado pelo campo das significações, dos motivos, interesses e emoções.

A imaginação e a criatividade infantil permitem a liberdade da subjetividade transformar criando e recriando o novo.

A subjetividade infantil se realiza e se constitui através da imaginação e da criatividade das crianças não só ao desenhar, mas principalmente ao falar sobre os seus desenhos, parece-nos que a fala permite libertar-se dos traços imóveis do desenho, do significado, dando sentido, movimento ao que está sendo representado no desenho. Com isso surge o núcleo Desenho: cores e traços da infância.

Nas falas produzidas pelas crianças em relação aos desenhos a brincadeira surge como atividade imaginada constituída culturalmente, mediada por regras elaboradas na realidade objetiva e subjetivada das crianças.

Ao brincar de imaginar e criar permite que os objetos, sujeitos e fenômenos assumam papéis diferentes dos que possuem na realidade, porém são mediados pela regra objetiva que rege a realidade. Por esse motivo a arte de imitar a vida por meio da brincadeira e imaginar e criar não é um processo de repetição, mas de recriação, mobilização e remobilização dos sentidos e significados do sujeito. A imitação é a essência para a revolução, pois traz a possibilidade de apreender as zonas de desenvolvimento próximo em que a criança se encontra, e a partir das relações colaborativas realizam o salto qualitativo do nível de desenvolvimento real ao nível de desenvolvimento potencial. Um processo de desenvolvimento constante que se realiza mediado pelo campo imaginativo e criativo.

O desenvolvimento imaginativo e criativo se realiza pela associação e dissociação dos elementos constituídos nas vivências dentro e fora da escola. É possível perceber nas criações infantis a função da família e da escola, e os afetos que se configuram nessa relação. A escola apresenta a função de transmitir os conhecimentos elaborados cultural, social e historicamente de forma sistematizada através das **mediações das atividades escolares**. Percebemos de acordo com as análises das falas das crianças que as mediações que se realizam no ambiente da educação infantil se constituem na dialética da atividade possível e impossível em um movimento constante da atividade real e o real da atividade como possibilidade de desenvolvimento, da imaginação e da criatividade das crianças. Dessa forma enfatizamos que essa relação dialética entre o possível e impossível que media a transformação da subjetividade das crianças.

Os pais têm a função de cuidar e educar os filhos, dentro dessa finalidade estão as regras e o controle do comportamento social e culturalmente determinado. Dentro dessa conjectura da instituição familiar está a garantia do acesso e permanência na escola. É

possível perceber na perspectiva imaginada pelas crianças que na contemporaneidade os pais preocupam-se com a educação, os limites, mas não dialogam com os filhos. Os afetos que constituem essa relação escola, família e criança são mediados pelo medo do arrependimento dos filhos, dos pais e dos professores de falhar no processo educativo.

A imaginação e a criatividade das crianças na pré-escola permitem revolucionar, transformar a realidade a partir da tríade relação entre tese, antítese e síntese, em um movimento constante da negação do estabelecido mediado pela subjetividade que ao ser afetada aumenta o poder de agir.

A discussão sobre imaginação e criatividade na pré-escola traz a possibilidade de pensarmos sobre o processo de ensino e aprendizagem das crianças, pois possibilita pensar esse processo constitutivo humano não como um processo natural, mas social, cultural e histórico. Um movimento constituído na relação dialética entre objetividade e subjetividade que permite a transformação do mundo e de si mesmo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Casimiro de. *As Primaveras (1859)*. São Paulo: Livraria Editora Martins S/A co-edição Instituto Nacional do Livro, 1972.
Disponível em: <http://www.culturatura.com.br/obras/As%20primaveras.pdf>
- ANDERY, Maria Amalia P.A. **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Gramond, 2006, p. 9-15.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; BOCK, Ana M. Bahia. **A Dimensão Subjetiva: Um Recurso Teórico para a Psicologia da Educação**. AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; BOCK, Ana M. Bahia. (Org) *A Dimensão Subjetiva do Processo Educacional*. SP: Cortez, 2016.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. et al. **Reflexões Sobre Sentido e Significado**. In: BOCK, Ana Mercês B. e GONÇALVES, Maria da Graça M. (Orgs.). *A dimensão Subjetiva da Realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2009.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. **Consciência e Atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica**. In: BOCK, Ana M. Bahia. GONÇALVES, M. Graça e FURTADO, Odair. (Orgs.). *Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. SP: Cortez, 2015.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira.; SOARES, Júlio R.; MACHADO, Virgínia C. **Núcleos de Significações: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações**. *Caderno de Pesquisa*, v. 45, n. 155, 2015.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. OZELLA, Sérgio. **Apreensão dos Sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação**. Brasília: R. Bras. Est. Pedag., v. 94, n. 236, 2013.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. **A Pesquisa em Psicologia Sócio - Histórica: contribuições para o debate metodológico**. In: BOCK, Ana M. Bahia.; GONÇALVES, M. Graça e FURTADO, Odair. (Orgs.). *Psicologia Sócio - Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. SP: Cortez, 2015.
- BOCK, Ana Mercês B. **Aventuras do Barão de Münchhausen na Psicologia**. São Paulo: Educ, 1999.
- BARROCO, Sonia Mari Shima.; SUPERTIR, Tatiane. **Vygotsky e o Estudo da Psicologia da Arte: Contribuições para o desenvolvimento humano**. *Psicologia e sociedade* 26 (1), 22-31.
- CHAIKLIN, Seth. **A Zona de Desenvolvimento Próximo na Análise de Vygotsky Sobre Aprendizagem e Ensino**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 4, 2011.
- CLOT, Yves. **Trabalho e Poder de Agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

- CLOT, Yves. **A Função Psicológica do Trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- DUARTE, Newton. **Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões?** Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- DUARTE, Newton. **A Individualidade Para Si**: contribuições a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.
- FURTADO, Odair. **O Psiquismo e a Subjetividade Social**. In: BOCK, Ana M. Bahia.; GONÇALVES, M. Graça e FURTADO, Odair. (Orgs.). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. SP: Cortez, 2015.
- FONTANA, Roseli e CRUZ, Nazaré. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALPERIN, Piotr Ykovlevich. **A Formação dos Conceitos e as Ações Mentais**. LONGAREZI, Andréa Maturano.; PUENTES, Roberto Valdés. (Org.) *Ensino Desenvolvimental: antologia*. Uberlândia: EDUFU, 2017.
- GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. **Fundamentos Metodológicos da Psicologia Sócio – Histórica**. In: BOCK, Ana M. Bahia.; GONÇALVES, M. Graça e FURTADO, Odair. (Orgs.). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. SP: Cortez, 2015.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005, p. 79-101.
- GONZÁLEZ, REY, Fernando. **Sujeitos e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- GÓES, Maria Cecília R. **A formação do indivíduo nas relações sociais**: contribuições teóricas de Lev Vygotsky e Pierre Janet. *Educação e Sociedade*, Vol. 21, n. 71, 2000.
- GÓES, Maria Cecília R. **A Abordagem Microgenética na Matriz Histórico-Cultural**: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos CEDES*, vol. 20, n. 50, 2000.
- GASKELL, George. **Entrevista Individual e Grupal**. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- GOBBI, Maria Aparecida. **Mundo na Ponta do Lápis**: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. *Brasília, DF: Linhas Críticas*, V. 20, n. 41, 2014.

LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas - Antologia (Fables)**. Tradução: Vários Tradutores. SP: Martin Claret, 2005. p. 65.

Disponível em:

http://www.miniweb.com.br/Cantinho/infantil/38/Estorias_miniweb/la_fontaine/La_Fontaine_Fabulas.pdf

LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. SP: Moraes LTD, 1978.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 2010.

LEONTIEV, Aleksei, Nikolaevitch. **As Necessidades e os Motivos da Atividade**.

LONGAREZI, Andréa Maturano, PUENTES Roberto Valdés (Org.) Ensino Desenvolvimental: antologia. Uberlândia; EDUFU, 2017.

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar; CARVALHO Maria Vilani Cosme de. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 41, p. 41-50, jan./jun. 2014.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 2010.

OLIVEIRA, Betty. **Aspectos lógico-epistemológicos da relação indivíduo-sociedade-genericidade no trabalho educativo**. Educação, ano 10, n.17, 2002.

OLIVEIRA, Marta Khol. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio - histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PEREIRA-NEVES, Mônica Souza.; BRANCO, Angela Uchoa. **Criatividade na educação infantil: contribuições da psicologia cultural para a investigação de concepções e práticas de educadores**. Estud. psicol. (Natal). vol. 20, no. 3, Natal, 2015.

PINO, Angel. **As Marcas do Humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.

PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES/MEC.

Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>

Acesso em: 10 out. 2017.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, SP: Vozes, 1995.

SAWAIA, Bader. **Palestra**. [mai. 2018] São Paulo: PUC-SP, 2018. Palestra proferida por ocasião do II Simpósio Nacional de Psicologia e Compromisso Social - O Embarço da Concepção de Sujeito.

SMITH, Kell. **Era Uma Vez**. Midas Music, 2018, faixa 3.
Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/kell-smith/era-uma-vez.html>

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno Príncipe**. Tradução de Gabriel Perrissé. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SOARES, Júlio Ribeiro. **Atividade Docente e Subjetividade: Sentidos e Significados Constituídos pelos Professores Acerca da Participação dos Alunos em Atividades de Sala de Aula**. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). São Paulo, 2011.

SILVA, Luzimara Alexandre da. **Educação Infantil: Sentidos e Significados do Cuidar e Educar na Pré-Escola**. Luzimara Alexandre da Silva. Mossoró, RN, 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico - Crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

VIGOTSKY, L. S. **Imaginação e Criatividade na Infância**. FRÓIS, João Pedro (trad.). São PAULO: WMF Martins Pontes, 2014.

VIGOTSKI, Lev. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev. S. **A Brincadeira e o Seu Papel no Desenvolvimento Psíquico da Criança**. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, n. 11 Junho de 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezados pais.

Estamos realizando uma pesquisa sobre o desenvolvimento da imaginação e da criatividade de crianças na participação de atividade pré-escolares. Trata-se de uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN e orientada pelo Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares. É uma pesquisa relevante para nós, professoras da Educação Infantil, uma vez que é a partir da compreensão da complexidade da imaginação e da criatividade que podemos planejar ações pedagogicamente mais justas e coerentes para que possam promover o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças nessa fase educacional.

Para isso, as crianças participarão de uma atividade de leitura de um conto infantil e uma roda de conversa sobre o que as crianças compreenderam sobre a história. Em seguida, solicitaremos que produzam um desenho representando, a partir das contribuições do grupo e da professora, o que aconteceu com os personagens após a finalização da história. Com a finalização do desenho realizaremos uma entrevista com as crianças sobre o que foi produzido. É importante destacar que as falas serão registradas por meio de gravação em áudio, que será posteriormente transcrito. Essas atividades acontecerão na escola em data e horário que o senhor (a) sugerir. A duração dessas atividades dependerá do envolvimento e da participação das crianças.

Com as informações acima apresentadas gostaria de contar com a sua valiosa colaboração, autorizando a participação do seu filho (a) nessas atividades. A sua colaboração contribuirá enormemente para o desenvolvimento dessa pesquisa. Caso

aceite, por gentileza, assine esse documento que possui duas vias: uma ficará com o (a) senhor (a) e a outra comigo, que sou responsável pela pesquisa e guarda de toda documentação dela decorrente.

É necessário esclarecer que: 1º) a sua autorização deverá ser de livre e espontânea vontade; 2º) o (a) senhor (a) e a criança não correrão nenhum risco; 3º) a identificação da escola e dos participantes será mantida em sigilo; 4º) qualquer participante da pesquisa poderá desistir de participar a qualquer momento, sem nenhum prejuízo; 5º) será permitido o acesso as informações sobre os procedimentos relacionados a pesquisa; 6º) as despesas decorrentes da realização da pesquisa serão de responsabilidades exclusiva da pesquisadora; e 7º) somente após ter sido devidamente esclarecida e ter entendido o que foi explicitado, deverá assinar este documento.

Em caso de dúvida, poderá comunicar-se com a pesquisadora: Gislayne Cinara Da Silva. E-mail: gislaynesilva28@hotmail.com. Telefone para contato: (84) 99471-5146, residente em Baraúna -RN.

Mossoró, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do responsável

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DA PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES.

LEGENDA:

SOL: Professor (a) Pesquisador (a);

PRIMAVERA, VERÃO, OUTONO E INVERNO: Denominação para as Crianças participantes da pesquisa.

ESTAÇÕES: Denominação utilizada para todas as crianças participantes da pesquisa;

A produção dos dados foi realizada no dia cinco do mês de dezembro de dois mil e dezessete, às treze horas, horário definido e acordado previamente entre pesquisador e responsáveis pelas crianças. A produção dos dados ocorreu em uma sala de atividades de uma UEI – Unidade de Educação Infantil na zona rural do Município de Mossoró- RN. Elencamos três momentos pertinentes para a produção dos dados: Primeiro momento a contação de história; segundo momento a produção do desenho; terceiro momento apresentação do desenho.

Para realizarmos a produção dos dados organizamos o ambiente para que fosse acolhedor, atrativo e lúdico, para isso, colocamos à disposição das crianças fantoches e materiais didáticos pedagógicos para a produção do desenho. A atividade de contação da história foi realizada através de um tapete numérico ilustrado. Além do uso do tapete numérico, a contação de história foi realizada de forma lúdica, através da dramatização da pesquisadora que utilizou de expressões corporais e faciais, e artifícios da própria linguagem para que a narrativa fosse aprendida com mais vivacidade.

Inicialmente a professora recebeu as crianças deixando-as à vontade para manusear os objetos expostos em sala, como por exemplo, fantoches e interagir entre si.



Logo após o processo de acolhimento, a professora/pesquisadora pediu às crianças para sentarem ao redor do Tapete da fantasia, um instrumento constituído pela história, no caso pela fábula: O leão e o camundongo.

1º Momento: A contação de história.

Com todos sentados ao redor do tapete Sol falou:

- Vamos começar agora com a contação de uma história, essa história é sobre: O leão e o camundongo. (Crianças atentas à voz da professora/pesquisadora).

E continua:

- O começo de uma história começa por onde:



ESTAÇÕES respondem:

- Começa pelo um. (apontando com o dedo em direção ao número que estava no tapete);

- SOL iniciou a história:

- Do que fala nossa história? (Apontando para imagem inicial).

As estações respondem:

-Do leão e do rato. (Em voz alta)

SOL Pergunta:

-O que será que aconteceu com o leão e o rato?

VERÃO responde:

- Tia, acho que o leão comeu o rato! (Afirmando com o balançar da cabeça para cima e para baixo);

SOL Começou a história:

- O leão satisfeito após uma caçada encontrou um belo lugar para ficar bem sossegado, para poder descansar. (SOL Apontando para imagens e com tom de voz alto e as crianças atentas à imagem);

- O leão resolveu ficar embaixo de uma árvore descansando...

SOL questiona:

- O que vai acontecer com o camundongo? Quem sabe o que é um camundongo?

Perguntou Sol.

VERÃO respondeu rapidamente:

- Um rato!

SOL continuou:

- Um camundongo querendo escapar das garras afiadas de um falcão precisava rapidamente se esconder. O camundongo corria tão rápido pela floresta que nem percebeu que tinha saltado em cima da cabeça do leão.

SOL indagou às crianças:

- O que será que aconteceu? Olha o que aconteceu...

- O falcão até poderia ter agarrado o camundongo, o ratinho, mas ele foi embora...

INVERNO continua:

- Ele ficou com medo do leão!

PRIMAVERA acrescenta:

- O leão é muito, muito feroz e medroso (Realizando com as mãos o movimento das garras do leão).

SOL pergunta:

- Quem é medroso o leão ou o falcão?

PRIMAVERA responde:

- O Falcão é feroz e o leão medroso.

SOL continua história;

- Resumindo... O leão estava descansando embaixo de uma árvore após a caçada, o camundongo vinha fugindo de um falcão e não percebeu que estava em cima da cabeça de um leão. Para infelicidade do camundongo, sabem o que aconteceu? O leão acordou e saltou em cima do camundongo e prendeu ele pelo rabo. (fazendo os gestos representando o leão).

O que será que vai acontecer com o camundongo? Sol pergunta.

IINVERNO responde:

- Ele vai comer o camundongo.

OUTONO Concorda com a afirmação. (balançando a cabeça para cima e para baixo).

Primavera interrompe dizendo:

-Ele vai assar e comer (movimentando as mãos em círculos).

SOL pergunta:

-Será que o leão terá coragem de comer o camundongo?

Outono diz:

- Ele vai fugir do leão e depois o leão vai ficar muito zangado e vai dormir.

Sol continua a história: (Sol modifica a voz de acordo com as características e situações vividas pelos personagens).

- Quando o leão estava pronto para devorá-lo, o camundongo começou a suplicar desesperadamente... Por favor, senhor, rei da floresta poupe a minha vida, por essa bondade um dia poderei retribuir com algum favor. Deixe eu ir embora. O leão começou a rir. Ah... Ah... (faz a risada do leão).

E continua:

- Como é que um camundongo desse tamanho (fazendo o tamanho do camundongo com as mãos) poderia me ajudar? Eu que sou um leão forte e grande. Como poderia retribuir? Ah... mas, como estava sem fome resolveu deixar o ratinho ir embora.

SOL indaga às crianças:

- O que aconteceu com o leão?

INVERNO responde:

- O leão tava dormindo, então o camundongo pulou na cabeça dele, então ele pediu ao senhor da floresta para deixar ele ir.

Sol continua:

- Depois que o leão deixou o camundongo ir embora, o que aconteceu com o leão e o rato?

Verão responde:

- O rato foi para a árvore e o leão para floresta.

SOL continuou a história:

- Dias depois o leão passava tranquilamente embaixo de uma árvore quando de repente uma rede de caça caiu sobre ele o prendendo lá em cima! (As crianças se aproximam do tapete buscando visualizar a imagem do leão). O leão não conseguiu se soltar. Então ele começou a pedir ajuda dos outros leões com o seu rugido. (Sol faz o som do leão). Quem será que conseguirá libertar o leão?

Inverno responde rapidamente;

-O ratinho!

VERÃO falou:

-O elefante!

Primavera completou dizendo:

- O elefante saltou e derrubou a rede. (Movimento com as mãos subindo e descendo).

SOL perguntou:

-Por que que foi o elefante?

INVERNO enfatiza:

- Foi não foi o ratinho!

Sol pergunta:

-Por que foi o ratinho?

INVERNO diz:

- Ele foi correndo com suas garras e rasgou a rede.

Será que ele vai conseguir? Pergunta Sol.

INVERNO responde diretamente: - sim!

Verão: porque você acha que foi o elefante?

Primavera responde:

- Porque ele é mais alto! (levanta a mão ao alto)

VERÃO completa a afirmação dizendo:

- O elefante tirou o leão com a tromba (Elevou a mão à frente do rosto imitando a tromba do elefante).

INVERNO responde:

- elefante é o mais forte do mundo!

SOL prossegue com a história:

- O camundongo que não estava longe dali, ouviu várias vezes o rugido do leão. Uau... Uau... Pedindo socorro e reconheceu que era aquele leão que o tinha deixado ir embora algum tempo atrás. E lembrou que tinha prometido que se o leão deixasse ele ir, depois ele iria retribuir o favor.

Primavera interrompeu dizendo;

- Mas ele tinha que pedir desculpas.

SOL respondeu e continuou:

-Isso mesmo. Tem que pedir desculpas. Ele correu para onde ouvia o rugido, pois ele precisava retribuir o favor à bondade do leão. O que é bondade?

VERÃO:

- Amor.

PRIMAVERA:

- Coração, amar o pai, a mãe.

VERÃO:

- Cuidar das pessoas.

Primavera:

- Pedir desculpas.

INVERNO:

- Bondade é para amar sua família. Seus pais, irmãos, todo mundo dessa cidade.

Sol continua:

- Então para retribuir o favor, o camundongo correu para ajudar o leão.

- Ao ver o leão preso em uma rede de caça o camundongo começou a roer a rede rapidamente. O leão não acreditava que um pequeno ratinho pudesse fazer algo por ele, pois ele era muito pequeno, lembram? Pois é, mais foi o pequeno ratinho que conseguiu libertar o leão da grande armadilha. O camundongo salvou a vida do leão.

- O leão agradeceu ao camundongo e os dois amigos perceberam que poderiam ser grandes amigos dali em diante.

- Agora tia quer fazer umas perguntas a vocês. Disse.

- O que vocês acharam da história? O que vocês acharam do leão?

OUTONO:

- Ele foi bom. Por que ele deixou o ratinho ir embora.

SOL pergunta:

- E o ratinho, o que vocês acharam dele?

OUTONO:

- Ele salvou a vida do leão.

PRIMAVERA:

Eu acho que o leão foi bonzinho, pois ele deixou o ratinho ir embora e viveram felizes para sempre.

Sol questiona;

- O que vocês acham da amizade do leão e do ratinho? É certo fazermos as coisas sempre esperando um favor em troca? É certo só fazermos algo bom para os outros esperando sempre receber algo em troca?

- Por exemplo, Outono está precisando de um lápis, pois esqueceu o dela em casa, mas eu só posso emprestar se ela me der um bombom, isso é certo? Não temos que praticar coisas boas para outros esperando ou não que façam com a gente. Se o coleguinha necessita de ajuda temos que ajudar. Ser amigo, bondoso. O que é ser amigo?

INVERNO DIZ:

- Sou amigo do Verão. (Abraça o coleguinha).

PRIMAVERA CONTINUA:

- Eu sou amiga do Outono. (Abraça ao colega).

Sol Pergunta:

- O que é ser amigo?

PRIMAVERA RESPONDE:

- Amizade é ser uma pessoa que diz assim: Outono, posso ser sua amiga? E ela diz: eu sou sua amiga e ela me abraça.

SOL PERGUNTA:

- O que um amigo faz?

INVERNO RESPONDE:

- Amigo dá tudo a pessoa.

SOL PERGUNTA A OUTONO:

- O que é ser amigo?

PRIMAVERA RESPONDE:

- Quando a pessoa tá perto do amigo, se ele não quiser sentar perto do amigo, se ele afastar a cadeira, Aí, Outono não quer ser amiga de Aninha. Ai eu digo: Outono, seja amiga de Aninha, aí, Outono tomou o brinquedo de Aninha, mas tem que pedir por favor! Aninha me dê o brinquedo, por favor. Outono deu o brinquedo a Aninha e fim.

SOL PERGUNTA:

- A amizade é dividir os brinquedos?

INVERNO RESPONDE:

- É por favor. (balança a cabeça a firmando a pergunta).

PRIMAVERA FALA:

- Eu dividi o brinquedo com o coleguinha e ele disse obrigado. Aí, quando eu pego o brinquedo de Aninha, aí eu pergunto: você quer o brinquedo? E eu digo eu quero. Todo mundo brincando, brincando, aí, quando o coleguinha tá chorando, dá um abraço.

SOL COMPLETA:

- Tudo isso é amizade, ajudar o coleguinha sem esperar algo em troca, dividir os brinquedos e pedir desculpas. Como foi com o leão e o camundongo que ficaram amigos.

2º Momento: A produção do desenho.

As crianças sentaram à mesa, onde estava disponível lápis de cor e folhas em branco. Inicialmente direcionei a produção pedindo às crianças que produzissem uma história que representasse o que aconteceu com o leão e o camundongo após o episódio em que foram salvos e agradeceram um ao outro.

As crianças pegaram cada uma, uma folha e um lápis de cor e começaram a produção.

Primavera fala:

- É bom desenhar, né?

INVERNO. Rapidamente desenhou os personagens da história e mostrou a SOL.

SOL pergunta ao observar o desenho:

- O Leão e o ratinho estão aonde?

INVERNO Responde:

- Em uma aventura.

SOL Continua:

- Mas aonde aconteceu essa aventura? Eles estão aonde?

INVERNO responde e desenha ao mesmo tempo:

- (Olhando para o desenho) o leão e o ratinho estava em uma aventura na floresta, o leão está preso, você pode me ajudar, você é tão pequenininho, mas porque o ratinho é muito inteligente ai ele pediu ao senhor Deus da floresta.

- VERÃO pergunta:

-Tia, o leão tem quatro pata né?

SOL RESPONDE:

- Sim.

SOL: O que você está desenhando, Verão?

VERÃO responde rapidamente:

- O leão e o ratinho caminhando.

SOL continua:

Eles estão caminhando aonde?

VERÃO responde:

- Eles estavam caminhando na rua, aí um peso caiu na cabeça do leão, aí o ratinho levou ele até o médico (olhando para o desenho).

SOL:

- Onde está o médico?

VERÃO:

- (Desenhando responde) aqui. (apontando para o desenho)

INVERNO intervém: - Não, animais não fica no hospital, eles ficam na floresta lá tem doutor dos animais. (Em seguida volta a desenhar).

SOL: Como é o hospital, Verão?

INVERNO olha o desenho de Verão e diz:

- É não! O hospital é bem grande lá em Mossoró. Verão, você já foi no hospital?

OUTONO responde:

- Eu já fui. (Todos voltam a desenhar)

INVERNO afirma:

- Tem médico, tem injeção, né?

VERÃO Falando e desenhando:

- No hospital tem X. Hospital, tem sim X!

INVERNO completa dizendo:

- Tem água!

SOL questiona a Verão:

- Eles estão fazendo o que no hospital?

VERÃO responde:

- Porque o peso caiu em cima do leão?

SOL continua:

- Que peso? Onde está?

VERÃO Começa a desenhar o peso.

INVERNO fala:

- O peso caiu sim na cabeça do leão!

SOL indaga:

- Por que esse peso caiu? Quem o derrubou?

VERÃO responde e desenha:

- O muro tava caindo.

SOL questiona:

- Cadê o muro? Onde está?

VERÃO:

- (Desenhando e falando) - Tava quebrado e ele caiu em cima da cabeça do leão.

SOL questiona:

- Quem ajudou o leão?

VERÃO responde:

- Eu não sei.

PRIMAVERA completa:

- O ratinho!

VERÃO repete:

- O ratinho.

VERÃO continua:

- Aqui o pedaço do muro que caiu na cabeça do leão. (Desenhando)!

SOL pergunta:

- Como o ratinho levou o leão?

VERÃO responde:

- Porque ele comeu pepino, verdura, alface, cenoura!

SOL questiona:

- Onde estão as verduras. (A criança começa a desenhar)

VERÃO (Desenha e fala ao mesmo tempo):

- Vou desenhar a cenoura...

PRIMAVERA diz:

- No meu, tia, eles estavam na floresta.

VERÃO continua:

- Ele comeu muita verdura e ficou muito forte, aí levou o leão até o médico.

PRIMAVERA (Olha o desenho e diz):

- Faça o médico, a doutora e o médico, Verão.

VERÃO (Desenha e fala):

- E foi pro médico e ele disse que era muito tarde, tarde demais e aí o leão foi pra casa e melhorou e viveram felizes para sempre.

SOL questiona:

- O ratinho levou o leão para o hospital, quando chegou lá o médico disse o quê?

VERÃO responde:

- Ele disse que era tarde demais. Aí o leão foi e dormiu doente e aí foi se acordou e tomou um comprimido e aí ele foi e melhorou, E aí eles se abraçaram e viveram felizes para sempre.

SOL pergunta:

- O leão morava sozinho?

VERÃO responde:

- Morava com o ratinho.

SOL indaga:

- Só eles dois? Eles moravam aonde?

VERÃO explica:

- Aqui nessa casa aqui. (Começou a desenhar)

VERÃO continua:

- E eles entraram e viveram felizes para sempre. E entraram e comeram (Desenhando e falando).

SOL pergunta:

- Comeram o quê?

PRIMAVERA intervém e diz:

- Os alimentos.

VERÃO completa dizendo:

- Eles comeram alface, feijão, verdura.

SOL questiona:

- Por que que eles comeram alface e verdura?

VERÃO responde:

- Não, foi só o leão porque ele tava muito magrinho

PRIMAVERA não concorda e afirma:

- O leão é mais fortão.

VERÃO continuou:

- E aí eles foram pra casa e comeu uma bela sopa com feijão, cuzcuz, alface e verdura e aí eles se abraçaram e viveram felizes para sempre.

SOL questiona:

- Primavera, o que foi que você desenhou?

PRIMAVERA responde:

- Eles estavam em uma floresta.

SOL indaga:

- Fazendo o que na floresta?

INVERNO intervém e diz:

- Namorando! (sorri)

PRIMAVERA discorda e diz:

- Não! Eles tava caçando os animais pra...

INVERNO completa:

- Comer!

PRIMAVERA continua:

- Pra comer, aí os animais ficaram felizes.

SOL:

- O leão e o ratinho estavam na floresta fazendo o que?

INVERNO insiste:

- Namorando!

PRIMAVERA diz:

- Eles estavam fazendo uma maneira de pedir desculpas para os outros animais porque eles fizeram um grande enorme rugido, porque o rugido... (Pensando) o rugido deixou os animais com dor de ouvido, mas o leão pediu desculpa e deu comida aos animais. E viveram felizes para sempre. E foi para uma praia enorme.

SOL pergunta:

- O leão foi para a praia com quem?

PRIMAVERA:- Mas o ratinho e a mãe, e a mãe do leão.

SOL: - Aonde está a mãe do leão e do ratinho?

INVERNO:- E o paizão?!

PRIMAVERA:- E o pai! Vou desenhar (Começa a desenhar). Vou desenhar logo o pai.

VERÃO desenhando e falando:

- Tia, ele tava, ele ficou feliz, triste, tão triste e começou a chorar aí foi depois ele ficou feliz, ele melhorou da febre e foi para praia, aí ele disse:

- Vai tomar banho

E ele disse:

- Sim!

- Aí ele foi pra piscina e ele tomou banho depois tomou banho de chuveiro com aguinha quentinha.

SOL: - Ele deixou o chuveiro ligado?

VERÃO: - Não ele desligou o chuveiro.

SOL: - Por que ele desligou o chuveiro?

INVERNO: - Pra não gastar muita água.

SOL: - Por que não pode gastar muita água?

INVERNO: - Por que é caro.

SOL: - Só porque é caro?

OUTONO: - Porque não tá saindo água em toda "B".

VERÃO: - Depois ele deu um pulo na piscina e ficou muito feliz com o ratinho. E ele agradeceu ao leão;

-Obrigado, leão.

SOL: - Como terminou essa história?

VERÃO: - Ele foi pra casa e dormiu. E acordou.

INVERNO: - Namorando. (sorrisos).

SOL: - Para onde eles foram depois que acordaram?

VERÃO: - Tia, olhe aqui Inverno falando de namoro! (Zangado)

INVERNO: - Namorando... Namorando... Namorando!

SOL: - Depois eles fizeram o que, Verão?

VERÃO: - Eles foram para o hotel brincaram.

SOL: - Brincaram de quê?

VERÃO: - Brincaram de tica-tica, esconde-esconde, de queimado, aí foi ele tropeçou na pedra e ralou o joelho, aí ele fez um curativo e viveram felizes para sempre.

SOL: - Primavera, mostre o seu desenho e fale sobre ele.

PRIMAVERA: - O pai e a mãe, o leão e o ratinho ficaram brincando. Mais a mãe do rato, ficaram conversando em um banco e os dois pais foram comprar picolé mais os dois filhos.

- O carrinho só tinha um picolé,

SOL: - O que aconteceu já que só tinha um picolé?

PRIMAVERA: - Mas, o vendedor foi buscar mais picolé. E foi para praia e foi para praia de Apodi. E foi para vaquejada andou de cavalo.

SOL: - E no dia seguinte o que eles fizeram?

PRIMAVERA: - Foram dormir e viveram felizes para sempre.

SOL: E depois que eles dormiram, acordaram, o que fizeram?

INVERNO: - Foram para vaquejada.

PRIMAVERA: - Foram para vaquejada e viveram felizes para sempre. (olhando para baixo)

SOL: - Outono fale do seu desenho.

OUTONO:

- Era uma vez o leão e o ratinho tava brincando na lama, mas as mãe deles chamaram para tomar banho pra ir para escola e depois que eles chegaram da escola ele foi comer e dormir, e ele foi brincar no jardim, a mãe chamou para ir pra dentro e nunca mais saiu para fora, aí depois pediu desculpas e nunca mais ia fazer isso, depois eles se mudaram foi para um prédio bem alto, depois foram pra rua, e depois foram pra dentro dormir e viu um leão do tamanho do filho do leão e viu um rato do mal que era amigo do leão do mal e depois nunca mais ele saiu, e depois vinha uma pessoa, a menina gritou e depois

eles pediram desculpa a ela porque ela ia passando e depois ele foi para dentro e pegaram maçã e comeram e depois foi brincar com os fantoches depois foi feliz para sempre. (Olha para a tia e às vezes para o desenho).

SOL: - O que você desenhou?

INVERNO: - Tô com vergonha! Era uma vez... Tô com vergonha (Rindo e abaixa a cabeça).

SOL: - Vamos, Inverno, me diga o que foi que você desenhou.

INVERNO: - O leão e o ratinho.

SOL: Continue.

INVERNO: - O rabo do leão amarrou o ratinho, ele foi andando, então ele foram para escola.

SOL: Onde está a escola?

INVERNO começou a desenhar a escola.

SOL: - Tem o que na escola? O que eles fizeram na escola?

INVERNO: Eles brincaram, desenharam atividade.

SOL:- O que eles desenharam?

INVERNO:- Um jacaré, um tubarão.

SOL: - O que mais eles fizeram na escola?

INVERNO: - Eles contaram historinha.

SOL: Qual historinha eles leram?

INVERNO: Mogli. (Começou a desenhar o personagem da história e falando).

SOL: E depois da historinha o que fizeram?

INVERNO: - Brincaram de esconde-esconde, pega-pega, pedra, papel e tesoura.

SOL: E depois da brincadeira fizeram o quê?

INVERNO: - Foram pra casa e a mãe chamou: venha dormir!

SOL: - Depois da historinha de Mogli, da brincadeira, o que eles fizeram escola?

INVERNO: - Eles correram, mas não bateram no coleguinha, pois é falta de educação, porque não pode bater no coleguinha e a professora fica muito triste.

SOL:- Continue, o que fizeram depois?

INVERNO: Fizeram a atividade de Mogli.

SOL: Como era essa atividade?

INVERNO:

- Mogli tava dentro da atividade (Olhando para a professora e gesticulando com as mãos, como se estivesse mostrando a atividade).

SOL: Essa atividade era pra quê?

INVERNO: (Gesticula como se estivesse escrevendo) Eles sabiam todos os nomes.

SOL: Quais eram os nomes.

INVERNO olha para as letras desenhadas na parede e diz:

- Deixa eu cantar?

SOL: Sim!

INVERNO: (Cantando a música olhando para o desenho das letras) A. B. C, Q, Q, S, G, H. I, J H, Q, U, S, W, X, Y, Z agora eu sei o a, b, c que gostoso aprender

SOL:

- O que mais? Eles foram para escola, brincaram de esconde, esconde, pega-pega... E o quê mais?

INVERNO: - Uma história;

SOL: Qual história?

INVERNO:

- De Mogli, desenharam, aprenderam os números, A, B, C, D, E, F, G,

INVERNO Interrompe e diz cantando: A.B.C. D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, I, S, S, T, U, V, W, X, Y, Z, eu cantei o a, b, c que gotoso aprender. (Continua cantando). SOL pergunta a INVERNO: - E depois o que aconteceu? INVERNO diz: - Eles foram para casa e ficaram dormindo para sempre e a mãe veio chamar.

3º Momento: a história

Logo após, a produção dos desenhos as crianças apresentaram os seus desenhos e suas histórias sobre suas representações.

Sol: - Conte sua história.

Verão começa:

- Era uma vez o leão e o ratinho.

- Quando ele foi comprar um sorvete caiu um bloco do muro e o ratinho comeu muita verdura, alface, cenoura e ai ele foi, salvou o leão e levou até ao médico. O médico disse que era tarde demais e ele foi dormir e tomou um leitinho e foi dormir. Um dia ele melhorou da febre e o ratinho e o leão viveram felizes para sempre. E ai depois eles foram para a praia e o leão correu e deu um mergulho, ele disse:

- Ratinho é muito é boa sua piscina e depois ele tomou banho no chuveiro. Depois

- Depois ele foi pra cama tomar um leitinho quentinho e ai depois eles viveram felizes para sempre.

SOL: Quando o ratinho levou o leão para o médico o que ele falou para o ratinho?

Verão continua...

- Obrigado, ratinho. Você é bom demais e nunca mais eu vou comer você, vou comer só o leitinho.

Sol:- Por que que ele disse isso?

Verão continua:

- Por que ele teve pena do ratinho e deixou ele ir embora para casa dele. Aí ele salvou o leão da armadilha e viveram felizes para sempre.

Sol: - Conte sua história, Outono.

Outono começa:

- Era uma vez o leão e o ratinho.



Eles estavam brincando na lama, aí a mamãe chamou para tomar banho e se deitar e para almoçar. Eles foram para cama dormir, depois eles foram brincar de novo de pega-



pega e de esconde-esconde, Depois pegaram maçã e comeram e depois foram pra dentro porque tava chovendo, e depois foi pra escola.

Sol pergunta:

- Fazer o que na escola?

Outono responde:

- Eles foram estudar, pintar o desenho da pônei.

Sol questiona mais uma vez: Eles só pintaram na escola?

Outono continua:

- Depois eles ouviram uma música.

Sol questiona:

- Que música?

Outono responde:

- A música da borboletinha.

Sol: - Como é a música da borboletinha?

Outono responde:- Borboletinha tá na cozinha fazendo chocolate para a madrinha, poti – poti, perna de pau, olho de vidro, nariz de pica pau, pau.

Outono continua:

- Depois eles foi pra casa. E depois eles foi dormir e depois ficou de noite e depois a mãe deles acordou pra ir pra escola de novo. E depois que eles chegaram eles comeram maçã e depois eles foram brincar de esconde-esconde. O leão se escondeu atrás da árvore e depois começou a chover eles correram para dentro de casa. O ratinho



gritou pela mãe, mas ela não viu e ele foi para dentro e o leão ficou sozinho. O leão pensava que ele tava procurando, mas ele não tava. Demorou muitos anos e o leão foi para dentro todo melado de lama, porque ele tava dormindo na lama deitado porque passou muito tempo, ele foi pra dentro de casa todo melado de lama e folha e viveram felizes para sempre e fim

Primavera conta sua história:

- Era uma vez o leão e o ratinho eles foram para praia eles estavam tomando banho e foram para uma viagem bem longa, eles foram para casa do rato, lá em Apodi bem longe. Ai foi o leão, o pai e a mãe. Quando chegou lá comeram verdura, alface, macarrão e foram dormir, aí os filhos foram brincar de pega-pega, e ir para escola, quando chega na escola.

Sol: - O que fizeram quando chegaram à escola?

Primavera:

- Fizeram dever, pintaram, e muitas coisas diferentes, prestou atenção na professora.

Sol: - O que a professora disse? - Primavera: - eles não ficaram prestando atenção na professora, aí a professora disse: Fique prestando atenção porque já começamos. Ai a professora começou e eles ficaram brincando e viveram felizes para sempre.

Inverno conta sua história:

- Era uma vez o leão e o ratinho.

- O ratinho e o leão era maior, e o ratinho queria fugir de um gavião, o ratinho caiu na cabeça do leão e ele não queria deixar ele ir, então o ratinho pediu ao senhor Jesus da floresta, pediu por favor, deixe eu ir, vou ser bonzinho com os animais. Então o ratinho queria subir na árvore. Então ele subiu na árvore e ajudou o leão a fugir e viveram felizes para sempre.



**APÊNDICE C – QUADRO DE SISTEMATIZAÇÃO DO PROCESSO DE
LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES À CONSTITUIÇÃO DOS
NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO**

**PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS: NÚCLEOS DE
SIGNIFICAÇÃO**

PRÉ-INDICADORES
<p>- Quem será que conseguirá libertar o leão? (Professora)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. -O ratinho! 2. -O elefante! O elefante saltou e derrubou a rede 3. -Foi não foi o ratinho! Ele foi correndo com suas garras e rasgou a rede. 4. -O elefante tirou o leão com a tromba. Porque ele é mais alto! O elefante é o mais forte do mundo!
<ol style="list-style-type: none"> 5. - E [o ratinho] lembrou que tinha prometido que se o leão deixasse ele ir embora, depois ele iria retribuir o favor. 6. - Mas ele [o leão] tinha que pedi desculpas.
<p style="text-align: center;">O que é bondade? (Professora)</p> <ol style="list-style-type: none"> 7. - Amor. 8. - Coração, amar o pai a mãe. 9. - Cuidar das pessoas. 10. - Pedir desculpas. 11. - Bondade é para amar sua família. Seus pais, irmãs, todo mundo dessa cidade.
<p>- O que vocês acharam da história? O que vocês acharam do leão? (Professora)</p> <ol style="list-style-type: none"> 12. - Ele foi bom. Por que ele deixou o ratinho ir embora 13. - E o ratinho salvou a vida do leão. 14. - Eu acho que o leão foi bonzinho, pois ele deixou o ratinho ir embora e viveram felizes para sempre.
<p>- O que é ser amigo? (Professora)</p> <ol style="list-style-type: none"> 15. - Amizade é ser uma pessoa que diz assim: Outono, posso ser sua amiga? E ela diz: - eu sou sua amiga! E ela me abraça 16. -Amigo dar tudo a pessoa. 17. - É por favor! 18. - Quando a pessoa está perto do amigo, se ele não quiser sentar perto do amigo, se ele afastar a cadeira, Aí, Outono não quer ser amiga de Aninha. Aí eu digo Outono seja amiga de Aninha, aí Outono tomou o brinquedo de Aninha, mas tem que pedir por favor. Aninha me der o brinquedo, por favor, outono deu o brinquedo a Aninha e fim.

<p>19. - Eu dividi o brinquedo com o coleguinha e ele disse obrigado</p> <p>20. - Aí quando eu pego o brinquedo de Aninha aí eu pergunto você quer o brinquedo e eu digo eu quero.</p> <p>21. - Todo mundo brincando, brincando, aí quando o coleguinha está chorando dá um abraço.</p>
<p>- O que aconteceu com o leão e o camundongo após o episódio em que foram salvos e agradeceram um ao outro? (Professora)</p>
<p>22. -O leão e o ratinho estavam em uma aventura na floresta, o leão está preso. Você pode me ajudar? Você é tão pequenininho, mas porque o ratinho é muito inteligente aí ele pediu ao senhor Deus da floresta.</p> <p>23. -Tia, o leão tem quatro patas né?</p> <p>24. 24 - Eles estavam caminhando na rua aí um peso caiu na cabeça do leão, aí o ratinho levou ele até o médico.</p> <p>25. - Não, animais não ficam no hospital, eles ficam na floresta lá tem doutor dos animais.</p> <p>26. - É não! O hospital é bem grande, lá em Mossoró.</p> <p>27. - Eu já fui.</p> <p>28. - Tem médico, tem injeção, né?</p> <p>29. No hospital tem X (quer dizer cruz). Hospital tem sim X! Tem água!</p> <p>30. O peso caiu, sim, na cabeça do leão!</p> <p>31. O muro estava caindo. Estava quebrado e ele caiu em cima da cabeça do leão.</p>
<p>- Quem ajudou o leão? (Professora)</p>
<p>32. - Eu não sei.</p> <p>33. - O ratinho!</p> <p>34. - O Ratinho. Porque ele comeu pepino, verdura, alface, cenoura! Vou desenhar a cenoura... Ele comeu muita verdura e ficou muito forte aí levou o leão até o médico.</p> <p>35. - Faça o médico, a doutora e o médico, Verão.</p> <p>36. - E foi para o médico e ele disse que era muito tarde, tarde demais e aí o leão foi pra casa e melhorou e viveram felizes para sempre.</p> <p>37. - Ele disse (O médico) que era tarde demais. Aí, o leão foi e dormiu doente e aí foi se acordou e tomou um comprimido e aí ele foi e melhorou. E aí eles se abraçaram e viveram felizes para sempre.</p>
<p>38. - Eles comeram alface, feijão, verdura.</p> <p>39. Não foi só o leão [que comeu] porque ele estava muito magrinho (não entendi essa frase...).</p> <p>40. - O leão é mais fortão.</p> <p>41. - E aí eles foram pra casa e comeu uma bela sopa com feijão, cuscuz, alface e verdura e aí eles se abraçaram e viveram felizes para sempre.</p>

<p>42. - Eles estavam em uma floresta.</p> <p>43. - Namorando!</p> <p>44. - Eles (o leão e o ratinho) estavam fazendo uma maneira de pedir desculpas para os outros animais porque eles fizeram um grande enorme rugido, porque o rugido... (Pensando) o rugido deixou os animais com dor de ouvido, mas o leão pediu desculpa e deu comida aos animais. E viveram felizes para sempre.</p> <p>45. E foi para uma praia enorme.</p> <p>46. - [O leão foi para uma praia enorme] mais o ratinho e a mãe, e a mãe do leão.</p> <p>47. - E o paizão?!</p> <p>48. - E o pai!</p> <p>49. - Vou desenhar.</p> <p>50. - Vou desenhar logo o pai.</p>
<p>51. - Aí, ele (o leão) foi pra piscina e ele tomou banho depois tomou banho de chuveiro com aguinha quentinha.</p> <p>52. - Ele desligou o chuveiro.</p> <p>53. - Para não gastar muita água.</p> <p>54. - Por que é caro.</p> <p>55. - Porque não está saindo água em toda "B".</p>
<p>56. - Depois ele deu um pulo na piscina e ficou muito feliz com o ratinho. E ele agradeceu ao leão. Obrigado, leão!</p>
<p>- Como terminou essa história? (Professora)</p>
<p>57. - Namorando.</p> <p>58. - Tia, olhe aqui Inverno falando de namoro!</p> <p>59. - Namorando... Namorando... Namorando!</p>
<p>60. - Eles foram para o hotel, brincaram...</p> <p>61. - Brincaram de tica-tica, esconde-esconde de queimado aí foi ele [o leão] tropeçou na pedra e ralou o joelho aí ele [leão] fez um curativo e viveram felizes para sempre.</p> <p>62. - O pai e a mãe, o leão e o ratinho ficaram brincando.</p> <p>63. Mais a mãe do rato ficaram conversando em um banco e os dois pais foram comprar picolé mais os dois filhos</p>
<p>64. - O carrinho só tinha um picolé.</p> <p>65. - Mas o vendedor foi buscar mais picolé.</p> <p>66. E foi para praia e foi para praia de Apodi.</p> <p>67. - E foram para vaquejada andou de cavalo.</p> <p>68. Foram dormir e viveram felizes para sempre.</p> <p>69. - Foram dormir e viveram felizes para sempre</p>
<p>70. - Era uma vez, o leão e o ratinho estava brincando na lama, mas as mães deles chamaram para tomar banho para ir para escola e depois que eles chegaram da escola (o ratinho) foi comer e dormir e ele foi brincar no jardim,</p> <p>71. - A mãe chamou [o ratinho] para ir para dentro e nunca mais saiu para fora. Aí, depois [ratinho] pediu desculpas e [disse que] nunca mais ia fazer isso;</p> <p>72. - Depois eles se mudaram, foram para um prédio bem alto,</p> <p>73. - Depois vinha uma pessoa, a menina gritou e depois eles pediram desculpa a ela porque ela ia passando, e depois ele foi para dentro e pegaram maçã e comeram, e depois foi brincar com os fantoches depois foi feliz para sempre.</p>
<p>- O que você desenhou? (Professora)</p>
<p>74. - O rabo do leão amarrou o ratinho, ele foi andando, então eles foram para escola.</p>

75. - Eles brincaram, desenharam atividade.
76. - Desenharam um jacaré, um tubarão.
77. - Eles contaram historinha do Mogli.
78. - Brincaram de esconde-esconde, pega-pega, pedra, papel e tesoura
79. - Foram pra casa e mãe [do ratinho e do leão] chamou: - venha dormir!
80. - Eles correram, mas não bateram no coleguinha, pois é falta de educação, porque não pode bater no coleguinha e a professora fica muito triste.
81. - Fizeram a atividade de mogli. Eles [o leão e o ratinho] sabiam todos os nomes.
82. - Deixa eu cantar: A. B. C, Q, Q, S, G, H. I, J, H, Q, U, S, W, X, Y, Z agora eu sei o a, b, c que gostoso aprender...
83. - Por que ele teve pena do ratinho e deixou ele ir embora para casa dele. Aí ele salvou o leão da armadilha e viveram felizes para sempre.

84. -Eles estavam brincando na lama aí a mamãe chamou para tomar banho e se deitar e para almoçar.
85. -Eles foram para cama dormir, depois eles foram brincar de novo de pega-pega e de esconde-esconde,
86. - Depois pegaram maçã e comeram e depois foram para dentro porque estava chovendo, e depois foi para escola.
87. - Eles foram estudar, pintar o desenho do pônei
88. - Depois eles ouviram uma música. Borboletinha está na cozinha fazendo chocolate par madrinha Poti - Poti perna de pau olho de vidro nariz de pica pau, pau.
89. - E depois eles [o leão e o ratinho] foram dormir e depois ficou de noite e depois a mãe dele acordou para ir para a escola de novo.
90. - E depois que eles chegaram eles comeram maçã e depois eles foram brincar de esconde-esconde O leão se escondeu atrás da árvore e depois começou a chover eles correram para dentro de casa.
91. -O ratinho gritou pela mãe, mas ela não viu e ele foi para dentro e o leão ficou sozinho.
92. - Aí foi o leão, o pai e a mãe. Quando chegaram lá, comeram verdura, alface, macarrão e foram dormir, aí os filhos foram brincar de pega-pega, e ir para escola, quando chegam na escola.
93. -Fizeram dever, pintaram, e muitas coisas diferentes, prestou atenção na professora.
94. -Eles não ficaram prestando atenção na professora aí a professora disse: - Fique prestando atenção porque já começamos.
95. -Aí a professora começou e eles ficaram brincando e viveram felizes para sempre.
96. - O ratinho... e o leão era maior e o ratinho queria fugir de um gavião.
97. -Então o ratinho pediu ao senhor Jesus da floresta, pediu: - por favor, deixe eu ir!
Vou ser bonzinho com os animais

QUESTÕES MOBILIZADORAS	PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
<p>- O que é ser amigo? (Professora)</p>	<p>5- E [o ratinho] lembrou que tinha prometido que se o leão deixasse ele ir embora, depois ele iria retribuir o favor.</p> <p>6- Mas ele [o leão] tinha que pedi desculpas.</p> <p>16-Amigo dar tudo a pessoa.</p> <p>96-Então o ratinho pediu ao senhor Jesus da floresta, pediu: - por favor, deixe eu ir! Vou ser bonzinho com os animais</p>	<p>1-Amizade caracterizada pela condição das trocas de favores.</p>
<p>- O que vocês acharam do leão? (Professora)</p> <p>O que é bondade? (Professora)</p>	<p>24-Eles estavam caminhando na rua aí um peso caiu na cabeça do leão, aí o ratinho levou ele até o médico.</p> <p>12-Ele [o leão] foi bom. Por que ele deixou o ratinho ir embora</p> <p>13-E o ratinho salvou a vida do leão.</p> <p>14-Eu acho que o leão foi bonzinho, pois ele deixou o ratinho ir embora e viveram felizes para sempre.</p> <p>19-Eu dividi o brinquedo com o coleguinha e ele disse obrigado</p> <p>7- Amor. 8-Coração, amar o pai a mãe. 9-Cuidar das pessoas. 10-Pedir desculpas. 11-Bondade é para amar sua família, seus pais, irmãs, todo mundo dessa cidade.</p>	<p>2-“Bondade é amar sua família, seus pais, irmãos, todo mundo dessa cidade”: constituídas nas relações em atividade.</p>
<p>- Quem será que conseguirá libertar o leão? (Professora)</p> <p>O que é bondade? (Professora)</p> <p>O que é ser amigo? (Professora)</p>	<p>82-Por que ele [o leão] teve pena do ratinho e deixou ele ir embora para casa dele. Aí ele [o ratinho] salvou o leão da armadilha e viveram felizes para sempre.</p> <p>44-Eles [o leão e o ratinho] estavam fazendo uma maneira de pedir desculpas para os outros animais porque eles fizeram um grande enorme rugido, porque o rugido... (Pensando) o rugido deixou os</p>	

	animais com dor de ouvido, mas o leão pediu desculpa e deu comida aos animais.	3-“Viveram felizes para sempre”: amizade e afetividade
	15- Amizade é ser uma pessoa que diz assim: Outono, posso ser sua amiga? E ela diz: - eu sou sua amiga! E ela me abraça	
	16-Amigo dar tudo a pessoa.	
	17- É por favor!	
	21- Todo mundo brincando, brincando, aí quando o coleguinha está chorando dá um abraço.	
- Quem será que conseguirá libertar o leão? (Professora)	1-O ratinho!	4-“Amizade e brincadeira no reino dos animais”
	2-O elefante! O elefante saltou e derrubou a rede	
	3-Foi não foi o ratinho! Ele foi correndo com suas garras e rasgou a rede.	
	4-O elefante tirou o leão com a tromba. Porque ele é mais alto! O elefante é o mais forte do mundo!	
	15- Amizade é ser uma pessoa que diz assim: Outono, posso ser sua amiga? E ela diz: - eu sou sua amiga! E ela me abraça	
	23-Tia, o leão tem quatro patas né?	
	24-Eles estavam caminhando na rua aí um peso caiu na cabeça do leão, aí o ratinho levou ele até o médico.	
	25-Não, animais não ficam no hospital, eles ficam na floresta lá tem doutor dos animais.	
	26-É não! O hospital é bem grande lá em Mossoró.	
	27 -Eu já fui.	
	28-Tem médico, tem injeção né? No hospital tem X [quer dizer cruz]. Hospital tem, sim, X	
	39-Não foi só o leão [que comeu] porque ele estava	

- O que você desenhou? (Professora)	muito magrinho (não entendi essa frase)	5-A linguagem e o poder de afetar e ser afetado pelo outro na produção imaginativa e criativa.	
	40-O leão é mais fortão.		
	46-[O leão foi para uma praia enorme] Mais o ratinho e a mãe, e a mãe do leão.		
	47-E o paizão?!		
	50-Vou desenhar logo o pai.		
	23-Tia o leão tem quatro patas né?		
	Quem ajudou ao leão? (Professora)		
	32-Eu não sei		
	33-O ratinho!		
	34-O Ratinho. Porque ele comeu pepino, verdura, alface, cenoura! Vou desenhar a cenoura... Ele comeu muita verdura e ficou muito forte aí levou o leão até o médico.		
	25-Não, animais não ficam no hospital, eles ficam na floresta lá tem doutor dos animais.		
	26-É não! O hospital é bem grande, lá em Mossoró.		
	35-Faça o médico, a doutora e o médico, Verão.		
	28-Tem médico, tem injeção né.		
	29-No hospital tem X. Hospital tem sim X! Tem água!		
	60- Eles [o ratinho e o leão] foram para o hotel brincaram...		1-“Pedra, papel, tesoura” – brincadeira: atividade cultural e social.
	61-Brincaram de tica-tica, esconde-esconde de queimado aí foi ele [o leão] tropeçou na pedra e ralou o joelho aí ele [o ratin] fez um curativo e viveram felizes para sempre.		
77- Brincaram de esconde-esconde, pega-pega, pedra papel tesoura;			

Como terminou essa história? (Professora)	62- O pai e a mãe, o leão e o ratinho ficaram brincando.	
	63-[A mãe do leão] mais a mãe do rato ficaram conversando em um banco e os dois pais foram comprar picolé mais os dois filhos.	
Como terminou essa história? (Professora)	70- Era uma vez, o leão e o ratinho estava brincando na lama, mas as mães deles chamaram para tomar banho para ir para escola e depois que eles chegaram da escola eles foram comer e dormir e eles foram brincar no jardim,	2-A família com o papel de cuidar e educar
	71- A mãe chamou [o ratinho] para ir para dentro e nunca mais saiu para fora. Aí, depois [o ratinho] pediu desculpas e [disse que] nunca mais ia fazer isso;	
	63-[A mãe do leão] mais a mãe do rato ficaram conversando em um banco e os dois pais foram comprar picolé mais os dois filhos.	
	89- E depois eles [o leão e o rato] foi dormir e depois ficou de noite e depois a mãe dele acordou para ir para a escola de novo.	
	91-O ratinho gritou pela mãe, mas ela não viu e ele foi para dentro e o leão ficou sozinho.	
O que você desenhou? (Professora)	57-Namorando.	
	58-Tia olhe aqui Inverno falando de namoro!	
	59Namorando....namorando.... Namorando !	
	75-Eles brincaram, desenharam, atividade.	

<p>Como terminou essa história? (Professora)</p>	<p>19-Eu dividi o brinquedo com o coleguinha e ele disse obrigado</p> <p>20-Aí quando eu pego o brinquedo de Aninha ai eu pergunto você quer o brinquedo e eu digo eu quero.</p> <p>21-Todo mundo brincando, brincando, aí quando o coleguinha está chorando dá um abraço.</p> <p>26-É não! O hospital é bem grande lá em Mossoró 27-Eu já fui.</p> <p>37-Ele disse [o médico] que era tarde demais. Aí, o leão foi e dormiu doente e aí foi se acordou e tomou um comprimido e aí ele foi e melhorou. E aí eles se abraçaram e viveram felizes para sempre.</p>	<p>3-Atividades infantis a arte de imitar a vida por meio do brincar, desenhar e contar.</p>
<p>Como terminou essa história? (Professora)</p>	<p>65-Mas o vendedor foi buscar mais picolé. E foi para praia e foi para praia de Apodi.</p> <p>66-E foram para vaquejada andou de cavalo. Foram dormir e viveram felizes para sempre.</p> <p>18-Quando a pessoa está perto do amigo, se ele não quiser sentar perto do amigo, se ele afastar a cadeira, aí Outono não quer ser amiga de Aninha. Aí eu digo outono seja amiga de Aninha, aí Outono tomou o brinquedo de Aninha, mas tem que pedir por favor. Aninha me der o brinquedo, por favor, outono deu o brinquedo a Aninha e fim.</p>	<p>4-Infância vivências e experiências dentro e fora da escola</p>

	80-Eles correram, mas não bateram no coleguinha pois é falta de educação, porque não pode bater no coleguinha e a professora fica muito triste.	
O que aconteceu com o leão e o camundongo após o episódio em que foram salvos e agradeceram um ao outro? (Professora)	84-Eles estavam brincando na lama aí a mamãe chamou para tomar banho e se deitar e para almoçar. 36-E foi para o médico e ele disse que era muito tarde, tarde demais e aí o leão foi pra casa e melhorou e viveram felizes para sempre. 37-Ele disse [o médico] que era tarde demais. Aí o leão foi e dormiu doente e aí foi se acordou e tomou um comprimido e aí ele foi e melhorou. E aí eles se abraçaram e viveram felizes para sempre.	5-“Era tarde demais... e tomou o comprimido e melhorou”: o desejo do outro mediando e ressignificando a imaginação e a criatividade
	22-O leão e o ratinho estavam em uma aventura na floresta, o leão está preso. Você pode me ajudar? Você é tão pequenininho, mas porque o ratinho é muito inteligente aí ele pediu ao senhor Deus da floresta.	
O que é bondade? (Professora) O que é ser amigo? (Professora)	10-Pedir desculpas. 19-Eu dividi o brinquedo com o coleguinha e ele disse obrigado . 18-Quando a pessoa está perto do amigo, se ele não quiser sentar perto do amigo, se ele afastar a cadeira. Aí, Outono não quer ser amiga de Aninha. Aí eu digo Outono seja amiga de Aninha, aí Outono tomou o brinquedo de Aninha, mas tem que pedir por favor . Aninha me der o brinquedo, por	

	<p>favor, outono deu o brinquedo a Aninha e fim.</p>	<p>1 Obrigado, por favor,...: as palavrinhas mágicas como condição de ser e estar no mundo humano</p>
	<p>56-Depois ele deu um pulo na piscina e ficou muito feliz com o ratinho. E ele agradeceu ao leão. Obrigado, leão!</p>	
	<p>97-Então o ratinho pediu ao senhor Jesus da floresta, pediu: - por favor, deixe eu ir! Vou ser bonzinho com os animais</p>	
<p>Quem ajudou o leão? (Professora)</p>	<p>34-O Ratinho. Porque ele comeu pepino, verdura, alface, cenoura! Vou desenhar a cenoura... Ele comeu muita verdura e ficou muito forte aí levou o leão até o médico.</p>	
	<p>35-Faça o médico, a doutora e o médico, Verão.</p>	
	<p>38-Eles comeram alface, feijão, verdura.</p>	
	<p>39-Não, foi só o leão [que comeu] porque ele estava muito magrinho (não entendi)</p>	
	<p>40-O leão é mais fortão</p>	<p>2-O enredo: o mundo natural e social por meio dos projetos escolares: alimentação saudável, meio Ambiente, noções lógico-matemáticas.</p>
<p>- O que você desenhou? (Professora)</p>	<p>41-E aí, eles [o leão e o ratinho] foram pra casa e comeram uma bela sopa com feijão, cuscuz, alface e verdura e ai eles [o leão e o ratinho] se abraçaram e viveram felizes para sempre.</p>	
	<p>52-Ele [o leão] desligou o chuveiro.</p>	
	<p>53-Para não gastar muita água.</p>	
	<p>54-Por que é caro.</p>	
	<p>55- Porque não está saindo água em toda "B".</p>	
	<p>64-O carrinho só tinha um picolé.</p>	

	65-Mas o vendedor foi buscar mais picolé	
	22-Você é tão pequenininho, mas porque o ratinho é muito inteligente aí ele pediu ao senhor Deus da floresta.	
	72-Depois eles se mudaram foi para um prédio bem alto,	
	96-O ratinho... e o leão era maior e o ratinho queria fugir de um gavião.	
	86-Depois [o leão e o ratinho] pegaram maçã e comeram e depois foram para dentro porque estava chovendo, e depois [o leão e o ratinho] foi para escola.	
	74-O rabo do leão amarrou o ratinho, ele foi andando, então eles foram para escola.	
- O que você desenhou? (Professora)	75-Eles brincaram, desenharam, atividade	
	93-[o leão e ratinho] Fizeram dever, pintaram, muitas coisas diferente, [o leão e o ratinho] prestou atenção na professora.	
	94-Eles não ficaram prestando atenção na professora aí a professora disse: - fique prestando atenção porque já começamos.	
	95-Aí a professora começou e eles ficaram brincando e viveram felizes para sempre.	
	87-Eles [o leão e o ratinho] foram estudar, pintar o desenho do pônei	

	<p>88-Depois eles ouviram uma música. Borboletinha está na cozinha, fazendo chocolate pra madrinha! Poti - Poti perna de pau, olho de vidro, nariz de pica pau, pau.</p> <p>80-Eles correram, mas não bateram no coleguinha pois é falta de educação, porque não pode bater no coleguinha e a professora fica muito triste.</p>	<p>3-Espaço escolar: historicamente constituído na dialética entre ensinar e aprender</p>
	<p>81-Fizeram a atividade de Mogli. Ele sabia todos os nomes.</p>	
	<p>82-Deixa eu cantar: A.B.C,Q,Q,S,G, H. I, J H, Q,U, S, W, X, Y, Z agora eu sei o a,b,c que gostoso aprender...</p> <p>75-Eles brincaram, desenharam, atividade.</p>	
	<p>76-Desenharam um jacaré um tubarão</p>	
	<p>77-Eles contaram historinha do Mogli</p>	
<p>- Como terminou essa história? (Professora)</p>	<p>71-Eles correram, mas não bateram no coleguinha, pois é falta de educação, porque não pode bater no coleguinha e a professora fica muito triste.</p> <p>95-Aí a professora começou e eles ficaram brincando e viveram felizes para sempre.</p> <p>93-Fizeram dever, pintaram, e muitas coisas diferente, prestou atenção na professora.</p> <p>94-Eles não ficaram prestando atenção na professora ai a professora disse: Fique</p>	

	prestando atenção porque já começamos.	
	45-E [o leão e o ratinho] foram para uma praia enorme. 46-[O leão foi para uma praia enorme] Mais o ratinho e a mãe, e a mãe do leão.	

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
1-Amizade caracterizada pela condição das trocas de favores.	1- A ARTE DE OUVIR E CONTAR HISTÓRIAS: APROPRIAÇÃO DAS OBJETIVAÇÕES HISTÓRICAS.
2-“Bondade é amar sua família, seus pais irmãos todo mundo dessa cidade’: constituídas nas relações em atividade.	
3-“Viveram felizes para sempre” : amizade e afetividade	
4-“Amizade e brincadeira no reino dos animais”: formando conceitos.	
5-A linguagem e o poder de afetar e ser afetado pelo outro na produção imaginativa e criativa.	
1-“Pedra, papel, tesoura”: brincadeira atividade cultural e social.	2- DESENHOS: CORES E TRAÇOS DA INFÂNCIA
2-A família com o papel de cuidar e educar	
3-Atividades infantis a arte de imitar a vida por meio do brincar, desenhar e contar.	
4-Infância vivências e experiências dentro e fora da escola	
5-“Era tarde demais... e tomou o comprimido e melhorou”: o desejo do outro mediando e ressignificando a imaginação e a criatividade	
1 Obrigado, por favor,...: as palavrinhas mágicas como condição de ser e estar no mundo humano	3- ERA UMA VEZ.... MEDIações DAS ATIVIDADES ESCOLARES
2-O enredo: o mundo natural e social por meio dos projetos escolares: alimentação saudável, meio Ambiente, noções lógico-matemáticas.	
3-Espaço escolar: historicamente constituído na dialética entre ensinar e aprender	
4-“Fique prestando atenção”: a criança imaginando o papel da professora na regulação do comportamento dos coleguinhas.	

ANEXOS

ANEXO A - A lebre e a tartaruga.

Desenho produzido por uma criança do Infantil I como resultado da pesquisa científica da professora pesquisadora da turma do Infantil I, realizada em uma Unidade de Educação Infantil da cidade de Mossoró, realizada em 2018.

ANEXO B - Desenho do ratinho no quintal produzido por Outono.

Desenho produzido por uma criança do Infantil I como resultado da pesquisa científica da professora pesquisadora da turma do Infantil I, realizada em uma Unidade de Educação Infantil da cidade de Mossoró, realizada em 2018.

ANEXO C - Desenho produzido por Verão. (O ratinho levando o leão ao hospital).



Desenho produzido por uma criança do Infantil I como resultado da pesquisa científica da professora pesquisadora da turma do Infantil I, realizada em uma Unidade de Educação Infantil da cidade de Mossoró, realizada em 2018.

ANEXO D - Desenho feito por Inverno retratando o Leão e o Ratinho em uma aventura na floresta.



Desenho produzido por uma criança do Infantil I como resultado da pesquisa científica da professora pesquisadora da turma do Infantil I, realizada em uma Unidade de Educação Infantil da cidade de Mossoró, realizada em 2018.